

TU, PORÉM!

Estudos nas
Cartas Pastorais

Danilo César de
Freitas Fernandes

TU, PORÉM!

Estudos nas
Cartas Pastorais

Danilo César de
Freitas Fernandes





 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

Conselho Editorial

Todo o conteúdo dos capítulos desta obra, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores.

O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores.

Editora

Editora FMB

Direção Editorial

Edilson Castro

Coordenação Editorial

Julyanne Castro

Autor

Danilo César de Freitas Fernandes

Projeto Gráfico e Diagramação

André Macário



 editora.faculdadefmb.edu.br



Todos os direitos desta edição reservados para: Editora FMB Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Grupo Educacional Korban

F363t

Danilo César de Freitas Fernandes

Tú, Porém! Estudos nas Cartas Pastorais [recurso eletrônico]
Danilo César de Freitas Fernandes. -- Baturité, CE: FMB, 2024.

Disponível em Formato PDF.

1. Religião I. Teologia II. Cartas Pastorais III. Título.

CDD-253.5

Ficha catalográfica elaborada por:

Camila Alves Cavalcante - Bibliotecária - CRB-3/1620



Danilo César de Freitas Fernandes

Pastor e professor com mais de 20 anos de experiência.

Pastor titular na MEPB Jacareacanga – Fortaleza . CE

Casado com Ana; pai de: Caio, Júlio e Karol

Graduado em Teologia - Faculdade João Calvino

Pós-graduado em Teologia - Faculdade Estácio de Sá

Licenciado em História - Universidade Federal do Ceará - UFC



Resumo



Nas páginas deste livro, adentramos um terreno de profunda reflexão e orientação para a jornada da fé cristã. Aqui, mergulhamos nas Cartas Pastorais, um conjunto de epístolas que oferecem não apenas um vislumbre do contexto e das personalidades do primeiro século, mas também diretrizes atemporais para a condução da vida cristã e da liderança eclesiástica. Ao longo das páginas que se seguem, exploraremos os principais tópicos abordados nessas cartas, desde a importância do estudo das Epístolas Pastorais até as qualificações dos líderes cristãos, passando pela organização da igreja, influências culturais e a busca incessante pela excelência na vida cristã. À medida que nos aprofundamos nesses temas, somos convidados a refletir sobre a relevância desses ensinamentos para a nossa própria jornada espiritual. Como líderes e membros de comunidades cristãs, somos desafiados a aplicar os princípios aqui apresentados em nosso cotidiano, buscando a excelência em nossa fé, serviço e testemunho. Que este livro sirva não apenas como um guia, mas como um farol de inspiração e sabedoria, guiando-nos na busca por uma vida cristã plena e significativa, enraizada na sã doutrina, no amor ao próximo e na constante busca pela excelência que honra a Deus e edifica sua igreja.

Palavras-chave: Epístolas Pastorais; Liderança eclesiástica; Qualificações dos líderes; Excelência na vida cristã; sã doutrina.

Sumário

Página 8
Em Busca
da Excelência

Página 16
A Igreja para
as Eras

Página 23
A Eficácia da Graça
de Deus

Página 31
Ordem do Culto
Público

Página 38
Qualificações
para a Liderança

Página 47
Atente-se ao
Ensino Falso!

Página 54
Responsabilidades
Pastorais

Página 63
O Servo
de Deus

Página 73
Quando o Assunto
é Dinheiro

Página 82
Não Te
Envergonhes!

Página 91
Seja Diligente

Página 100
Ideais do
Líder Cristão

Página 108
Capacitado para
as Boas Obras

Página 117
Pregue a
Palavra!

Página 125
Um Líder Digno
de ser Seguido

Página 131
Aprendizagem
Pela Graça

Página 138
Conduta no Mundo
o Desafio Social
dos Cristãos

Em Busca da Excelência

1

Texto Básico:

Paulo, o apóstolo de Cristo Jesus, comissionado por Deus, nosso Salvador, e por meio de Cristo Jesus, nossa fonte de esperança." (1 Timóteo 1.1).

Leitura Semanal

Segunda:	At 16.1-10
Terça:	1Co 4.14-21
Quarta:	1Ts 3.1-13
Quinta:	At 20.1-6
Sexta:	2Co 7.1-16
Sábado:	Fp 2.19-30
Domingo:	2Co 8.1-24

Objetivo da lição:

Procurar entender o contexto histórico e cultural da época em que as cartas foram escritas, bem como as personagens nelas envolvidas e sobre as temáticas principais que carregam.

Introdução

Liderar uma comunidade religiosa é uma tarefa desafiadora. Se as congregações fossem compostas apenas por indivíduos perfeitos – emocionalmente e espiritualmente maduros, imunes à tentação e desprovidos de orgulho, a responsabilidade pastoral seria consideravelmente mais leve e simples. No entanto, essa não é a realidade. Orientar e zelar por um grupo de pessoas imperfeitas exige uma abordagem equilibrada, impregnada de graça, sabedoria e amor provenientes de Deus. Como membros da igreja, é imperativo criar um ambiente acolhedor para os pecadores, ao mesmo tempo em que mantemos uma postura inabalável contra o pecado, o erro e qualquer forma de engano. Devemos ser atrativos para os outros, sem comprometer os princípios fundamentais da Bíblia.

I. Qual é a importância do estudo das Epístolas Pastorais
devemos considerar o estudo das Epístolas Pastorais porque
elas oferecem insights valiosos sobre questões cruciais relacionadas
à administração da igreja.

São significativas, pois oferecem diretrizes cruciais sobre a celebração pública da fé e as características essenciais exigidas dos líderes cristãos, que podem assumir papéis como pastores, bispos, presbíteros ou diáconos. Além disso, tratam da responsabilidade da comunidade cristã em atender às necessidades dos menos favorecidos, incluindo orientações para o aconselhamento de idosos, mulheres mais maduras, viúvas e jovens.

Porque enfatizam
a sã doutrina

A relevância reside na congruência entre as crenças e práticas da igreja e o ensinamento das Escrituras Sagradas. Isso nos capacita a identificar e enfrentar heresias, bem como a lidar com aqueles que divergem da doutrina correta e buscam relativizar, diluir ou acrescentar ensinamentos ou práticas que não estão alinhados com a Palavra de Deus.

II. As Personalidades

As Epístolas Pastorais formam um conjunto distinto dentro das escrituras de Paulo, e foram enviadas a dois de seus colaboradores mais confiáveis. Elas receberam o nome "Pastorais" no século 18 devido ao fato de serem direcionadas a líderes e pastores, enfocando principalmente seus deveres pessoais e, posteriormente, suas responsabilidades na igreja e questões doutrinárias.

Timóteo, uma figura notável do Novo Testamento, era de origem gentia e se converteu ao cristianismo. Ele se juntou a Paulo durante sua Segunda Viagem Missionária e já era considerado um cristão de destaque quando se uniu a ele. Timóteo se tornou um companheiro constante de Paulo, colaborando em várias cartas e realizando missões importantes, incluindo Tessalônica e Corinto. Paulo o tinha em alta estima, chamando-o de "colaborador" e "filho amado e fiel no Senhor".

Quanto a Tito, nossas informações são mais limitadas, mas ele também parece ter sido convertido por Paulo e desfrutado de sua completa confiança. Sendo de origem gentia, ele acompanhou Paulo durante sua Segunda Viagem Missionária para Jerusalém, onde houve uma tentativa, embora malsucedida, de circuncisão. Mais tarde, Tito foi enviado por Paulo como um enviado especial para a conturbada igreja em Corinto, onde conseguiu restaurar a lealdade e a obediência da comunidade. Embora não tenha tido a mesma proximidade com Paulo que Timóteo, Tito demonstrou habilidade na resolução de situações difíceis e serviu por um período mais longo.

Conforme evidenciado nas cartas, Timóteo e Tito são temporariamente considerados "delegados apostólicos" encarregados das igrejas em Éfeso e Creta, respectivamente. A carta a Tito revela que Paulo e seu correspondente já haviam realizado uma missão conjunta em Creta. Enquanto Paulo partia para a Grécia, com a intenção de passar o inverno em Nilópolis, Tito permaneceu em Creta para estabelecer um ministério bem-organizado em toda a ilha e combater os falsos ensinamentos que estavam se disseminando na região. O envolvimento de Tito parece ter sido de menor duração, já que Paulo planejava se reunir com ele em Nicópolis.

III. Importância das Pastorais

Ao examinarmos a natureza das Cartas Pastorais, percebemos um interesse e uma importância notáveis. Estas se distinguem das demais correspondências de Paulo, pois são direcionadas a indivíduos em vez de comunidades eclesiais. Adicionalmente, destacam-se da carta a Filemon, pois têm um caráter oficial em diferentes graus, abordando questões além do âmbito pessoal.

Essas cartas oferecem uma visão esclarecedora de aspectos da vida e atividades do apóstolo Paulo que frequentemente passam despercebidos em sua correspondência usual. Elas proporcionam insights sobre seus relacionamentos com colaboradores íntimos e de confiança, evidenciam sua atenção aos detalhes administrativos, sua abordagem de questões práticas e as novas ênfases em sua teologia posterior.

Além disso, as Cartas Pastorais oferecem fascinantes perspectivas sobre a vida e a organização da igreja naquela época, bem como as distorções doutrinárias que Paulo teve que enfrentar. No contexto da vida de Paulo, essas cartas possuem um valor inestimável para entender seus movimentos e atitudes nos últimos anos de sua carreira.

IV. Autoria

A confirmação da autoria e autenticidade apostólica das Cartas Pastorais por meio de evidências externas é de extrema importância. Sua aceitação durante a era apostólica e nos primeiros anos do século II d.C. é tão sólida quanto a de qualquer outra carta de Paulo. Trechos em obras como a Primeira Clemente e, de maneira ainda mais convincente, nas cartas de Inácio, apresentam notáveis semelhanças com passagens nas Cartas Pastorais, tornando difícil negar uma influência direta. Alguns chegaram até a sugerir que o autor das Cartas Pastorais poderia ter sido o copista dessas outras obras.

Por outro lado, é amplamente reconhecido que Policarpo de Esmirna estava familiarizado com as Cartas Pastorais e as citou em sua carta aos Filipenses. Desde meados do século II d.C., essas cartas têm desfrutado de uma posição consolidada, sendo indubitavelmente atribuídas a Paulo por autores como Irineu, Tertuliano, o Cânon

Muratoriano e Clemente de Alexandria. As Cartas Pastorais são distintas em seu foco na qualificação e ministério de pastores, bispos e presbíteros. No entanto, a organização da igreja não é delineada tão claramente quanto desejável. Historicamente, essas cartas foram utilizadas para combater distorções e heresias, embora em algumas ocasiões tenham sido aplicadas de maneira rigorosa por radicais que combatem uma variedade de desvios. Elas enfatizam a promoção da "verdade" e a resistência aos "erros", mantendo o Senhor Jesus Cristo no centro dessa verdade.

As Cartas Pastorais exortam os crentes a uma devoção intensa e incansável a Cristo e ao evangelho, encorajando até mesmo o martírio, se necessário (2Tm 4.6-8). Com base nas evidências internas sobre a autoria, não há motivo para duvidar que o autor seja o apóstolo Paulo.

V. Data e Ocasão



1 Timóteo: Durante sua estadia na Macedônia, por volta de 62-64 d.C., Paulo redigiu a primeira carta a Timóteo. A necessidade de deixar Timóteo em Éfeso surgiu devido à presença de falsos mestres na cidade, o que é mencionado em 1 Timóteo 1.3. É relevante destacar que Paulo estabeleceu a Igreja de Éfeso no início de sua Terceira Viagem Missionária, onde permaneceu por cerca de três anos (Atos 19; 20.31).

Considerando dois períodos de encarceramento de Paulo, ele teria sido libertado do primeiro por volta de 62 d.C. De acordo com a tradição posterior, ele foi novamente preso (66-67 d.C.) e eventualmente martirizado durante o reinado de Nero, que faleceu em 68 d.C. Acredita-se que a Primeira Epístola a Timóteo tenha sido escrita por Paulo durante sua Quarta Viagem Missionária, possivelmente no início desse período.

2 Timóteo: A segunda carta a Timóteo foi redigida por Paulo durante seu segundo encarceramento em Roma, por volta de 64-68 d.C., conforme indicado em 2 Timóteo 1.8 e 2.9. As circunstâncias e o motivo exato de sua prisão não são totalmente conhecidos. Paulo enfrentou a falta de apoio em sua audiência preliminar (2 Timóteo 4.16) e estava ciente de que seu julgamento resultaria em execução (2 Timóteo 4.6).

Tito: Assim como a Primeira Epístola a Timóteo, a Epístola a Tito foi escrita por Paulo durante sua Quarta Viagem Missionária, provavelmente entre os anos de 62-64 d.C. Ele escreveu a Tito da Macedônia (Tito 3.12), durante uma parte inicial dessa viagem. Anteriormente, tanto Paulo quanto Tito estiveram envolvidos em atividades missionárias na ilha de Creta. O propósito da carta a Tito era encorajá-lo a concluir seu ministério na ilha.

VI. Características e Temas

As três Cartas Pastorais merecem destaque devido ao seu foco na organização da igreja. Elas oferecem uma descrição abrangente das qualidades necessárias para os "bispos", anciãos ou presbíteros da igreja (1 Timóteo 3.2-7). Além disso, fazem uma distinção entre dois tipos de pastores/bispos/presbíteros: aqueles que lideram e aqueles que ensinam (1 Timóteo 5.17). As cartas também fornecem orientações sobre o sustento e a disciplina dos anciãos (1 Timóteo 5.17-20) e apresentam a única descrição explícita no Novo Testamento das qualificações para os diáconos (1 Timóteo 3.8-10,12-13). Paulo oferece conselhos práticos sobre como um líder da igreja deve agir, tornando essas cartas uma fonte valiosa de orientação. Além disso, as Cartas Pastorais enfatizam a importância da sã doutrina (1 Timóteo 1.10; 3.9; 4.6; 6.3) e incluem meditações teológicas sobre a salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo. Essas meditações abordam temas como a salvação pela graça (1 Timóteo 1.13-16), a exclusividade de Cristo como Mediador entre Deus e o homem (1 Timóteo 2.5) e a expiação vicária de Cristo (1 Timóteo 2.6). Além disso, as cartas contêm uma meditação poética sobre a obra de Cristo, incluindo sua encarnação, ressurreição e ascensão (1 Timóteo 3.16), antecipam a segunda vinda de Cristo (1 Timóteo 6.14) e apresentam uma doxologia (1 Timóteo 6.15-16). Também ampliam o conceito de "Escritura" para incluir elementos da revelação do Novo Testamento (1 Timóteo 5.18 e Lucas 10.7).

Essas cartas abordam questões relacionadas às mulheres (1 Timóteo 2.9-15), oferecem orientações sobre o cuidado adequado das viúvas na igreja (1 Timóteo 5.3-16) e fornecem informações contextuais sobre Timóteo, incluindo possíveis referências ao seu batismo (1 Timóteo 6.12) e ordenação (1 Timóteo 1.18; 4.14).

A "2Timóteo" tem um tom mais pessoal e parece ser a última das três em termos de data. Nela, Paulo escreve enquanto está em prisão rigorosa em Roma, aguardando sua execução iminente. Timóteo ainda está em Éfeso, onde enfrenta desafios com a presença de falsos mestres. A carta contém conselhos pessoais de Paulo a Timóteo, incentivando-o a perseverar em seu ministério, independentemente das dificuldades. Paulo expressa seu desejo pela presença de Timóteo e o insta a visitá-lo antes do início do inverno. A carta reforça a importância da sã doutrina (2 Timóteo 1.13,14; 2.2; 4.3) e inclui meditações teológicas sobre a graça de Deus (2 Timóteo 1.9-11), a fidelidade de Cristo (2 Timóteo 2.11-13) e a natureza e a função das Escrituras (2 Timóteo 3.15-17). Também trata de temas como a salvação pela graça (2 Timóteo 1.9), eleição (2 Timóteo 1.9; 2.10,19) e a inspiração divina das Escrituras (2 Timóteo 3.16). A carta menciona a ressurreição (2 Timóteo 2.8) e a segunda vinda de Cristo (2 Timóteo 4.1,8).

Quanto à carta a Tito, semelhante a 1 Timóteo, ela oferece informações sobre a organização da igreja. Tito lista as qualificações para o ofício de bispo/presbítero/pastor (Tito 1.6-9) e evidencia que os termos "bispo" e "presbítero" se referem ao mesmo ofício e não a funções distintas. Assim como em 1 Timóteo, Tito enfatiza a sã doutrina (Tito 1.9,13; 2.1,2) e apresenta meditações teológicas sobre a graça oferecida por Deus por meio de Jesus Cristo (Tito 2.11-14; 3.4-7). Paulo, em Tito, equilibra a ênfase na sã doutrina com a importância da conduta cristã adequada. Para ele, esses dois aspectos estão intrinsecamente ligados e devem ser mantidos em equilíbrio.

As Cartas Pastorais oferecem uma visão abrangente das responsabilidades e padrões éticos na liderança eclesial, fornecendo orientações valiosas para a estruturação das igrejas. Elas destacam a importância de líderes que sejam exemplares tanto em suas crenças quanto em suas ações, promovendo a unidade e a integridade dentro das comunidades cristãs.

Além disso, as cartas apresentam meditações teológicas profundas, abordando temas cruciais da fé cristã, como a graça salvífica, a centralidade de Cristo e a inspiração divina das Escrituras. Essas meditações não apenas fortalecem a base teológica das comunidades locais, mas também fornecem um alicerce sólido para a fé individual dos crentes.

No contexto das Cartas Pastorais, cada uma desempenha um papel

específico na orientação das igrejas e na instrução dos líderes sobre como preservar e transmitir a verdadeira doutrina cristã. Elas continuam a ser uma fonte valiosa de inspiração, ensinamento e orientação para as comunidades cristãs, oferecendo um quadro abrangente das responsabilidades e desafios enfrentados pelos primeiros líderes da igreja.

Conclusão



Podemos reconhecer a relevância dessas escrituras para o nosso tempo e entender como devemos modelar a vida da igreja, aspirando a um compromisso e padrões elevados. Devemos constantemente resistir a tudo o que ameace a integridade do Evangelho e nos tornar instrumentos nas mãos do Senhor, esforçando-nos continuamente para compreender e viver a verdade de Deus.

A Igreja para as Eras

21

(1Tm 1.1-11)

Texto Básico:

“Esta sã doutrina encontra-se no glorioso Evangelho que me foi outorgado, a saber, o Evangelho do Deus bendito!” (1Tm 1.11)

Leitura Semanal

Segunda:	Rm 7.1-25
Terça:	1Co 13.1-13
Quarta:	Rm 5.1-11
Quinta:	Mc 12.28-34
Sexta:	Tt 1.5-16
Sábado:	2Tm 4.1-5
Domingo:	Tg 2.14-26

Objetivo da lição:

Entender que os falsos ensinamentos nunca cessaram e no passar dos anos cada vez mais se fortalecerão. Descobrir que a luta da igreja para manter a sã doutrina é sempre atual e quando o Evangelho é anunciado de forma genuína o amor de Deus é manifesto tanto na congregação como no mundo.

Introdução

Trataremos aqui acerca dos falsos mestres e seus ensinos bem como a atitude da Igreja e de seus líderes para combater tais mazelas. Trataremos da pregação do Evangelho e do amor que é o vínculo da perfeição para vencermos o as heresias que sobrevivem em nossos dias.

I. Saudação (1Tm 1.1,2)

A carta se inicia com uma calorosa saudação entre dois amigos íntimos. Paulo, um apóstolo experiente marcado pelas cicatrizes do ministério, escreve como alguém familiarizado com os desafios e as dificuldades dessa vocação. Ao se autodenominar "apóstolo de Cristo Jesus" no versículo 1, Paulo destaca que não é apenas um representante local da igreja, mas um "embaixador" e o "representante legal" pessoalmente escolhido pelo Senhor Jesus. Sua missão é testemunha a ressurreição de Cristo e proclamar o Evangelho.

Essa ênfase na posição apostólica é crucial para dar peso à sua mensagem, especialmente diante da possível leitura pública em Éfeso, onde Paulo enfrentava oposição. Embora Timóteo fosse um colaborador leal, Paulo reforça a autoridade que recebeu diretamente de Deus, transmitida a Timóteo quando o enviou para Éfeso.

Ao chamar Timóteo de "verdadeiro filho na fé", Paulo destaca o relacionamento de confiança e afeição, lembrando que participou de sua conversão e o ordenou para o ministério. No versículo 2, Paulo pronuncia bênçãos de "graça, misericórdia e paz da parte de Deus o Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor". A graça representa o favor imerecido de Deus no coração de Timóteo, enquanto a paz é a consciência de sua reconciliação com Deus por meio de Cristo.

Essas bênçãos têm sua origem em Deus o Pai e foram "merecidas" para o crente por meio de Cristo Jesus, o Senhor. A graça é a fonte, e a paz é o fluxo que emana dessa fonte, como expresso em Romanos 5.1. Essa saudação inicial estabelece não apenas a autoridade apostólica de Paulo, mas também a base da relação de Timóteo com Deus através da graça e paz proporcionadas por Cristo.

II. Advertência contra os Falsos Mestres (1Tm 1.3-11)

A missão de Timóteo é prontamente delineada na carta, pois o propósito é advertir certas pessoas para que não ensinem doutrinas diferentes. Em termos simples, ele deve tomar uma posição firme contra a propagação de ensinamentos incorretos. O verbo "advertir" (paraggellein) usados aqui é um termo de natureza militar, implicando a emissão de ordens rigorosas. A posição que Timóteo ocupa é de autoridade, pois é comissionado por Paulo como um "delegado apostólico" (um líder com funções pastorais, semelhante a Tito), permitindo-lhe adotar uma abordagem mais assertiva na tomada de decisões na congregação. Paulo fornece quatro orientações específicas em relação à liderança de Timóteo:

Primeira: "Permanece" (1.3)

A instrução fornecida a Timóteo é clara: ele deve manter-se firme, resistir e nunca desistir de lutar pela saúde espiritual da congregação local. Mesmo diante dos desafios que possa enfrentar, Timóteo é encorajado a não retroceder. Servir em uma comunidade carente de apoio para o líder é uma tarefa árdua. Embora existam razões válidas para um pastor considerar deixar seu cargo em busca de novos desafios, muitas vezes os líderes buscam outras oportunidades devido a desafios que os fazem sentir-se desamparados, não valorizados e isolados. Em Éfeso, a situação era complexa, e Paulo estava ciente disso. Ele instigou Timóteo a permanecer inabalável em sua missão, mesmo diante de ataques e dificuldades.

A carta aborda questões internas na comunidade, especialmente ligadas aos seguidores do erro em Éfeso. Essas pessoas careciam de discernimento e ponderação, difundindo doutrinas equivocadas. A responsabilidade de Timóteo era confrontá-las e instruí-las a abandonar seus ensinamentos errôneos. Paulo destaca que não apenas devem interromper a propagação do erro, mas também corrigir suas distorções de pensamento, pois a disseminação de doutrinas falsas frequentemente resulta de uma compreensão distorcida.

Segunda: “transmite a verdade” (v.3,4)



Em uma abordagem adicional, Paulo aconselha Timóteo a comunicar a verdade de maneira assertiva e destemida. Ele sublinha a proibição de disseminar doutrinas falsas e inovações teológicas, enfatizando a importância de que o ensino esteja alinhado com as instruções recebidas dos apóstolos. Este princípio não se aplica apenas aos crentes em Éfeso, mas a todos nós que nos dedicamos à obra do Senhor. Independentemente do nosso chamado e local de ministério, é imperativo transmitir a verdade das Escrituras com coragem e confiança em sua autoridade. Paul incentiva Timóteo a evitar distrações decorrentes de mitos, genealogias e especulações infrutíferas que não contribuem para a edificação, mas, ao contrário, distorcem a compreensão da verdade.

As advertências de Paulo sublinham a relevância de preservar a pureza doutrinária e reforçam que as Escrituras constituem a base sólida para o ensino correto. Enfrentar as lutas contra o erro doutrinário é um desafio constante, porém é crucial permanecer ancorado firmemente na verdade do Evangelho.

Terceira: “Concentre-se no objetivo” (1.5)



Deus nos concede Sua Palavra, e em seguida, nos revela a razão pela qual devemos permanecer comprometidos em transmiti-la como a verdade suprema, cujo propósito fundamental é o amor. O amor serve como a motivação e a mensagem que o ministro compartilha com a congregação, sendo pregado e vivido tanto pelo líder da igreja quanto pelos membros, constituindo uma manifestação prática do amor em ação. A congregação testemunhará o amor em prática, modelado pelo ministro, e será orientada a replicá-lo uns para com os outros.

O ministro não instrui na verdade apenas para estar correto ou parecer erudito nas Escrituras. Embora a pureza doutrinária seja vital, o Senhor não deseja que a igreja seja meramente um depósito de conhecimento. A pureza doutrinária almeja cultivar um coração puro, uma consciência íntegra e uma fé sincera, liberta de hipocrisia. Isso, por sua vez, resulta no desenvolvimento do amor por Deus e pelos outros (1Tm 1.5, 19; 3.9; 4.2).

Essa administração divinamente ordenada, originada em Deus e requerida por Ele, está centralizada no exercício ativo da fé, com o objetivo de multiplicar os frutos da mesma. Portanto, a meta é o "amor", não uma exposição vazia de conhecimento especulativo. O amor constitui o cumprimento da lei, abrangendo tanto o amor a Deus quanto o amor ao próximo (Marcos 12.30,31), sendo a essência do evangelho.

Alguns indivíduos, ao envolverem-se em discussões teológicas, desviaram-se da verdadeira fé cristã e falharam em manifestar amor e boas obras. Paulo descreve tais discussões como "sem propósito" e "sem valor algum", ou seja, diálogos vazios e infrutíferos. Um ministro do Evangelho deve fundamentar seu ensino na sã doutrina, evitando debates filosóficos vazios. O ensino deve ser embasado em uma exegese sólida e hermenêutica cuidadosa, voltado para aplicação prática e adaptado às necessidades da congregação. A aplicação prática impede que o ensino seja desprovido de propósito ou vazio.

Essas pessoas que se desviaram da verdadeira fé cristã erraram em relação aos seus objetivos adequados, que eram "um coração puro, uma consciência reta e uma fé sincera". Em vez disso, envolveram-se em discussões infrutíferas que não conduziram ao amor, assemelhando-se a atiradores que erram o alvo ou viajantes que se desviam do caminho certo, ignorando as sinalizações ao longo da estrada. O caminho que seguiram não é um simples desvio que os levará de volta à estrada principal, mas parece mais uma rua sem saída, um pântano de conversas fúteis, raciocínios inúteis e argumentações desprovidas de propósito.

Quarta: "Lembre-se do padrão" (1.8-11)

Entretanto, para evitar que alguém pensasse que Paulo estava minimizando a importância do ensino e do estudo diário da Lei, ele acrescenta: "Sabemos que a lei é boa, se alguém a usa de maneira adequada" (1Tm 1.8; Rm 7.7, 12). Paulo utiliza a expressão "Sabemos" para destacar sua intenção de que essa compreensão seja clara para Timóteo e, por extensão, para os crentes em Éfeso, especialmente aqueles que promoviam doutrinas errôneas e falsas. A declaração "Sabemos que ela não é feita para os justos" (1Tm 1.9) era exatamente o ponto que os falsos mestres em Éfeso estavam ignorando.

Essas pessoas estavam engajadas em discutir fábulas e genealogias de antepassados, pois não haviam reconhecido a própria pecaminosidade diante de Deus. Estavam repletas de orgulho, arrogância, vaidade, insubordinação e confiança em sua própria retidão (Tt 1.10). Esse era o grande pecado delas, conforme Paulo enfatiza repetidamente. Falta-lhes humildade e um senso de culpa. Mesmo ao estudar a santa Lei de Deus com seus preceitos e mandamentos fundamentais, permaneciam indiferentes, como se a Lei não tivesse aplicação em suas vidas. Esses seguidores do erro deveriam questionar-se se não se encaixavam nesse retrato.

Paulo reconhece que a Lei do Senhor também se aplica a ele mesmo, mas a diferença crucial é que os mestres da falsa doutrina em Éfeso se recusavam a reconhecer isso (1Tm 1.9, 10). A primeira palavra apropriada que ele utiliza é "transgressores". Isso não se refere a pessoas que ignoram a Lei, mas àquelas que vivem como se a Lei não tivesse relevância, fazendo o que lhes apraz, separando-se das exigências básicas da Lei e recusando-se a se submeter ao governo de Deus, que promulgou a Lei. Em sua prática, essas pessoas tornam-se ímpias, irreverentes e profanas.

Paulo destaca que essa sã doutrina é encontrada no glorioso Evangelho que lhe foi confiado, ou seja, o Evangelho do Deus bendito (1Tm 1.11). Esse versículo abrange os três versículos anteriores, afirmando que o ensinamento sobre o papel limitado da lei não é uma mera opinião pessoal de Paulo, mas faz parte da revelação que ele recebeu do Senhor, enfatizando a autoridade divina de sua mensagem. O Evangelho proclama a "glória do Deus bendito" ao revelar, na pessoa de Cristo, o poder, a majestade e a compaixão divina, em contraste com a Lei.

Conclusão



O termo "evangelho da glória" indica que as boas notícias são o critério pelo qual todo ensinamento deve ser avaliado. Em outras palavras, a expressão "sã doutrina" (v.10) tem como base o evangelho da glória. A sã doutrina fundamenta-se no Evangelho, que serve como a norma e o padrão essenciais.

Paulo defende a Lei como algo bom e como uma expressão do caráter sagrado de Deus, dada à humanidade com o propósito de redenção. Deus nos deu a lei para que possamos examinar a nós mesmos à luz de seu padrão justo, reconhecer nossas falhas e, em seguida, voltar-nos para Ele em arrependimento para receber graça e perdão.



Aplicação

1. Que mudanças específicas você precisa fazer na sua vida diária para viver com “boa consciência”?
2. Pense sobre como ocorreu a sua salvação. Como você pode usar a essa experiência para incentivar outras pessoas nesta semana?
3. Paulo considerava Timóteo como “filho”; o disciplinou, sendo seu mestre na fé. Quem poderia atuar como “Paulo” para você? Quem poderia colocar você sob suas asas como “Timóteo”?

A Eficácia da Graça de Deus

3 f

(1.12–20)

Texto Básico:

“Esta afirmação é fiel e digna de toda aceitação, Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior” (1Tm 1.15).

Leitura Semanal

Segunda:	Lc 23.33-43
Terça:	Hb 10.26-39
Quarta:	At 3.11-26
Quinta:	Rm 5.12-21
Sexta:	1Co 5.1-13
Sábado:	At 19.23-41
Domingo:	2Tm 2.14-26

Objetivo da lição:

Compreender o chamado divino na vida de Paulo e sua conexão com o nosso próprio chamado. Reconhecer que, ao proclamar o evangelho, a graça de Deus é generosamente oferecida aos pecadores através de Jesus Cristo.

Introdução

Os importantes movimentos frequentemente têm início com um líder forte e uma mensagem inovadora. Esse padrão é comum no mundo e nem sempre é negativo. No entanto, Paulo deliberadamente se retirou desse papel, declarando de forma inequívoca que o evangelho não teve origem nele; trata-se das boas notícias da graça de Deus, que transformaram sua vida e o capacitaram para cumprir sua vocação.

I. Gratidão e Confiança (v.12)

Reconheço com profunda gratidão aquele que me concedeu fortaleza, nosso Senhor Cristo Jesus. Ele me considerou digno de confiança e me destinou ao ministério" (1Tm 1.12). A última parte do versículo 11, que faz referência pessoal, agora é esclarecida no versículo 12. O apóstolo une duas ideias cruciais: a) "Apesar de minha completa indignidade, fui comissionado para proclamar o evangelho da graça de Deus"; b) "Essa graça e misericórdia se manifestaram de maneira gloriosa em minha própria conversão", afirma Paulo. Ele reconhece profundamente sua incapacidade de expressar plenamente sua gratidão fervorosa.

Paulo oferece essa gratidão não a deuses, mas a "Cristo Jesus, nosso Senhor", o verdadeiro Deus (1Tm 1.2). Ele expressa sua gratidão a Cristo por três benefícios intimamente interligados:

a) Por conceder-lhe força, chamando a Cristo de seu "Capacitador" ou "Aquele que o Habilita";

b) Por considerá-lo "digno de confiança";

c) Por tê-lo "designado" para o "ministério" (o apostolado), o serviço dedicado ao Senhor com amor e devoção pessoal. Naturalmente, essas três ideias convergem em uma única experiência, pois a capacitação, a consideração favorável e a designação ocorreram simultaneamente.

II. Blasfemo, perseguidor e injuriador (v.13)



Se Paulo tivesse sido uma pessoa notável antes de sua conversão, o versículo 13 teria enaltecido suas virtudes. No entanto, Paulo expôs sua notável falta de méritos, descrevendo a si mesmo com três características negativas:

Um blasfemo: alguém que ofende outros com palavras, fala de maneira desrespeitosa das coisas sagradas e profana o divino.

Um perseguidor: alguém que persegue implacavelmente outros, aproveitando todas as oportunidades para atacar e, se necessário, destruir aqueles a quem persegue.

Um arrogante: alguém que trata os outros com desprezo, confiando excessivamente em si mesmo e agindo de maneira insolente.

Esses eram os termos que Paulo aplicava a si mesmo antes de sua conversão, usando-os para descrever sua postura negativa em relação a Deus e à igreja. Ele confessou sinceramente sua indignidade pessoal, sem tentar minimizar seus pecados. Ao reconhecer espontaneamente sua própria falta de mérito, ele realçou a imensurável graça de Deus. Paulo não se apresentou como uma autoridade no assunto, pois seu entendimento da graça não o tornava superior aos outros, mas, sim, destacava a necessidade que ele próprio tinha dela. A graça de Deus o alcançou de forma soberana e incondicional, e o mesmo se aplica a todos nós.

Paulo continuou a relatar seus pecados passados e sua falta de mérito, dizendo: "Fiz isso na ignorância e na incredulidade." Embora sua conduta anterior fosse terrível, ele não havia chegado ao ponto de pecar contra o Espírito Santo, cometendo um pecado voluntário contra um conhecimento mais profundo. Ele não havia ultrapassado o ponto de perdão, nem desejava permanecer naqueles pecados. Em sua incredulidade, ele acreditava sinceramente que estava fazendo a vontade de Deus ao perseguir os seguidores de Jesus. Portanto, houve perdão para ele, da mesma forma que houve perdão para aqueles que, movidos por ignorância, crucificaram o Príncipe da vida. A misericórdia e a compaixão divina foram estendidas a este ex-fariseu, membro do grupo legalista, que antes se vangloriava de sua suposta "misericórdia" para com os outros. Paulo era grato por Deus, em Sua graça, tê-lo considerado digno e o ter chamado para o ministério. Deus escolheu Paulo para essa honra e o fortaleceu para cumprir o ministério.

III. Graça que transborda (v.14)



Novamente, Paulo destaca a generosidade divina em seu favor. Ele não faz isso apenas para dissipar qualquer hesitação e expressar profunda gratidão, mas também para se defender contra as calúnias de seus adversários maliciosos, que procuravam difamar seu apostolado. Ao afirmar que a graça "transbordou" em sua vida, ele pretende mostrar que o passado foi completamente apagado, e ele foi absolvido de tal maneira que não estava em desvantagem em relação a qualquer outra pessoa que tenha experimentado a graça de Deus, mesmo que fossem considerados melhores que ele.

A graça divina, que "transborda com fé e amor" (v.14), indica o impacto da graça de Deus no coração e na vida de Paulo. A graça desperta a fé e o amor, inundando a alma com esses dons divinos. Para o apóstolo, essa combinação é uma fonte de alegria. Ele vê a graça como a raiz, a fé e o amor como o tronco, e as boas obras como o fruto da árvore da salvação. A fé e o amor que ele experimenta estão centrados exclusivamente em Cristo Jesus. Paulo possui essas graças por meio de sua união com Cristo, o Salvador.

IV. Fiel é a palavra (v.15)



A expressão mencionada aparece exclusivamente nas cartas pastorais, sendo usada cinco vezes (neste texto, 3.1, 4.9, 2Tm 2.11, Tt 3.8), identificando uma declaração fundamental para a vida da igreja. Não contente em apenas defender seu ministério contra infâmias e acusações injustas, Paulo agora utiliza a seu favor as possíveis acusações que seus inimigos poderiam lançar contra ele para reprovar sua conduta. Ele demonstra que foi proveitoso para a Igreja que ele tenha sido o tipo de homem que era antes de ser chamado para o apostolado, conferindo-lhe um penhor da graça divina. Ao transformar Paulo de um homem feroz e selvagem em um ministro e pastor, Cristo exemplificou extraordinariamente Sua graça, transmitindo a todos os homens a segura confiança de que o acesso à salvação não é vetado a ninguém, por mais graves e ultrajantes que sejam seus pecados.

Por que Deus interrompeu Saulo de Tarso no caminho de Damasco e assumiu o controle de sua vida para manifestar Sua graça? Segundo Paulo, o Filho de Deus entrou no mundo para salvar os pecadores, e ele mesmo era o exemplo mais notável de um pecador necessitado de salvação. "Cristo veio salvar os pecadores" (v.15); a palavra "pecadores" é enfatizada. Mesmo aqueles que reconhecem que a obra de Cristo é salvar admitem que é difícil acreditar que essa salvação pertence aos pecadores. Nossa mente tende a fixar-se em nossa própria dignidade, e assim que essa dignidade se concretiza, nossa confiança desvanece. Portanto, quanto mais uma pessoa sente o peso de seus pecados, mais corajosamente deve recorrer a Cristo, confiando no ensinamento de que "Ele veio para trazer salvação, não aos justos, mas aos pecadores" (Mc 2.17). Também é digno de nota que, neste versículo, Paulo fundamenta o que disse sobre si mesmo nesta verdade geral sobre a obra de Cristo, para que sua confissão não pareça absurda por ser algo incomum. "Dos quais eu sou o pior" (v.15). Não devemos interpretar que o apóstolo expressa uma falsa modéstia, pois sua intenção é confessar que não apenas era humilde, mas também expressar uma verdade que fluía do âmago de seu ser. Paulo sugere que nenhum outro pecador seria um sujeito melhor para demonstrar o magnífico poder transformador do Evangelho. Ele se chama de "exemplo" - um protótipo, um modelo, um padrão pelo qual o indivíduo pode se espelhar.

V. A paciência de Cristo para com o Pecador (v.16)



É precisamente aqui, no fato de ser ele o "primeiro" e o "pior" dos pecadores, que Paulo percebe a razão pela qual Deus o trata de maneira tão graciosa, proveniente de Sua "misericórdia", algo que já foi afirmado anteriormente (v.13). A longanimidade divina é, naturalmente, a disposição de Deus de suportar maus tratos, insultos e provocações. Esse fato foi notavelmente demonstrado na atitude de Cristo para com Paulo, pois, ao invés de puni-lo como merecia, escolheu fazer dele Seu vaso escolhido. Paulo, portanto, é a prova definitiva de que ninguém precisa desesperar-se quanto à possibilidade de a compaixão divina alcançá-lo. É importante lembrar que essa "tolerância" divina tem limites, e as ações daqueles com corações implacáveis serão severamente punidas pelo Senhor no dia de Sua visita.

VI. Deus seja Unicamente Adorado (v.17)

Este trecho representa o ápice do verso anterior, enfatizando que Deus é o soberano que governa todas as eras, desde a criação do mundo até o fim dos tempos, incluindo a era do Messias. A descrição de Deus como "incorrupível", indicando sua imunidade à decadência e sua imortalidade, reflete conceitos filosóficos gregos previamente utilizados por Paulo em Romanos 1.23. Quando o Senhor realiza uma transformação tão radical na vida de alguém, convertendo essencialmente um homicida fanático religioso em um seguidor exemplar de Jesus Cristo, a única resposta adequada é expressar louvor, gratidão e honra a Deus. Após revisitar seu próprio testemunho da misericórdia divina e da graça transformadora, Paulo irrompe em um cântico, integrando extensivamente as Escrituras hebraicas.

VII. A Batalha da Fé (v.18-20)

Paulo retorna ao tema abordado nos versículos de 1 Timóteo 1:3-7, mas agora, ele destaca menos o potencial de Timóteo para ter sucesso como seu representante e enfatiza mais a contínua fidelidade de Timóteo a Cristo. Ele faz uma notável comparação entre Timóteo e dois membros (possivelmente líderes) da igreja em Éfeso que "nafragaram na fé" (v. 19).

Quando Paulo diz: "Este encargo confio a ti" (v. 18), ele se refere à responsabilidade de erradicar a heresia e estabelecer a sã doutrina na igreja. A palavra usada, "encargo" ou "dever," é "incumbência" (grego: Paraggelia), indicando a intenção de Paulo de investir Timóteo com autoridade. No entanto, ele primeiro precisa estabelecer sua própria autoridade suprema e refutar as objeções dos que se opõem a ela.

Chamando Timóteo de "filho," o apóstolo expressa não apenas seu afeto pessoal, mas também o recomenda a outros. Para encorajá-lo ainda mais, Paulo lembra a Timóteo do testemunho que recebeu do Espírito de Deus, proporcionando-lhe segurança. Saber que seu ministério tinha a aprovação divina, revelada anteriormente a sua eleição pelo voto humano, era reconfortante para ele.

Êx 15.18; Sl 145.13 - "Rei eterno"; Sl 90.2; 102.26,27 - "Imortal"; Jó 23.8,9 - "Invisível"; Dt 4.35; Is 44.6 - "Só Deus".

Paulo também faz referência a profecias sobre Timóteo, indicando o importante papel de liderança que ele desempenharia na igreja. Nesse contexto, ele menciona Himeneu e Alexandre, dois tristes exemplos de homens cuja falta de integridade moral os levou à ruína da fé (v. 20).

Embora não tenhamos informações específicas sobre o ensinamento deles, sabemos que Himeneu acreditava erroneamente que a ressurreição já havia ocorrido. O outro Alexandre pode ser o mesmo mencionado em Atos 19:33, um judeu temente a Deus que posteriormente abandonou o Evangelho. Paulo considerava blasfemo o ensinamento deles, visto que difamava o caráter de Deus, um pecado do qual Paulo mesmo se considerava culpado (1 Timóteo 1:13). O caso deles era tão sério que Paulo os "entregou a Satanás," sugerindo excomunhão, removendo-os do convívio da igreja e entregando-os ao poder de Satanás. Paulo esperava que essa ação os levasse ao arrependimento e à restauração.

Paulo, como líder espiritual determinado, tratava com firmeza o pecado impenitente e a rebelião pública, não apenas para proteger a integridade da igreja, mas também para permitir que as consequências do pecado disciplinassem os cristãos que se desviaram voluntariamente. Ele, sem dúvida, esperava que Timóteo seguisse esse exemplo.

Conclusão



Podemos extrair lições valiosas sobre a manifestação da graça de Deus em nossas vidas, revelando Seu amor e operando maravilhosamente para restaurar e santificar-nos, capacitando-nos a realizar Sua vontade. Além disso, podemos observar a importância de lidar com o mau comportamento dentro da igreja, onde alguns líderes evitam confrontar e resolver tais situações, permitindo que indivíduos problemáticos participem da comunhão sem as devidas correções disciplinares.

A falta de correção para os erros e pecados dos membros da igreja resulta em problemas crescentes, piorando a situação e contaminando o restante da comunidade. A aplicação de medidas disciplinares àqueles que não vivem a autêntica fé cristã e escandalizam a obra do Senhor é um ato de amor e misericórdia por parte daqueles que as implementam na vida do transgressor.

f Aplicação

1. Qual foi a última vez que louvou a Deus por amar você, ver além de suas faltas, para cuidar de suas necessidades e vir em seu resgate?
2. Qual foi a última vez que deixou de lado seus desejos para focar a bondade do Senhor para com você no passado?
3. Quando você veio pela última vez diante de Deus sem um pedido, mas somente para louvá-lo?

Ordem do Culto Público

4 J

(2.1-15)

Texto Básico:

“Porquanto, há um só Deus e um só Mediador entre Deus e homens, Cristo Jesus, homem”(1Tm 2.15).

Leitura Semanal

Segunda:	1Pe 3.1-22
Terça:	Rm 3.21-31
Quarta:	Ef 5.22-33
Quinta:	1Pe 1.13-21
Sexta:	1Co 11.2-16
Sábado:	1Co 14.26-40
Domingo:	2Gn 3.1-24

Objetivo da lição:

Entender a relevância de cultivar uma vida de oração, tanto para aqueles que estão envolvidos no ministério quanto para a vida e sustento da Igreja. Destacar o papel significativo da mulher dentro da comunidade eclesial, assim como em contribuições para a obra do Senhor.

Introdução

Paulo aborda uma série de orientações sobre a oração e o culto, possivelmente em resposta aos abusos provocados pelos falsos mestres. Ele estava ciente dos desafios enfrentados por alguém sujeito às críticas e lutando para manter a confiança da congregação. Entendia que resistir à tentação de agradar às pessoas seria especialmente difícil nesse contexto. Após abordar a figura do ministro, direciona a discussão para o trabalho desse líder, começando por lembrar a Timóteo de sua primeira responsabilidade como pastor: a oração.

I. A Universalidade do Evangelho (v.17)

No versículo 1 de 1 Timóteo 2, Paulo ressalta a importância da oração como uma prioridade na vida do pastor, do cristão e da igreja como um todo. Especialmente para os ministros vocacionados, a oração deve ocupar o topo da lista em seus serviços. Ela funciona como um lembrete de que Deus está no controle, não as pessoas - nem a congregação, nem o pastor sênior, nem a equipe ministerial. O ministro serve a Deus em primeiro lugar, à sua família em segundo lugar e, em terceiro lugar, às pessoas. Além disso, a oração liberta o ministro da tirania das urgências e das demandas imediatas, permitindo que ele se concentre em seu chamado.

Paulo instiga que as orações sejam constantes, utilizando quatro termos distintos, mas inter-relacionados, para descrever os diversos aspectos da comunicação com Deus:

- Súplica (gr. deêsis) - apresentando necessidades a Deus para que sejam atendidas.

- Oração (gr. proseuchê) - o termo mais comum para a disciplina espiritual, envolvendo apelos gerais a Deus, incluindo a apresentação de necessidades (gr. deêsis).

- Petição (gr. euteuxis) - submeter um pedido formal a uma autoridade.

- Ação de graças (gr. eucharistia) - expressão de gratidão e apreço.

Essas práticas religiosas fortalecem a adoração autêntica e o temor a Deus, nutrindo a consciência mencionada anteriormente.

Além disso, Paulo destaca a importância da oração por todas as pessoas, independentemente de sua posição social, raça, gênero, sexo ou nacionalidade. A oração é uma forma de atender ao desejo de Deus de que todos sejam salvos.

Paulo também encoraja os crentes a orarem pelos governantes, pois suas funções promovem a paz e a estabilidade social, permitindo que o povo de Deus adore a Ele sem interferências, cuide de suas famílias e desenvolva comunidades santas. A paz no mundo contribui para a rápida disseminação do Evangelho.

Quanto a Cristo como Mediador, Paulo destaca tanto a sua natureza divina quanto humana, ambas essenciais para a reconciliação entre Deus e os seres humanos. Cristo se entregou como resgate por todos, pagando o preço necessário para libertar as pessoas da condenação de seus pecados.

Paulo assegura a veracidade de sua declaração, enfatizando que não está mentindo. Ele deseja que as orações sejam oferecidas em todos os lugares onde o Evangelho é pregado, com o propósito de tornar a verdade conhecida e salvar as pessoas. Isso é fundamental para cumprir o propósito divino do ministério e deve ser feito em unidade, superando quaisquer obstáculos que possam impedir a congregação de alcançar esse objetivo.

II. A mulher na igreja em Éfeso (v. 9-15)

No versículo 9, Paulo aborda a responsabilidade das mulheres na igreja e na obra do Senhor. Ele começa a discutir o vestuário e o comportamento das mulheres na congregação. Não há uma proibição direta contra o uso de joias ou penteados; no entanto, Paulo enfatiza a importância da moderação em uma sociedade em que tais elementos eram frequentemente associados a luxo, extravagância, vaidade e exibicionismo (1Tm 2:9; 1 Pedro 3:3,4).

Paulo não está condenando o desejo natural das mulheres, criado por Deus, de se adornarem e se vestirem bem. Ele enfatiza que, ao escolherem suas roupas para a igreja, as mulheres devem fazê-lo com modéstia e bom senso.

Modéstia (gr. *aidos*) reflete um senso de pudor, uma atitude de não ultrapassar os limites da decência, mostrando respeito. A palavra seguinte, traduzida como "bom senso," literalmente significa "mente sadia."

Ao se vestirem para a igreja, as mulheres devem demonstrar sensatez em suas escolhas.

Paulo esclarece que o propósito não deve ser exhibir-se de maneira a provocar inveja ou atrair atenção desnecessária. Embora as mulheres possam se adornar, devem fazê-lo com moderação e sensibilidade, evitando extremos e mantendo o foco em sua modéstia interior e perspectiva cristã.

Além disso, Paulo aborda a posição das mulheres na igreja em Éfeso, considerando o contexto da época em que a igreja estava inserida. Naquela sociedade oriental, as mulheres raramente apareciam em público e tinham poucas oportunidades de ensino. Portanto, Paulo estava escrevendo para uma igreja com um contexto cultural específico.

A interpretação desse texto pode variar, e diferentes correntes teológicas têm abordagens distintas em relação à participação das mulheres na igreja, incluindo o pastoreio feminino. Alguns defendem uma interpretação mais restritiva, enquanto outros consideram o contexto cultural e geográfico, permitindo um papel mais ativo para as mulheres na liderança da igreja. Portanto, a discussão sobre esse assunto requer sensibilidade, compreensão e maturidade espiritual, a fim de evitar divisões e danos à obra do Senhor.

III. As mulheres no Novo Testamento



Cristo, durante seu ministério terreno, contou com a colaboração ativa de diversas mulheres que desempenhavam papéis essenciais ao seu lado, atuando como obreiras a serviço do Reino de Deus (Lucas 8.1-3). Contrariamente à ideia equivocada de que Paulo era "machista", ele valorizava profundamente o trabalho desempenhado pelas mulheres. Citou várias delas, como Febe, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside, Júlia e Olimpas (Romanos 16.1-15), Dorcas (Atos 9.36-42) e Lídia (Atos 16.11-15), reconhecendo-as como cooperadoras fiéis e ativas na obra do Senhor. Paulo afirmou que, em Cristo, homens e mulheres desfrutam de perfeita igualdade (Gálatas 3.28,29).

Atualmente, observamos uma participação significativa das mulheres nas igrejas locais, ocupando posições antes inimagináveis em tempos passados e assumindo funções eclesiais de destaque.

Algumas igrejas ordenam mulheres ao ministério pastoral, enquanto outras se opõem a essa prática. Independentemente das posições divergentes, o cristianismo restaurou e dignificou o papel e a importância da mulher na sociedade e na igreja.

Paulo conclui suas instruções mencionando a explicação sobre Adão e Eva (versículos 13-15). Destaca que Adão pecou deliberadamente, conhecendo a natureza errada de suas ações, enquanto Eva foi enganada pela serpente. O argumento de Paulo sobre quem foi enganado reflete a preocupação com os falsos mestres que, em Éfeso, desviavam as mulheres da verdadeira fé cristã. Paulo, em outros contextos, atribui a culpa da queda a Adão (Romanos 5.12-19; 1 Coríntios 15.21,22).

A referência a "dar à luz filhos" (versículo 15) não implica mérito para a salvação, em conformidade com a doutrina da "justificação pela fé" de Paulo. Ele enfatiza que as mulheres crentes em Éfeso, enganadas pelos falsos mestres, devem compreender sua verdadeira função e manter atitudes alinhadas com a fé, o amor, a santidade e a prudência. Paulo vê a maternidade não como uma punição, mas como algo positivo, simbolizando a "missão de mãe" para as crentes. A salvação é prometida a todos, mulheres e homens, que seguem Jesus em fé, amor, santidade e prudência, incluindo aquelas que contribuem para a criação de Deus por meio da maternidade.

IV. Mulheres que lutaram pelo Evangelho



As epístolas paulinas revelam uma notável presença de figuras femininas que recebem reconhecimento, considerando a limitada valorização das mulheres nas sociedades do Mediterrâneo no primeiro século após Cristo. Para muitos estudiosos, isso evidencia sua importância crucial nas origens do cristianismo, pois, de outra forma, os primeiros escritos cristãos teriam negligenciado esse aspecto.

Nas saudações finais e recomendações específicas de cada carta, Paulo frequentemente atribui rosto e nome a esse mosaico diversificado de crentes, que provavelmente desempenham papéis essenciais nas comunidades e na missão.

Um exemplo é encontrado na Carta aos Filipenses (4.2,3), onde Evódia e Síntique são mencionadas.

Apesar de Paulo usar outros termos para descrever figuras femininas, como "irmã", "benfeitora" e "diaconisa" para Febe, a designação de "colaborador" destaca sua proximidade e cooperação direta com Paulo na missão, tanto na organização quanto no crescimento das comunidades eclesiais. Essa ideia de colaboração pode ser vista à luz do Antigo Testamento, onde a promessa é de uma "auxiliar semelhante" para o homem (Gênesis 2.18), interpretada por alguns estudiosos não apenas em termos de procriação, mas também no contexto laboral-vocacional, refletindo uma complementaridade.

Embora a atitude de Paulo em relação ao papel das mulheres seja ambígua em alguns textos (1 Coríntios 11.2-16), nas cartas propriamente paulinas, as mulheres desempenham papéis ativos na disseminação do Evangelho e na orientação das comunidades. Exemplos incluem casais missionários como Priscila e Áquila, ou indivíduos como Júnias, Evódia, Síntique, Trifena e Trifosa.

A primeira comunidade na Europa, fundada em Filipos, tem sua origem associada à conversão de uma mulher. Quando Paulo e Silas chegam, Lídia, uma comerciante de púrpura de Tiatira, e sua família são batizadas. Após a libertação da prisão, Paulo e Silas voltam à casa de Lídia, sugerindo que ela era uma mulher rica com autonomia e autoridade, indicado pelo fato de toda a sua família ter se convertido. Não surpreende, portanto, a menção de Evódia e Síntique entre os membros chamados pelo nome no final da carta aos Filipenses.

Conclusão



Assim como Paulo se preocupou em aplicar esse princípio a uma situação específica, nós também devemos pensar e orar cuidadosamente para onde nossa cultura, nossos preconceitos e nossas indignações e iras estão nos levando. Precisamos nos esforçar ao máximo para nos moldar, não a qualquer estereótipo que o mundo oferece, mas à curadora, libertadora e humanizadora mensagem do Evangelho salvador e curador de Jesus.

f Aplicação

1.Você tem orado a Deus e tem sido grato a Ele pelas bênçãos recebidas?

2.Ore e interceda pelas nações para que sejam salvas.

3.Reconheça sua responsabilidade como membro da família de Deus e ore por todos que precisam voltar-se para Deus em arrependimento.

Êx 15.18; Sl 145.13 - "Rei eterno"; Sl 90.2; 102.26,27 - "Imortal"; Jó 23.8,9 - "Invisível"; Dt 4.35; Is 44.6 - "Só Deus".

Qualificações para a Liderança

5

(3.1-16)

Texto Básico:

“Não há dúvida de que é grande o mistério da piedade: Deus foi manifestado em corpo, justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo, recebido na glória” (1Tm 3.16)

Leitura Semanal

Segunda:	1Tm 5.17-25
Terça:	2Tm 2.14-26
Quarta:	Fp 2.1-11
Quinta:	Cl 4.7-17
Sexta:	Tt 2.1-10
Sábado:	At 5.1-11
Domingo:	Tt 1.5-16

Objetivo da lição:

Buscar compreender as qualificações daqueles que se colocaram em posições de lideranças bem como o objetivo pelos quais eles labutam para servirem a Deus e ao próximo com excelência.

Introdução

Paulo aborda uma série de orientações sobre a oração e o culto, possivelmente em resposta aos abusos provocados pelos falsos mestres. Ele estava ciente dos desafios enfrentados por alguém sujeito às críticas e lutando para manter a confiança da congregação. Entendia que resistir à tentação de agradar às pessoas seria especialmente difícil nesse contexto. Após abordar a figura do ministro, direciona a discussão para o trabalho desse líder, começando por lembrar a Timóteo de sua primeira responsabilidade como pastor: a oração.

I. O Caráter do Líder Cristão (v.1-7)

Dada a importância e extensão do ministério pastoral, Paulo forneceu uma lista detalhada de qualificações e responsabilidades para os bispos, presbíteros ou pastores, que desempenham papéis cruciais na liderança da igreja local. É crucial compreender quais qualidades e requisitos são necessários para aqueles que são chamados por Deus a assumir funções tão significativas na obra do Senhor. Essas qualidades não apenas devem estar presentes neles, mas também precisam ser cultivadas e desenvolvidas ao longo de sua jornada ministerial. Em relação à natureza de seu chamado e ofício, o pastor, bispo ou presbítero atua como supervisor e superintendente designado por Deus, sendo confirmado pela igreja por meio da imposição de mãos.

1. Qualificações Espirituais e Ministeriais

a) Ter condições de pregar a Palavra de Deus, estando apto, capacitado para ensinar; sendo um bom mestre (v.2). Todo bispo/pastor deveria possuir este dom em alguma medida²⁴. Estes deveres estão mais plenamente especificados em (Tt 1.9), que consistem em: lealdade à tradição/doutrina apostólica, disposição para instruí-la à congregação, e vigilância em confundir os que a pervertem.

²⁴ Êx 15.18; Sl 145.13 - "Rei eterno"; Sl 90.2; 102.26,27 - "Imortal"; Jó 23.8,9 - "Invisível"; Dt 4.35; Is 44.6 - "Só Deus".

b) Ter bom testemunho diante da Igreja (“dos de dentro”), bem, como dos descrentes (“dos de fora”) (v.7);

c) Não seja “novato, principiante, inexperiente, neófito, novo convertido” (v.6). A eleição de alguém que é principiante na fé cristã, que ainda não possui maturidade suficiente para ser um líder da Igreja, poderá trazer resultados desastrosos tanto para ele como também para a vida da Igreja;

d) Ser vigilante, atento ao que se passa ao seu redor (v.2);

2. Qualificações familiares



a) Uma vida conjugal bem ajustada; não pode ter mais de uma esposa (v.2). Em especial, sua vida sexual deve ser exemplar, onde os mais altos padrões devem ser esperados dele. Paulo entendeu, seguindo as palavras de Jesus e em outros lugares, que o plano original de Deus desde o princípio era que um homem e uma mulher vivessem uma vida de fidelidade e parceria por toda a vida (Mc 10). Portanto, era isso que os líderes da igreja deveriam mostrar.

b) Demonstrar que governa bem sua família (v.4). Algo essencial e atua como reflexão direta na vida da igreja.

3. Qualificações Morais e Emocionais



a) Deve ser "irrepreensível" (v.2), ou seja, não pode ser alvo de acusações que manchem sua conduta. O bispo deve estar acima de qualquer suspeita e não apresentar defeitos evidentes em seu caráter ou comportamento, que possam ser explorados por pessoas maliciosas, tanto dentro quanto fora da igreja, com o propósito de desacreditá-lo. Deve ser honesto, sincero e verdadeiro.

b) Deve ser "hospitaleiro", acolhedor e capaz de tratar bem as pessoas (v.2). A hospitalidade envolve ser amigável com estranhos, uma virtude valorizada nos primeiros tempos da igreja para receber viajantes. O bispo deve compartilhar as necessidades dos outros e demonstrar a capacidade de acolher as pessoas. A hospitalidade não é opcional, mas uma qualidade indispensável para um bispo/pastor.

c) Deve ser "não dado ao vinho", ou seja, não deve fazer uso de bebidas alcoólicas (v.3). O bispo deve ser alguém que demonstre autodomínio e responsabilidade, evitando o consumo de álcool. Aqueles que não têm controle sobre si mesmos e agem sem considerar as consequências de seus atos não são adequados para a liderança na igreja.

d) Não deve ser "espanca dor", ou seja, não deve ser violento ou agressivo (v.3; Tt1.7).

e) Não deve ser "cobiçoso", "amante do dinheiro", "avarento" ou "ganancioso" (v.3). O bispo não deve ser alguém que busca oportunidades para enriquecer às custas dos outros. Aqueles que ocupam cargos de liderança na igreja devem ser conhecidos por sua responsabilidade, controle e confiabilidade, evitando práticas gananciosas.

f) Deve ser "sóbrio" (v.2), ou seja, deve ser uma pessoa moderada, pacífica e simples (v.3).

g) Não deve ser "briguento" ou "contencioso" (v.2). Além de não ser violento, o bispo não deve se envolver em disputas verbais constantes, demonstrando domínio próprio. Este é um requisito essencial para um bispo/pastor, pois reflete sua dignidade e o impacto que pode causar na vida da igreja e na sociedade.

4. O pastor em casa (v.4,5).



"Deve administrar bem o seu próprio lar, demonstrando habilidade para educar seus filhos de forma respeitosa e submissa" (v.4). A igreja é considerada como uma grande família, e a liderança espiritual de um bispo ou pastor se reflete verdadeiramente na maneira como ele guia sua própria família. Como a figura central do lar, é responsabilidade dele criar um ambiente familiar pacífico e organizado. Isso inclui estabelecer expectativas realistas para seus filhos, promovendo um senso de dignidade pessoal, garantindo que sejam respeitados e honrados, e orientando-os para que se tornem indivíduos exemplares. Os filhos muitas vezes são indicadores precisos do caráter e das habilidades de liderança de um homem. Paulo, portanto, aborda a questão da paternidade sóbria (v.5), oferecendo duas implicações práticas:

1) Um homem que não consegue criar seus filhos com autoridade e dignidade, governando com violência ou permitindo que sigam caminhos autodestrutivos, provavelmente enfrentará desafios semelhantes ao liderar adultos na igreja.

2) Um homem bem-qualificado para a liderança na igreja não pode efetivamente desempenhar seu papel se sua vida familiar estiver em desordem ou seus filhos estiverem passando por crises. Se a vida familiar de um líder enfrentar períodos prolongados de dificuldades, mesmo que temporárias, é aconselhável que ele tire um período sabático para atender às necessidades de sua família.

5. O pastor na igreja (v.6).

Uma pessoa recentemente convertida, especialmente aquela que está entusiasmada com sua nova vida em Cristo, ainda precisa amadurecer espiritualmente e compreender plenamente as implicações dessa transformação. Embora esteja encantada com a liberdade do Evangelho e esteja apenas começando a explorar as maravilhas da graça de Deus, é necessário um processo de amadurecimento, pois ainda possui arestas a serem aparadas. A falta de maturidade espiritual e estabilidade torna essas pessoas inadequadas para assumir posições de liderança, como as exigidas no papel de bispo ou pastor.

O papel de um bispo ou pastor demanda estabilidade em diversos aspectos: espiritual, intelectual e moral. Essas lideranças precisam ter raízes profundas, fundamentadas no solo fértil da Nova Aliança, alimentadas pelas Sagradas Escrituras e pela orientação do Espírito Santo. Além disso, devem ser testadas pelas adversidades e desafios que a vida impõe. O processo de liderança exige tempo, vocação e desenvolvimento de qualidades, não acontecendo de forma instantânea.

A falta de maturidade espiritual pode levar uma pessoa, mesmo que esteja em uma posição de liderança, a tomar decisões imprudentes e insensatas, resultando em uma queda precipitada causada pelo orgulho excessivo, que é simbolizada como "cair na condenação do diabo". A liderança desprovida de humildade pode levar à rebelião, tornando crucial que a vida daqueles que ocupam cargos na igreja reflita verdadeiramente os valores e significados da comunidade cristã.

6. O pastor no mundo (v.7).

Desenvolver uma reputação positiva entre as pessoas que estão fora da comunidade cristã é indicativo da qualidade de um indivíduo.

Isso é particularmente crucial, uma vez que esperamos influenciar nossas comunidades por meio do Evangelho.

Os líderes da igreja desempenham um papel fundamental como modelos para a igreja e para o mundo em que estão inseridos. Esta segunda referência de Paulo aos desígnios do diabo em relação aos líderes eclesiásticos revela a intenção satânica de destruir as lideranças na Igreja do Senhor. O alvo principal de Satanás é desestabilizar a liderança, causando confusão e dispersão na congregação.

Portanto, é de extrema importância que aqueles que ocupam posições de liderança na igreja sejam verdadeiros exemplos da mensagem do Evangelho, demonstrando um modo de vida distinto da norma ao nosso redor. Este estilo de vida único é o padrão que Paulo espera que as pessoas de fora reconheçam como valioso. Muitos não-cristãos serão capazes de identificar quando alguém vive uma vida de integridade, característica da fé em um Deus vivo, e o respeitarão por isso. Da mesma forma, perceberão quando isso não acontece. A confiança transmitida pela vida e caráter do líder é crucial para o testemunho eficaz e influente.

II. O Serviço Cristão (v.8-13).

Embora haja poucas referências específicas sobre os diáconos no Novo Testamento, isso de modo algum diminui a importância do trabalho que realizam. Pelo contrário, a função dos diáconos é altamente respeitada e tem suas raízes na compaixão de Cristo por Seu povo. A relevância dada por Jesus ao cuidado dos necessitados é evidente em Suas palavras sobre servir aos "menores de Seus irmãos" como se fosse feito a Ele mesmo (conforme Mateus 25.35-46).

A origem da designação dos diáconos remonta a uma época em que os presbíteros não dispunham de tempo e energia suficientes para atender às necessidades práticas da comunidade, conforme registrado em Atos 6. Os diáconos assumiram a responsabilidade de coletar ofertas do povo como expressão de gratidão ao Senhor e distribuí-las com compaixão, visando evitar que alguém passasse por necessidades. Além disso, por meio de suas orações e mensagens baseadas na Bíblia, consolavam e encorajavam aqueles que enfrentavam dificuldades.

Para desempenhar essa tarefa digna de maneira eficaz, os diáconos, assim como os presbíteros, devem ser homens de fé e estar cheios do

Espírito Santo, conforme mencionado em Atos 6.5.

Além disso, precisam atender a algumas qualificações específicas.

1.Devem ser pessoas de caráter "honrado" e ter uma "boa consciência". Isso vai além de simplesmente manter uma conduta decente; significa que seus pensamentos e atitudes revelam um caráter honroso e respeitável, influenciado pelo Espírito Santo. O exemplo de Estevão, que demonstrou seriedade mental, é um modelo a ser seguido.

2.Devem ser conhecidos por cumprir suas promessas e não serem indecisos ou contraditórios em suas palavras.

3.Não devem ser consumidores frequentes de vinho, e a mesma observação feita para os bispos/pastores se aplica aqui.

4.Devem ser desprovidos de ganância e não buscar o enriquecimento pessoal. O foco deve ser servir, não acumular riquezas.

5.Devem ser homens "experimentados", ou seja, terem passado por testes e experiências que avaliam seu caráter. A igreja deve ter a oportunidade de avaliar a integridade do indivíduo antes de conferir-lhe um cargo.

6.Devem ser maridos fiéis, demonstrando uma vida familiar sólida antes de servir na igreja.

III. Mulheres que servem na Igreja (v.11)



A seção dedicada aos diáconos é momentaneamente interrompida por uma passagem que estabelece os requisitos para "mulheres" (v.11). A estrutura da frase revela que essas mulheres não são, de forma alguma, as "esposas dos diáconos" nem abrange "todas as mulheres adultas da igreja". A mesma frase, "deve ser...", é usada para coordenar os requisitos para bispos, diáconos e mulheres. Portanto, a conclusão é que essas mulheres são vistas como desempenhando um papel específico na igreja, semelhante ao que os presbíteros e os diáconos fazem.

Foi crucial instruir essas mulheres envolvidas no serviço da igreja a evitar a difamação e a fofoca, enfatizando a importância de serem absolutamente confiáveis.

O cristianismo, ao liberar as mulheres, as libertou de uma espécie de escravidão, mas havia riscos associados a essa nova liberdade. A sociedade respeitável poderia ficar alarmada com essa emancipação, então a igreja estabeleceu diretrizes prudentes. As mulheres, ao usar sua liberdade com sabedoria e responsabilidade, alcançaram a posição honrosa que desfrutam na igreja hoje.

Paulo ecoa as palavras do Senhor, prometendo duas recompensas àqueles que servem aos outros com fidelidade: em primeiro lugar, sua devoção gera respeito e uma posição elevada no Reino entre seus irmãos em Cristo. Em segundo lugar, seu serviço fortalece a confiança inabalável na verdade do Evangelho. Para os salvos em Cristo, as boas obras aumentam nossa certeza da salvação, pois refletem o caráter piedoso que o Espírito Santo está formando em nós.

IV. O Mistério da Piedade (v.14-16).



Após fornecer instruções detalhadas a Timóteo sobre questões relacionadas à oração, ao culto e aos ofícios eclesiásticos, Paulo explica o propósito de sua carta. Ele discute a natureza da Igreja e apresenta uma reflexão poética sobre a obra de Cristo.

O termo "mistério" muitas vezes evoca a ideia de algo inexplicável, algo que está além da compreensão humana e que permanecerá assim. Em Éfeso, uma cidade com diversas religiões populares, a palavra "mistério" também tinha essa conotação de algo insondável. Em algumas religiões, apenas os iniciados tinham acesso a esses "mistérios", mantendo o conhecimento secreto longe dos olhos do público. Esses mistérios eram vistos como códigos secretos que detinham o significado da vida, do universo, de Deus e de tudo mais, incluindo a transformação pessoal e a busca da verdade.

Quando o cristianismo surgiu nesse cenário religioso diversificado, pode ter sido visto por alguns como apenas mais um entre os muitos mistérios. No entanto, Paulo e os outros apóstolos não viam assim. Para eles, esse "mistério" era a realização suprema da promessa feita pelo único Deus verdadeiro de Israel. Eles estavam dispostos a se comunicar com as pessoas usando terminologia com a qual estavam familiarizadas, como a palavra "mistério".

No versículo 16, Paulo revela que este não é apenas mais um "mistério" entre muitos; é o verdadeiro mistério. Não é apenas um segredo; é uma narrativa, e não qualquer narrativa, mas a antiga e verdadeira história de Deus que se tornou humano e agora governa o mundo como seu legítimo Senhor. Este "mistério" não o conduzirá a uma religião secreta e exclusiva. Pelo contrário, ele transformará sua vida, levando-a a uma jornada de serviço, fé, discipulado e esperança.

O "mistério" é a história de Jesus Cristo, embora o nome de Jesus não seja mencionado no poema. Cada linha do poema foi cuidadosamente escolhida para enfatizar aspectos cruciais dessa história: a encarnação e ressurreição de Cristo, a proclamação de seu Senhorio a todas as nações e a resposta de fé e lealdade que Ele merece. O "mistério" não apenas anuncia a todos a soberania de Cristo, mas também convida as pessoas a depositar sua confiança e lealdade Nele, pois Ele reina na glória.

Conclusão

Podemos aqui aprender sobre as qualificações de todos aqueles que desejam e são vocacionados a servirem na obra do Senhor com excelência. Também como a Igreja sendo achada firme na verdade da Palavra de Deus, anunciando o Evangelho de Cristo, como Senhor e Salvador das nações, e que um dia voltará em grande poder e glória para buscar seus escolhidos e consumir Seu Reino eterno.



Aplicação

1. Quais qualidades positivas são enxergadas com freqüência na sua vida?
2. Que traços negativos você precisa deixar de lado?
3. Ore por sua vida e seu ministério para que possa dar frutos.

Atente-se ao Ensino Falso!

6f

(ITM 4.1-16)

Texto Básico:

“Dedica-te plenamente ao cumprimento dessas responsabilidades, para que todos possam testemunhar o teu progresso” (ITm 4.15).

Leitura Semanal

Segunda:	At 20.17-35
Terça:	Rm 16.17-20
Quarta:	1Jo 2.18-27
Quinta:	1Pe 1.13-25
Sexta:	Hb 1.1-4
Sábado:	Mt 4.1-11
Domingo:	2Pe 3.1-13

Objetivo da lição:

Procurar entender como esses falsos ensinos poderiam prejudicar a avanço da Igreja na pregação do Evangelho da salvação. E como se posicionar contra esses falsos mestres e seus ensinos, com uma conduta alicerçada na Palavra de Deus e na proclamação da sã doutrina como antídoto contra esses males nefastos.

Introdução

Quando Jesus Cristo esteve entre seus discípulos em seu mistério terreno, advertiu-lhes acerca dos últimos tempos, em que uma das características marcantes seria: a falsidade, o engano, a mentira e a mistificação. Jesus também sabia que sua igreja sofreria os ataques dos falsos mestres, ou falsos profetas, que apareceriam vindos de fora, ou mesmo, surgindo no seio da comunidade cristã. Ainda que a Igreja seja tão gloriosa, refletindo a glória de seu precioso Senhor e Salvador (1Tm 3.15,16), a apostasia está sempre presente à mão, porque nem todos os que pertencem a exteriormente à Igreja lhe pertencem interiormente. Esta lição irá tratar justamente disso. Retornando novamente ao seu tema principal (1Tm 1.3-20), Paulo continua seu ataque aos falsos mestres e contra seus falsos ensinamentos.

I.I. Tempos de Apostasia (v.1-5)

“Mas o Espírito diz claramente que nos últimos tempos, alguns abandonarão a fé” (v.1). O Espírito Santo que conduz a Igreja continua a falar com ela sobre as ameaças que ela enfrentará. O termo “claramente”, ou “expressamente”, revela que não haveria dúvidas nem imprecisão a respeito do que se estava falando e de quem falava. O Espírito Santo o informa claramente que o erro, já presente em sua forma inicial, crescerá e se expandirá. Uma pessoa é considerada “apóstata” quando suas ideias e ensinamentos são contrários a são doutrina, a ortodoxia da Palavra. Estes “últimos tempos”, não é um período imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo, pelo contrário, de acordo com a perspectiva geral do Novo Testamento, trata-se da era inaugurada pela primeira vinda de Cristo e concluída na sua Segunda Vinda. O falso ensino tem como resultado a apostasia, ou seja, o abandono da genuína fé cristã.

O ensinamento é falso quando abala e compromete a verdade bíblica e permite o comportamento pecaminoso tanto daqueles que o proclamam como também daqueles que os ouvem e praticam.

Apostasia – quando o indivíduo o u grupo de pessoas abandonam sua religião ou crença; quando se afastam dos princípios do Evangelho, ou seja, da sã doutrina ou doutrina apostólica.

O Senhor Jesus já nos advertiu que muitos mudariam a verdade do Evangelho. Na verdade, Paulo advertiu a igreja em Éfeso desse mesmo perigo antes mesmo de sua prisão em Jerusalém (At 20.29,30). Agora, aparentemente, esse perigo profetizado atingiu a congregação sob a liderança de Timóteo, e atingiu com muita força. Paulo descreveu a apostasia como “dar [...] ouvidos (1Tm 1.4) a espíritos enganadores e aceitar como verdade as doutrinas dos demônios” (v.1). Com certeza, a apostasia não carregará o sinal óbvio dos demônios, pois o falso ensino nunca entrará em nossas igrejas com o nome “doutrina de satanás” impresso nele. Os espíritos enganadores, astuciosamente, vestem suas doutrinas com as vestes respeitáveis e até mesmo piedosas da religião. Os falsos mestres falam de forma convincente das questões de sua época e, muitas vezes, se utilizam das Escrituras (quase sempre fora de contexto) para dar aparência de boa-fé ao ensino (Mt 4.6). Buscam insistentemente se opor a verdade das Escrituras e de tudo aquilo que exalta a Deus e a Sua obra de salvação. Ao continuar falando dos falsos mestres, Paulo insinua que o ar de devoção e de rigor ético dos falsos mestres, é apenas uma máscara ilusória, pois o falso ensino entra na igreja por meio da hipocrisia, ou seja, dissimulação ou pretexto (v.2). São pessoas a serviço de Satanás, e, como consequência, têm sua consciência ferreteada com a marca que indica que ele é dono deles. Paulo descreve vividamente o dano causado à consciência pelos falsos mestres como cauterizada (literalmente, “queima da com ferro quente). Paulo agora passa a definir um aspecto específico da doutrina deles (v.3). No que diz respeito ao primeiro aspecto, a proibição do casamento, bem como do sexo de modo geral, era um traço nitidamente gnóstico.

Os hereges de Éfeso estavam propagando uma heresia com consequências muito definidas para a vida. Estes hereges eram gnósticos; e a essência do gnosticismo é que o espírito é totalmente bom e a matéria totalmente má. Uma das consequências desta heresia era que havia aqueles que pregavam que o corpo era maligno, que tudo o que tinha que ver com o corpo, todo instinto e função físicas são maus, que até as coisas mais belas do mundo deviam ser abandonadas e desprezadas, produzindo assim dois erros bem definidos. Estes hereges insistiam em que os homens, dentro do possível, deviam abster-se de comer, porque a comida é algo material e maligno; a comida alimenta ao corpo e o corpo

Ortodoxia – Interpretação, doutrina ou sistema teológico implantado como único e verdadeiro pela Igreja Cristã. (At 2.17; Hb 1.2; 1Pe 1.20; 1Jo 2.18). (Mt 24.10,11; Mc 13.22; 2Pe 3.3,4; Jd 17,18).

é maligno; o que é pior insistiam que o homem devia abster do casamento, porque o corpo é maligno e os instintos do corpo também o são e devem ser suprimidos por completo. Esta heresia se repetiu sempre dentro da Igreja; em cada geração surgiram homens que tentaram ser mais estritos que Deus. Sobre a abstinência de alimentos, os falsos mestres receitavam uma dieta alimentar tanto judaica quanto pagã. Vale ressaltar que jejuns não é proibido em si, o problema é fazer disso um meio para conseguir a salvação ou receber algum favor divino, como uma espécie de barganha. Os falsos mestres gnósticos, afirmavam que estes dois tipos de abstinência o homem alcançaria a sua salvação. A resposta que podemos dar a estes homens e suas heresias, é que, fazendo coisas como estas estavam ofendendo a Deus, porque Deus é o criador do mundo, dos alimentos e do sexo; e destaca-se em repetidas ocasiões que a criação de Deus é boa. O grande princípio que abole todas as leis alimentícias e o tabu, em relação a dietas passa agora a ser exposto, “Pois tudo que Deus criou é bom” (v.4). Já tinha sido enunciado, no contexto de uma discussão de regulamentos rituais judaicos, pelo próprio Cristo (Mc 7.19), e tinha sido confirmado por Deus na experiência notável de Pedro descrita em (At 10.9-15). Seu corolário inescapável é que nada é recusável, sendo que a única condição prévia é que seja “recebido com ações de graça”. Paulo está se referindo, não à gratidão em geral, mas, sim, à gratidão expressa nas ações de graças às refeições. Os cristãos podem compartilhar livremente qualquer benção recebida de Deus com ação de graças e sem culpa.

II. A Fidelidade do Líder (v.6-16)



a) Envolver-se com Treinamento (v.6-10)

Após revelar a verdadeira identidade dos falsos mestres, Paulo passa a orientar pessoalmente Timóteo sobre o exercício de seu ministério. Nesse momento, o foco é o aconselhamento direto a Timóteo, explicando como ele deve desempenhar as tarefas delineadas, especialmente no combate ao ensino falso, abrangendo qualquer forma de erro, não se limitando à apostasia em particular.

Gnóstico é um termo grego “gnostikós” que significa “conhecer”. O gnosticismo é um conjunto de crenças de natureza filosófica e religiosa cujo princípio básico assenta-se na idéia de que em cada homem há uma essência imortal que transcende o próprio homem. (Gn 1.27-31; 9.3).

O conselho de Paulo é predominantemente construtivo, visando destacar a responsabilidade de Timóteo em ser um modelo para seu rebanho. Um ministro fiel de Cristo Jesus deve identificar e confrontar de maneira consistente e leal o erro ou ensino falso, apresentando a verdade do Evangelho aos falsos mestres. Líderes espirituais devem expressar sinceridade e abertura, proclamando a verdade, corrigindo o falso ensino com base nas Escrituras e fortalecendo a sã doutrina, sem espaço para jogos políticos ou busca de poder. Pastores fiéis a Deus e à Palavra irradiam a luz da verdade nas trevas (Ef 5.11) e, assim, afastam os predadores do rebanho.

Por meio do exemplo de sua fé, devoção e conduta cristã, Timóteo desviará a atenção do rebanho da heresia e transmitirá de maneira completa e frutífera seu testemunho espiritual devido à sua ordenação. O dever de Timóteo inclui alertar os irmãos sobre os perigos futuros, enfatizando as consequências de erros que já começaram a surgir e continuarão se desenvolvendo. Ele deve estabelecer um alicerce sólido sob seus pés.

Contrastando com a heresia futura, Paulo adverte Timóteo contra as inúteis controvérsias judaicas, usadas pelos falsos mestres para adornar a Lei, que fazem parte do presente. Timóteo deve se recusar a se envolver nessas controvérsias e permanecer imune a elas.

A promessa central da fé cristã é a vida eterna, a comunhão com Deus em Cristo, o amor divino derramado nos corações dos crentes e a paz que transcende todo entendimento.

A devoção genuína e a piedade, produtos da graça de Deus, resultam em crescimento contínuo na apropriação dessas bênçãos de acordo com o ensinamento das Escrituras. Deus fez a promessa, e Ele a cumprirá. Essa vida oferecida por Deus é tanto para o presente quanto para o futuro, nunca cessando.

O propósito fundamental de Paulo e Timóteo é fazer com que pessoas de todas as nações, judeus e gentios, ouçam o maravilhoso Evangelho da salvação e, mais importante ainda, o recebam, adquirindo assim a vida eterna. Esses missionários se dedicam com afinco e esforço, lutando no campo espiritual contra as forças das trevas, para resgatar as pessoas das trevas e conduzi-las para a luz. Eles proclamam um chamado universal ao arrependimento e à salvação, oferecendo a dádiva de Deus, especialmente àqueles que confiam na provisão divina em Cristo.

b) Cuide de si mesmo e do seu Ensino (v.11-16)

As instruções negativas nos versículos 12 e 14 sugerem a possibilidade de Timóteo enfrentar uma tendência à timidez ou inibição. Além disso, em Éfeso, alguns membros da igreja podem não ter reconhecido sua autoridade devido à sua juventude em comparação com outros líderes (versículo 11). Para superar essa desvantagem, Timóteo é encorajado a ser um modelo para os fiéis (versículo 12). O apóstolo desejava que líderes cristãos servissem como exemplos para outros.

As características do comportamento de Timóteo incluem, primeiramente, a qualidade de sua conversa diária, referida como "na palavra", e seu comportamento geral, abrangendo costumes, hábitos e maneira de tratar as pessoas, descrito como "comportamento". Os outros três termos referem-se a qualidades interiores que influenciam o comportamento externo. "Amor" envolve a caridade fraterna no sentido mais amplo do cristianismo, demonstrando profundo afeto pessoal pelos outros, incluindo até mesmo os inimigos, e buscando o bem-estar de todos. A "fé" provavelmente se refere à "fidelidade" e implica um compromisso sólido com Cristo que transcende as circunstâncias. "Pureza" implica conformidade tanto no pensamento quanto na ação com a lei moral de Deus, abrangendo não apenas a castidade sexual, mas também a inocência e integridade de coração.

O versículo 13 aconselha Timóteo a dedicar-se à leitura pública das Escrituras, à exortação e ao ensino. Na ausência do apóstolo, ele recebe orientações sobre seu papel no culto público. A exortação envolve a exposição e aplicação das Escrituras após sua leitura pública, ou seja, o sermão. O ensino refere-se à instrução na doutrina cristã, indicando que o Novo Testamento incorpora uma grande quantidade de ensino catequético.

Timóteo é lembrado de seu dom especial, um presente da graça de Deus concedido pelo Espírito Santo em sua ordenação ou consagração. Ele deve usá-lo para discernir o verdadeiro do falso, exortar, ensinar e liderar, não negligenciando esse dom valioso.

A admoestação final em (v.15) insta Timóteo a dedicar-se continuamente a essas responsabilidades, evidenciando seu progresso a todos na congregação. Isso resultará no reconhecimento de sua autoridade e maturidade espiritual, superando quaisquer desafios devido à sua juventude.

Conclusão

A vida cristã não é um caminho fácil, e embora alguns desejem acreditar que sim, vivendo conforme seus próprios desejos, a verdade é que nossa meta na jornada cristã é Deus. O cristão está disposto a suportar todas as dificuldades porque confia em Deus, enxerga Deus no final de seu caminho, vive a vida na presença de Deus e termina em uma proximidade ainda maior com Ele. A grandiosidade da meta torna justificável o cansaço da luta.

A promessa cristã envolve viver uma vida pura. O cristão é chamado a manter um padrão elevado de honra, honestidade, autocontrole, castidade, disciplina e consideração que ultrapasse as normas do mundo. É um fato que o mundo não terá interesse no cristianismo até que a Igreja Cristã possa demonstrar que produz os melhores homens e mulheres do mundo.

f

Aplicação

1. Paulo falou a Timóteo sobre a necessidade de ser “alimentado com as palavras da fé” (v.6). Você está sendo nutrido regularmente por meio da leitura das Escrituras, ou está desnutrido? O que precisa mudar?

2. Que disciplina espiritual você precisa praticar essa semana, a fim de atingir a piedade de maneira mais consistente, e viver uma vida mais plena no Espírito?

Responsabilidades Pastorais



(1Tm 5.125)

Texto Básico:

“Da mesma forma, as boas obras se tornam evidentes, enquanto as más obras não podem permanecer ocultas” (1Tm 5.25)

Leitura Semanal

Segunda:	Mt 12.46-50
Terça:	At 6.1-7
Quarta:	Tg 1.16-27
Quinta:	Tt 1.5-16
Sexta:	2Tm 3.1-17
Sábado:	Ef 4.1-32
Domingo:	Jo 13.1-17

Objetivo da lição:

Entender a responsabilidade pastoral em advertir e aconselhar a membresia em situações adversas, bem como o cuidado para com as todos na igreja que estão desamparados. Reafirmar a importância e o zelo da igreja em abençoar financeiramente o pastor dando a ele uma vida digna no exercício de seu ministério.

Introdução

Por mais longo e completo que seja o treinamento, isso não é suficiente e não prepara um pastor para todas as eventualidades que ele possa encontrar na obra do Senhor. Assim, não nos causa estranheza encontrar um texto como esse, que contenha uma longa lista de conselhos, inspirados pelo Espírito, para esse Jovem líder cristão. Nessa passagem, Paulo discute várias áreas de atividades da Igreja, fornecendo mandamento da Escritura para que se respeite e cuide das pessoas com amor e dedicação.

I. Respeitando e Reprendendo os “santos” (5.1,2)

Durante seu ministério pastoral, Timóteo pode encontrar situações em que a correção do comportamento de alguns membros da igreja seja necessária, considerando a relevância do sexo ou idade dos indivíduos em algumas dessas circunstâncias. Ao invés de abordar essas pessoas com rigidez, Timóteo é orientado a adotar uma abordagem de "aconselhamento" ou "admoestação". O termo originalmente utilizado implica em "chamar à parte", abrangendo diferentes propósitos, como encorajar, confortar, exortar, rogar, apelar ou admoestar. Neste contexto, a ênfase está principalmente na admoestação. É crucial notar que Paulo mantém um equilíbrio notável, incentivando Timóteo a não poupar os mais velhos de uma correção necessária, evitando que escapem impunes de seus pecados, enquanto ainda os trata com o devido respeito.

Timóteo é instruído a admoestar os anciãos como faria com seu próprio pai (versículo 1). Ele deve abordar aqueles que erram com humildade, amor e ternura, reconhecendo que, acima de tudo, a comunidade cristã é uma família, uma família gloriosa (Mateus 12.49,50).

Quando lidar com os mais jovens, Timóteo deve se dirigir a eles como irmãos, estabelecendo uma relação de igualdade em espírito, embora isso não exclua o exercício da autoridade necessária ao administrar a admoestação. As mulheres na congregação não devem ser excluídas da esfera do aconselhamento pastoral em relação ao pecado. Mesmo que essa seja uma tarefa delicada em alguns casos, não deve ser evitada. No entanto, ao admoestar mulheres mais velhas, Timóteo deve fazê-lo com o

mesmo carinho e respeito que um filho adulto demonstra ao corrigir sua mãe, caso ela tenha errado (versículo 2).

II. O Cuidado da Igreja com as viúvas verdadeiramente necessitadas (v.3-16)



A preocupação de Paulo em identificar as viúvas necessitadas e prover o devido cuidado para elas forma o pano de fundo para a discussão dos problemas das viúvas mais jovens (5.316). Algumas delas, ao que parece, tinham sido influenciadas pelo falso ensino de Éfeso. O cuidado pelas viúvas, que de forma frequente tinham grandes necessidades materiais, é um tema importante no Antigo Testamento, e foi uma preocupação especial da Igreja Primitiva (v.16; At 6.1; Tg 1.27). A verdadeira viúva necessitada não tinha família da qual pudesse receber apoio (v. 8,16). “Mas se uma viúva tem filhos ou netos” (v.4), Paulo sugere que estes aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria casa, isto é, para com a sua própria mãe ou avó que ficou viúva, conforme for o caso, e assim recompensar os seus progenitores. Noutras palavras, o peso de sustentá-las deve recair sobre eles. A gratidão prática tal como esta, sugere Paulo, é uma expressão da “religião sadia” (“piedade” gr. eusebéia), e é também aceitável diante de Deus (v.4); esta é uma referência ao Quinto Mandamento: “Honra teu pai e tua mãe” (Êx 20.12) e, mais geralmente, ao alto valor dado no Antigo Testamento, ao dever dos filhos de cuidar dos seus pais. Por contraste, a viúva genuína conforme a definição de Paulo, “não tem amparo” (v.3), e Inevitavelmente espera em Deus pela simples razão de que não tem outra pessoa em quem confiar; a responsabilidade por ela, portanto, recai legitimamente no povo de Deus, a Igreja.

Entretanto, é possível que existam viúvas que, apesar de não terem família e estarem sozinhas no mundo, não apresentem evidências convincentes de fixar suas esperanças em Deus. Pelo contrário, algumas podem se entregar aos prazeres ou viver para eles (v.6). O verbo utilizado sugere o abandono de si mesmo ao prazer e ao conforto. Uma viúva com uma mentalidade mundana, que satisfaz seus próprios interesses e desejos dessa maneira, mesmo estando viva, é considerada como morta e, portanto, não tem direito às ofertas da Igreja.

(Dt 24.19-21; Is 1.17; Jr 22.3; Zc 7.9,10; Ml 3.5)

Paulo exorta Timóteo a incluir esses critérios de viuvez genuína em suas instruções (v.7), enfatizando a importância de garantir que as viúvas incluídas sejam irrepreensíveis.

O próximo versículo (v.8) reitera o princípio estabelecido no versículo 4, destacando que a viúva que tem parentes próximos ainda vivos deve ser cuidada por eles e não pela congregação. Aqueles que negligenciam esse dever básico, mesmo que professem o cristianismo, estão, na prática, negando a fé. Paulo enfatiza que é pior do que um descrente. A repetição do princípio e o tom mais severo podem indicar a exasperação do apóstolo diante do egoísmo de algumas famílias na igreja de Éfeso.

Paulo, de maneira direta e positiva, trata das qualificações para a ordem das viúvas, indicando também alguns dos deveres envolvidos. A primeira exigência é que não seja inscrita na lista oficial da Igreja, a menos que seja uma viúva com mais de sessenta anos. O limite de idade é explicado nos versículos 11-13, onde Paulo destaca o comportamento leviano ao qual as viúvas mais jovens podem ser tentadas. Sessenta anos era considerada a idade em que alguém ficava "velho" ou uma "velha", e as paixões sexuais da mulher poderiam ser consideradas menos perigosas nessa idade.

Paulo também destaca a necessidade de fidelidade ao único marido como uma condição para a inclusão na ordem das viúvas, correspondendo às regras para pastores e diáconos. Os verbos no versículo 10, como "criar", "exercer", "lavar", "socorrer" e "praticar", estão no tempo passado, enfocando o que a viúva realizou durante sua vida, não apenas o que ela ainda pode fazer pela igreja. O ato de "lavar os pés dos santos cristãos" era um serviço destacado na hospitalidade oriental, simbolizando humildade e amor, conforme ensinado por Cristo aos discípulos (João 13.14). Paulo aprofunda a discussão sobre a idade limite estabelecida anteriormente, destacando que a afiliação à ordem das viúvas envolvia um compromisso formal ou voto (versículos 11 e 12). Sua principal justificativa é que a "paixão sexual" ainda desempenha um papel significativo na personalidade das viúvas mais jovens, levando-as a "desejar casar-se novamente" e, assim, abandonar seu compromisso com Cristo (versículo 11). Ele argumenta que seria perigoso para essas mulheres, e prejudicial para a Igreja, se fossem incluídas na ordem das viúvas em uma idade em que ainda são suscetíveis a escolher entre a rigorosa continência apropriada a seu papel e os impulsos apaixonados de sua natureza humana.

A segunda razão para evitar a inclusão de viúvas jovens na ordem é que, ao fazê-lo, elas podem aprender a ser negligentes em relação ao trabalho, tornando-se ociosas e propensas à fofoca e indiscrição, proferindo palavras impróprias (versículo 13). Paulo não afirma que todas as viúvas jovens agiriam dessa forma, mas alerta para o risco potencial que a Igreja não deve correr.

Então, qual é a orientação para as viúvas mais jovens? Paulo aconselha que elas "se casem novamente, tenham filhos e cuidem de suas casas" (versículo 14). Ele não promove o ascetismo ou o celibato, não deseja que essas viúvas jovens permaneçam solteiras, e não considera o celibato como uma forma superior de cristianismo. Pelo contrário, ele deseja que essas viúvas jovens encontrem felicidade e cumpram sua vocação natural. Portanto, ele incentiva o casamento e a maternidade, desde que seja uma escolha consciente. Ele exorta-as a não desperdiçar seu tempo com fofocas e indiscrições, mas a viver uma vida que honre a Deus. Com pesar, ele acrescenta que "algumas já se desviaram para seguir Satanás" (versículo 15), destacando sua preocupação com as viúvas mais jovens que estavam sendo influenciadas por falsos mestres (2 Timóteo 3.6,7).

Paulo ressalta a importância de considerar o comportamento passado das viúvas ao decidir sobre sua inclusão na ordem. Ele destaca que a afiliação à ordem das viúvas envolve um compromisso formal ou voto (versículos 11 e 12). Sua principal justificativa é que a "paixão sexual" ainda desempenha um papel significativo na personalidade das viúvas mais jovens, levando-as a "desejar casar-se novamente" e, assim, abandonar seu compromisso com Cristo (versículo 11). Ele argumenta que seria perigoso para essas mulheres, e prejudicial para a Igreja, se fossem incluídas na ordem das viúvas em uma idade em que ainda são suscetíveis a escolher entre a rigorosa continência apropriada a seu papel e os impulsos apaixonados de sua natureza humana.

A segunda razão para evitar a inclusão de viúvas jovens na ordem é que, ao fazê-lo, elas podem aprender a ser negligentes em relação ao trabalho, tornando-se ociosas e propensas à fofoca e indiscrição, proferindo palavras impróprias (versículo 13). Paulo não afirma que todas as viúvas jovens agiriam dessa forma, mas alerta para o risco potencial que a Igreja não deve correr. Então, qual é a orientação para as viúvas mais jovens? Paulo aconselha que elas "se casem novamente, tenham filhos e cuidem de suas casas" (versículo 14).

Ele não promove o ascetismo ou o celibato, não deseja que essas viúvas jovens permaneçam solteiras, e não considera o celibato como uma forma superior de cristianismo. Pelo contrário, ele deseja que essas viúvas jovens encontrem felicidade e cumpram sua vocação natural. Portanto, ele incentiva o casamento e a maternidade, desde que seja uma escolha consciente. Ele exorta-as a não desperdiçar seu tempo com fofocas e indiscrições, mas a viver uma vida que honre a Deus. Com pesar, ele acrescenta que "algumas já se desviaram para seguir Satanás" (versículo 15), destacando sua preocupação com as viúvas mais jovens que estavam sendo influenciadas por falsos mestres (2 Timóteo 3.6,7). Essa advertência sublinha a necessidade de vigilância e discernimento na seleção de viúvas para a ordem, garantindo que sejam verdadeiramente comprometidas com Cristo e com a vida piedosa.

Em suma, o ensinamento de Paulo sobre as viúvas enfatiza a importância de considerar cuidadosamente o caráter, o comportamento passado e a maturidade espiritual ao decidir sobre sua inclusão na ordem das viúvas. Ele busca preservar a integridade da comunidade cristã, garantindo que as viúvas incluídas na ordem sejam verdadeiramente dedicadas a Deus e à vida de piedade.

III. Prescrição para saúde pastoral (5.1725)

Os presbíteros ou bispos que lideram bem a igreja precisa ser honrada, pois eles se dedicam ao governo, a pregação e ensino na Igreja (v.17).

Neste trecho, é fundamental observar que Paulo orienta Timóteo a assegurar que os anciãos, pastores ou bispos que desempenham suas funções de maneira excepcional sejam devidamente reconhecidos pela congregação.

O apóstolo reconhece que, em muitas circunstâncias, os membros da igreja podem negligenciar esse princípio. Os líderes da igreja dedicam uma quantidade significativa de tempo e esforço em suas responsabilidades, que incluem pregação, ensino e preparação.

Portanto, é apropriado que os pastores sejam honrados, especialmente quando se destacam pela qualidade de seu trabalho, especialmente na pregação e no ensino.

Isso implica que, quando necessário, o trabalho dos pastores também deve ser recompensado financeiramente. Um ministro que investe integralmente seu tempo e esforço no serviço do Reino de Deus merece receber uma "remuneração justa". Exigir que alguém se dedique completamente ao trabalho espiritual sem oferecer uma compensação adequada seria desrespeitoso e contraproducente para a igreja. Portanto, a honra aos líderes eclesiais não se limita apenas ao reconhecimento verbal, mas também se estende ao apoio financeiro, refletindo o valor atribuído ao seu serviço dedicado.

O trabalhador é
digno do seu
salário” (v.18).



Paulo destaca a importância do respeito devido aos pastores/bispos que exercem um governo eficaz na igreja, e isso inclui o reconhecimento de que aqueles que se dedicam inteiramente à obra do evangelho têm o direito a receber um salário justo, o qual não deve ser negado a eles.

“Nunca aceite acusação contra
um presbítero, a menos que ela
seja endossada por duas ou
três testemunhas” (v.19).



Uma acusação contra um presbítero deve ser respaldada pelo testemunho oral de duas ou três testemunhas, seguindo a prática em Israel, onde a palavra de duas ou três testemunhas era essencial para qualquer acusação. Os pastores ou bispos não devem ser compelidos a responder a acusações sem esse respaldo, o que evita danos injustificados à reputação deles e assegura que a obra não seja interrompida sem justa causa.

No entanto, se um pastor ou bispo estiver envolvido em pecados, é crucial que seja tratado com rigor, e o processo deve ocorrer publicamente, diante de toda a congregação. Paulo insta Timóteo a conduzir esse julgamento invocando o nome de Deus, de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, pois o julgamento final será realizado por eles.

Portanto, Timóteo deve desempenhar suas funções judiciais como representante dessas autoridades, ciente de que também será julgado por elas.

A ninguém imponhas precipitadamente as mãos” (v.22).



Participar na ordenação de um pasto reconhecidamente desqualificado é aprovar os seus pecados e arriscar-se a dividir a culpa deles. Como isso é sério e sempre considere assim.

“Não continue a beber [somente] água, porém, use um pouco de vinho por causa de seu estômago e suas frequentes enfermidades” (v.23).



Um pastor compassivo se preocupa com o bem-estar de seus liderados. Conhecendo as dificuldades gastrointestinais que Timóteo enfrentava como jovem obreiro, Paulo fez uma recomendação informal sobre uma abordagem terapêutica alternativa, aconselhando-o a tomar "um pouco de vinho". É importante destacar que este texto não estabelece um precedente e não deve ser interpretado como uma justificativa para o consumo de bebidas alcoólicas em geral. Conforme o texto indica, Timóteo não tinha o hábito de consumir vinho, sendo aconselhado a fazê-lo devido à sua enfermidade. O vinho foi sugerido com propósitos terapêuticos e medicinais para aliviar seus problemas estomacais. Além disso, é relevante considerar que, no contexto oriental, a água muitas vezes não era considerada segura para consumo direto. Portanto, a recusa em beber algo além de água não fervida poderia aumentar o risco de

Conclusão



Um pastor deve apreciar a interação com as pessoas tanto quanto nutrir um amor pela pesquisa e exposição das Escrituras.

É fundamental reconhecer a responsabilidade pastoral de cultivar relacionamentos saudáveis entre os membros da igreja. Além disso, o pastor deve empenhar-se em abordar e atender às diversas necessidades dos membros, demonstrando percepção e sensibilidade em relação às suas limitações e carências.



Aplicação

1. Você tem amigos (as) cristãos próximos que estão tendo comportamentos pecaminosos ou questionáveis? O que Deus está levando você a fazer: exortá-los gentilmente, orar por eles? O que mais?

Síndrome infecciosa caracterizada pela eliminação de matéria fecal com muco e sangue acompanhada de cólica intestinal. O que diferencia a diarreia da disenteria, em especial, é o aparecimento de sangue nas fezes neste último caso.

O Servo de Deus

8 f

(6.1-21)

Texto Básico:

“Porquanto, o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e por causa dessa cobiça, alguns se desviaram da fé e se atormentaram em meio a muitos sofrimentos” (1Tm 6.10)

Leitura Semanal

Terça:	Mc 10.1-12
Quarta:	Ef 4.1-16
Quinta:	2Tm 2.1-13
Sexta:	Cl 3.1-17
Sábado:	Rm 1.18-32
Domingo:	2Tm 3.10-17

Objetivo da lição:

Tratar das relações entre pessoas que estão em condições sociais desfavoráveis, destacando o amor e unidade divina entre elas. Destacar também o real valor da vida e das nossas atitudes para com os menos favorecidos financeiramente, expressando na prática o amor fraternal.

Introdução

À medida que essa carta termina, Paulo dá suas últimas instruções a Timóteo, apresentando alguns indicadores adicionais para identificar os falsos e corruptos na igreja. Ele aconselha o jovem pastor a ensinar àqueles que são ricos em posses materiais, os que têm mais do que essencial no que diz respeito alimentos, roupas e abrigo. Paulo não condena essas pessoas nem ordena que elas se livrem de suas riquezas. Ele, na verdade, as convoca a serem boas administradoras dos recursos que foram concedidos por Deus.

I.Escravos, mestres e ensino Saudável (6.1-5).

a) Submissão às autoridades humanas (6.1-2)

Estamos vivenciando transformações mundiais em todas as áreas da vida humana: sociais, políticas, econômicas, científicas, tecnológicas, antropológicas, geográficas e históricas. A ciência avança em ritmo frenético como nunca visto antes.

Quando lemos sobre as gerações passadas, logo nos deparamos com comportamentos e culturas, que para nós hoje seriam inaceitáveis. Pois com os “óculos” do presente decidimos descobrir e julgar o passado, e, sem considerar seus contextos, poderemos cair em julgamentos precipitados e muitas das vezes indevidos. Como por exemplo, podemos considerar aquilo que nós utilizamos como principal fonte de energia hoje - o petróleo, que traz muitos problemas ambientais, sujeiras, poluições, doenças e mortes; tudo isso serão considerados pelas gerações futuras como algo inadmissível, e seremos questionados por que não investimos em outras fontes energéticas. Ao lermos sobre a escravidão no primeiro século da Era Cristã, questionamos, “Por que eles toleraram isso?”, ou seja, um dos maiores assuntos que nos incomodam sobre os primeiros cristãos - era sua maior fonte de energia - a força do trabalho escravo- a escravidão. Todos nós sabemos que a escravidão é errada de todas as formas - embora, de fato haja muitas formas de escravidão à nossa volta no mundo de hoje da qual as pessoas não podem escapar. Todos nós valorizamos a liberdade, embora nem sempre saibamos o que isso significa exatamente, como funciona e o que deve ser feito para mantê-la.

E, como a única coisa que temos para dizer sobre a escravidão é que “está errado”, e não conseguimos acreditar que os primeiros cristãos não tiveram a mesma atitude em denunciar tal coisa. Porém, a resposta, óbvia, é que muitos deles tiveram essa atitude sim. Nos dias de Paulo, os escravos correspondiam um terço da população. A maioria das famílias livres, com exceção das muito pobres, possuía pelo menos um ou dois escravos. Declarar abertamente que você se opunha a todo o sistema de escravidão surtiria o mesmo efeito de alguém se levantar na igreja hoje e declarar que se opõe ao uso de todos os produtos que funcionam à base do petróleo: carros, aviões, barcos, motos, motores industriais etc.; – seria algo anticristão. O que os primeiros cristãos fizeram, tendo Paulo como líder, foi declarar que, diante de Deus, todos são iguais, sejam escravos, sejam donos, e ambos tinham iguais responsabilidades perante Deus (Gl 3.28). E mais, nesse texto, nos conselhos de Paulo (v.1,2), ele foi ainda mais profundo que este princípio geral e lidou com as consequências que o problema gerava. Como em Romanos 13, ele estava ansioso para que as pequenas comunidades cristãs não se tornassem motivo de provocações ou de comportamento duvidoso, e que, portanto, os escravos e proprietários cristãos deveriam trabalhar esse novo e estranho relacionamento de maneira sábia e respeitosa. O que não podemos fazer é argumentar contra a sabedoria que ofereceu conselhos cristãos práticos a pessoas reais em situações reais, em vez de formular princípios abstratos que fariam os moralistas se sentirem bem, mas que não teriam utilidade alguma para as pessoas envolvidas na situação. Paulo aborda o problema de escravos que não havia demonstrado o devido respeito aos seus “senhores” cristãos.

Como de costume, Paulo está dolorosamente consciente da reação desastrosa que se seguiria se os escravos cristãos abusassem da sua liberdade em Cristo para se comportarem com insolência para com seus senhores (N. T. Wright). Então, o assunto aqui exposto trata-se de submissão à autoridade, e não à moralidade da escravidão. Os princípios cristãos, no fim, podem revolucionar as instituições humanas, mas não sem antes mudar primeiro o caráter dessas instituições de dentro para fora. Paulo chama os escravos a terem respeito por seus “senhores” cristãos e a servi-los ainda mais, não para evitar a punição, mas por aceitar a circunstância como uma oportunidade para amar o irmão. O serviço, afinal, é a pedra angular da virtude cristã.

b) Submissão a Autoridade das Escrituras (6.3-5)

Paulo deixa bem claro que o pastor não deve se basear em sua própria autoridade, mas na verdade essencial da Palavra de Deus. Sabemos também que todos nós que somos parte da Igreja temos que nos submeter à autoridade das Escrituras. Nos dias de Paulo, os cristãos recebiam esse ensino dos apóstolos, os emissários diretos designados pelo Senhor, tanto verbalmente quanto por escrito. Paulo condena firmemente qualquer um que ensine algo contrário à sã doutrina⁴⁵, ou seja, os ensinamentos deixados por Jesus.

Um teste para a sã doutrina é se a vida da pessoa está de acordo com a piedade, ou seja, se a doutrina de alguém não leva a boas obras, então ela fracassa no primeiro teste de ortodoxia⁴⁶. Paulo não mede as palavras quando descreve aqueles que não se submetem à autoridade da Escritura, e enumera três características negativas da influência deles: primeiro, que rejeita a autoridade da Escritura é arrogante, soberbo, orgulhoso (v.4). A palavra descreve alguém cuja percepção elevada de si mesmo e de suas próprias ideias se eleva acima de tudo e de todos; segundo o herege, a despeito da percepção elevada de si mesmo, não “compreende nada”; “nada entende”; terceiro, salienta a ironia de um arrogante ignorante (por nada compreender), tentando desvendar os mistérios da filosofia. A expressão “delira em questões” traduz uma palavra cujo significado é “investigação filosófica”, pelo que a cidade de Éfeso ficou famosa. A expressão discórdias acerca de palavras vem de uma rara palavra composta cujo sentido literal é “luta de palavras”. Há quem pareça deleitar-se em tais sutilezas, nas batalhas de palavras, Paulo apresenta verdadeiro ensinamento (1Tm .10; 2Tm 4.3; Tt1.9; 2.1) da Doutrina cristã correta. seus frutos amargos. A seguir, o apóstolo enumera cinco feitos da atividade de um herege em desejar destruir a Igreja, muitos dos quais ele inclui entre as piores qualidades da humanidade depravada (Rm 1.18). O quinto e mais sério efeito, “disputas”, “atritos constantes” “discórdias”, é algo que despedaça a unidade cristã na igreja. As questões no cerne dessas disputas mudaram ao longo dos anos, mas esses homens depravados e ignorantes têm um motivo singular por trás de suas brigas de palavras e falação filosófica: ganho pessoal e monetário (v.5).

(Mt 20.26-28; Jo 13.4-17).

Eles continuam a existir hoje na forma de profetas da prosperidade, e vendedores sorridentes de ganância por saúde e riqueza..., tudo isso sob a desculpa da religião e da “fé”. Esses falsos mestres não reconhecem a autoridade das Escrituras; ao contrário, distorcem a Palavra de Deus para sustentar suas próprias perversões teológicas em causa própria. Além disso, eles evitam a todo o custo prestar contas a outros porque eles mesmos se intitulam como uma “autoridade”, e como tais, não se sujeitam a questionamentos e aquilo que venha denunciar sua má conduta; e podemos ter certeza de que têm algo a esconder.

c) Submissão às autoridades humanas (6.1-2)

Estamos vivenciando transformações mundiais em todas as áreas da vida humana: sociais, políticas, econômicas, científicas, tecnológicas, antropológicas, geográficas e históricas. A ciência avança em ritmo frenético como nunca visto antes.

Quando lemos sobre as gerações passadas, logo nos deparamos com comportamentos e culturas, que para nós hoje seriam inaceitáveis. Pois com os “óculos” do presente decidimos descobrir e julgar o passado, e, sem considerar seus contextos, poderemos cair em julgamentos precipitados e muitas das vezes indevidos. Como por exemplo, podemos considerar aquilo que nós utilizamos como principal fonte de energia hoje - o petróleo, que traz muitos problemas ambientais, sujeiras, poluições, doenças e mortes; tudo isso serão considerados pelas gerações futuras como algo inadmissível, e seremos questionados por que não investimos em outras fontes energéticas. Ao lermos sobre a escravidão no primeiro século da Era Cristã, questionamos, “Por que eles toleraram isso?”, ou seja, um dos maiores assuntos que nos incomodam sobre os primeiros cristãos - era sua maior fonte de energia - a força do trabalho escravo- a escravidão. Todos nós sabemos que a escravidão é errada de todas as formas - embora, de fato haja muitas formas de escravidão à nossa volta no mundo de hoje da qual as pessoas não podem escapar. Todos nós valorizamos a liberdade, embora nem sempre saibamos o que isso significa exatamente, como funciona e o que deve ser feito para mantê-la.

II. Coroa do Contentamento (6.6-10)



A palavra grega que se utiliza aqui para contentamento é autarkeia, que significa “satisfação”, “júbilo”, “alegria”, “prazer”. Epicuro disse de si mesmo: “Aquele para quem não é suficiente o pouco, nada é suficiente”. E quando alguém lhe perguntou pelo segredo da felicidade e do contentamento, sua resposta foi: “Não adicionem às posses do homem, mas sim diminuam seus desejos”. A mente que aprendeu a apreciar a beleza moral da vida, tanto no que diz respeito a Deus como aos homens, não pode ser muito comovida por qualquer reverso externo da fortuna. Não é que o cristianismo exija a pobreza, pois não há nenhuma virtude especial em ser pobre, e nenhuma felicidade em ter uma luta constante para que o pressuposto seja suficiente. Todas as coisas do mundo não podem fazer feliz o homem se este não conhecer a amizade nem o amor. Todas as coisas do mundo jamais apagarão a solidão. O cristão sabe que o segredo da felicidade tem sua raiz, não nas coisas, mas em Deus e nas pessoas. O contentamento exige a concentração nas coisas permanentes, nas coisas que o homem pode levar consigo no final quando morrer. Não trouxemos nada ao mundo, e é evidente que tampouco podemos levar nada dele (Jó 1.21). Sêneca disse: “Não podes levar do mundo mais do que trouxeste a ele”. Como diz o provérbio espanhol: “A mortalha não tem bolsos”. O homem só pode levar duas coisas a Deus. Pode levar-se a si mesmo, e deve fazê-lo; e, portanto, a grande tarefa da vida é edificar um ser, um caráter, um coração e uma alma que possam apresentar-se a Deus sem timidez. Pode levar, e deve fazê-lo, a relação com Deus a qual já entrou nos dias de sua vida. Já vimos que o segredo da felicidade descansa em nossas relações pessoais, e que a maior de todas elas são a relação com Deus. A maior riqueza que um homem poderá levar com ele é a convicção totalmente segura de que se dirige a Deus que é o amigo e amante de sua alma. Paulo encoraja o pastor mais jovem a encontrar contentamento em Cristo, em vez de no mundo. Pois a verdadeira piedade, de acordo esse ministro maduro, é dar as costas ao ganho material na dimensão temporal para buscar o ganho espiritual na dimensão eterna.

Esse é o contentamento genuíno e o alicerce sobre o qual o cristão constrói uma vida alegre.

Filósofo grego do período helenístico.

ingressamos neste mundo sem absolutamente nada (v.7). Este versículo nos dá uma razão sólida e prática para a atitude contente do cristão, pois sabe que, do ponto de vista da eternidade, nenhuma das coisas que as pessoas cobiçam tem qualquer permanência, ou por assim dizer, são eternas em si mesmas. Estes pensamentos incentivam o apóstolo a contemplar os efeitos desastrosos, sobre a alma, do amor desregrado ao dinheiro. Não são os ricos como tais que Paulo está confrontando, pois havia alguns deles na Igreja de Éfeso, e embora Paulo tenha conselhos para eles, não condena suas posses como essencialmente erradas. Sua advertência é para os que querem ficar ricos, isto é, que fixaram seus desejos nas riquezas materiais e fizeram delas seu motivo predominante.

O amor pelo dinheiro, o desejo excessivo de conseguir riqueza é a principal raiz que alimenta o crescimento incessante do mal. O amor ao dinheiro, no fim, faz a pessoa mudar de sua fé em Deus, que é ilimitado e amoroso, a fim de buscar a satisfação e a segurança na riqueza, que é limitada, passageira e sem amor. Isso, por sua vez, deixa a pobre alma aberta a muitas dores e sofrimentos. A avareza é a fonte do maior de todos os males - a apostasia da fé. Os que sofrem dessa praga, gradualmente se degeneram até que renunciam completamente a fé. Daí as dores de que ele fala, pois tomo a sua expressão como sendo os medonhos tormentos da consciência que geralmente fustigam os homens que não mais acalentam qualquer esperança; embora Deus conte também com outros métodos para atormentar os cobiçosos e convertê-los em seus próprios atormentadores.

O contentamento chega quando escapamos da servidão das coisas, quando achamos nossa riqueza no amor, na amizade e na fraternidade com os homens, e quando nos damos conta de que nossa possessão mais preciosa é nossa amizade com Deus, que só é possível através de Jesus Cristo.

III. Desafios pastorais (6.11-16)



A carta chega a seu fim com um tremendo desafio a Timóteo, um desafio tão maior e tão mais solene devido à deliberada nobreza sonora das palavras com as quais está revestido.

Filósofo grego do período helenístico.

No próprio começo Timóteo é desafiado e estimulado. É chamado de homem de Deus. Quando se desafia a Timóteo, não se lembra a ele sua própria fraqueza, fragilidade, insuficiência e pecado; isto poderia tê-lo reduzido a uma perda pessimista da esperança. É desafiado por sua honra, pela honra de ser um homem de Deus. A maneira cristã não é a de deprimir a uma pessoa, marcando-a como perdida e pecadora impotente, mas sim animá-la ordenando-a para ser que seja o que é dentro de si mesmo. A maneira cristã não é a de lançar na cara da pessoa seu passado humilhante, mas sim pôr diante dela o esplendor de seu futuro potencial.

O próprio fato de que se considerasse Timóteo "homem de Deus" isso o faria enquadrar-se e levantar a cabeça como quem recebeu uma missão do Rei. A conduta de Timóteo, e os princípios sobre os quais ele a baseia, deve ser exatamente os opostos daqueles falsos mestres. O título "homem de Deus" (v.11) é aplicado a ele deliberadamente, revelando que ele está no serviço de Deus, que é um representante de Deus e que fala em Seu nome, e é admiravelmente apropriado a alguém que está em uma posição pastoral (2 Tm 3.17). Por isso, com o fim de poupar Timóteo de excessiva preocupação com os afazeres terrenos, ele o exorta a lutar, com batera boa batalha da fé (2Tm 2.4). A displicência e o comodismo emanam da preocupação que os homens sentem em servir a Cristo sem problemas ou lutas, como se fosse um passa-tempo, enquanto Cristo convoca todos os seus servos para a "guerra". Timóteo é exortado, perante Deus, seu Criador, que também lhe dá a vida eterna, e perante Cristo Jesus, que morreu por ele, a ser leal à sua comissão. Esse apelo é reforçado por uma vívida lembrança tanto do compromisso solene que ele mesmo assumiu na ocasião do seu batismo, e do testemunho ainda mais impressionante que o Salvador deu na cruz. A lição que Paulo deseja inculcar em Timóteo é que, ao passo que ele se identificou com a fé em Cristo quando aceitou o batismo, o próprio Cristo, por assim dizer, tinha atestado a mesma confissão em atos quando morreu e ressuscitou. A moral é que o discípulo deve exibir a mesma perseverança e coragem invencível de seu Mestre.

IV. O que fazer com o Dinheiro (6.17-21)



Após condenar a idolatria do dinheiro e estabelecer a perspectiva da esperança cristã no futuro, Paulo faz uma exortação aos que se consideram ricos neste mundo. Ele instrui que não devem ser arrogantes, mas sim humildes, seguindo a mesma linha de ensino presente em Efésios 4:2 e Colossenses 3:12. Além disso, não devem depositar suas esperanças na incerteza das riquezas, mas sim na fidelidade de Deus, que é o Deus de amor e graça infinitos, e que supre abundantemente.

Paulo destaca que os crentes são ricos no contexto da era vindoura, que será inaugurada com a gloriosa aparição de Cristo. Portanto, os ricos na igreja não devem se orgulhar de suas posses terrenas, mas devem demonstrar generosidade e disposição para compartilhar com outros crentes. Ao praticar a graça de dar, eles acumularão um tesouro espiritual valioso para si mesmos, pois os atos de generosidade são investimentos que enriquecem espiritualmente quem os pratica. Paulo também exorta Timóteo a guardar não apenas as instruções específicas que recebeu para cumprir seu ministério, mas também a preservar a fé pura do evangelho que lhe foi confiada como um tesouro divino, que ele tem a responsabilidade sagrada de transmitir integralmente aos outros.

Conclusão



Aprendemos que o amor e o respeito ao próximo e a vida humana está além das nossas condições sociais. Que a satisfação em Deus é a expressão da verdadeira vida cristã. Que também, a nossa luta é resistir firmemente a todas as tentações que possam nos tirar da posição que Deus nos colocou para servir no seu Reino.



Aplicação

1. Como o dinheiro e tem afetado o seu grau de comprometimento com a obra de Deus e seu contentamento com a vida?

2. Você tem lutado “o bom combate da fé”? O que representaria, na sua vida atual, um compromisso renovado com essa batalha?

Quando o Assunto é Dinheiro

9

(ITM 6.310, 17-19)

Texto Básico:

“O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e por causa dessa cobiça, alguns se desviaram da fé e se atormentaram em meio a muitos sofrimentos” (ITm 6.10).

Leitura Semanal

Segunda:	2Ts 3.6-15
Terça:	Fp 4.10-20
Quarta:	At 18.1-11
Quinta:	Mt 6.24-34
Sexta:	1Co 15.50-58
Sábado:	Pv 28.1-28
Domingo:	Ec 5.1-20

Objetivo da lição:

Procurar despertar para o perigo de amar mais as riquezas do que a Deus e as pessoas. Entender que não somos escravos do dinheiro e nem do nosso trabalho. Saber que o verdadeiro contentamento está em viver uma vida íntegra e honesta na presença do Senhor.

Introdução

A relação de boa parte de nós com o dinheiro é uma relação de amor e ódio, amor porque queremos obtê-lo; ódio porque não conseguimos tê-lo. Desde que inventaram o dinheiro corremos atrás dele. As chamadas civilizações se tornaram muito complexas por causa do dinheiro, especialmente porque é impossível viver sem ele. Nem mesmo Jesus viveu sem dinheiro. O Novo Testamento nos revela que havia um grupo de mulheres que pagavam as suas contas, assistiam-lhe com seus bens; eram pessoas voluntárias em bancar financeiramente o ministério de Jesus Cristo (Lc 8.1-3). A Bíblia fala de dinheiro em 648 capítulos (com os termos: dinheiro, bens, riqueza, moeda, prata e ouro). Os dois capítulos mais ricos da Palavra de Deus sobre o assunto são Eclesiastes (5.10-20) e 1Timóteo (6.6-12).

I. Uma Teologia Ruim

Quando lemos o Paulo afirmando que o dinheiro é a raiz de todos os males, podemos concluir apressadamente que a Bíblia é contra o dinheiro. Se examinarmos bem esse texto, veremos que o cristão pode desenvolver uma “dinheirofobia”, ou seja, um medo ou pavor ao dinheiro, como se não devesse ganhar, guardar, gastar. Se examinarmos a Bíblia toda, perceberemos que o dinheiro ocupa um lugar bastante significativo pela simples razão dele ser importante na vida das pessoas. Não somos, e nem precisamos ser contra o dinheiro, pois precisamos dele para que possamos sobreviver nessa terra. Nosso problema em relação ao dinheiro é outro. Assim, precisamos de uma boa teologia do dinheiro, para termos uma atitude correta em relação a ele, e isso se aplica a quem o tem ou até sobra e a quem o dinheiro falta, até mesmo para o essencial de nossa sobrevivência.

1. Não há base bíblica para a acomodação, ociosidade;

É preciso trabalhar. Alguns irmãos da Igreja de Tessalônica inventaram essa má teologia para justificar sua má conduta, mas o apóstolo Paulo os repreendeu duramente: “Quando ainda estávamos convosco, vos ordenamos isto:

Se alguém não quiser trabalhar, também não coma. Pois, fomos informados de que alguns de vocês estão ociosos, sem querer trabalhar e se intrometendo na vida particular dos outros. A esses, no entanto, ordenamos e admoestamos por nosso Senhor Jesus Cristo que, trabalhando em paz, se alimentem do seu próprio pão” (2Ts 3.10-12). Um dos inimigos da generosidade é o comportamento de algumas pessoas assistidas, dentro e fora das igrejas, que se acostumam, passivamente, com as ajudas que recebem e se acomodam. Talvez digam que aprenderam a estar contentes em toda e qualquer situação, mas não foi isso que o apóstolo Paulo quis dizer (Fp 4.10-13), porque não pode haver contentamento, que é uma atitude espiritual, na dependência e, às vezes, exploração dos irmãos da igreja, ou de alguma organização social ou governamental. A ninguém devemos defraudar, diz as Escrituras, e a dependência sem esforço de superação é uma defraudação. Uma ajuda que conduz à dependência, não é ajuda é estorvo; não é serviço, é desserviço; não promove a dignidade humana àquilo que é imagem de Deus, mas a serviliza. As sábias advertências paulinas revelam que ele tinha suas lutas para ganhar dinheiro. Ele sobrevivia de ofertas doadas dos irmãos e irmãs em Cristo e, quando isso lhes era pesado ou lhes trazia dificuldades, voltava às suas atividades profissionais de fabricante de tendas e as vendia para seu sustento (At 18.3), sem parar de pregar o evangelho ou de comprometer seu ministério. Na igreja, portanto, não devemos cair no extremo de não falar sobre dinheiro; devemos falar tanto para advertir sobre sua necessidade e seu perigo quanto para falar de seu bom uso, tanto para nós individualmente como também para a manutenção e trabalhos da igreja local.

2. Não há base bíblica para os imprevistos.

Sabemos que numa economia inconstante como a nossa, onde a inflação é uma instável, mexendo em nossos bolsos e comprometendo nossas finanças, é essencial que tenhamos equilíbrio financeiro. Assim, torna-se difícil planejar algo.

Ninguém pode gastar mais do que arrecada ou ganha, isso é um fato. É preciso economizar um pouco, para que não tenhamos surpresas desagradáveis mais tarde.

Planejar sua vida financeira, dando prioridade às coisas que realmente são essenciais, poderão trazer-nos mudanças consideráveis em nossas vidas. Conheço pessoas que ganham bem, mas não conseguem adquirir nada, ou estão sempre no vermelho, talvez seja por uma má administração de seus ganhos, ou um consumismo desnecessário. Seja o que for, nossa prosperidade financeira passa pelo nosso equilíbrio e sensatez dos nossos gastos.

3. Não há base bíblica para a “Teologia da Prosperidade”

Essa teologia é marcada pelo ato da “barganha”, ou seja, “dê para Deus que Deus fará você prosperar”. O grande problema desse e de outros discursos semelhantes estão não no ato de dar em si, mas na motivação que está por trás do ato de dar; ou seja, eu dou com intenção de receber em troca, ou em dobro. Tornando-se uma espécie de troca, onde eu tenho que “exigir” que Deus tem que me abençoar. Para os pregadores da “prosperidade”, bênçãos e maldições estão atreladas ao ato em dar ou não.

Na mente desses homens, ou seja, em seus ensinamentos, a pobreza está atrelada a maldição, ou seja, para eles ser pobre é ser amaldiçoado; e ser rico é ser abençoado por Deus. Defendem que, se você não é rico, tem algo errado com sua fé ou estão em pecado. Esses líderes que defendem tal doutrina esqueceram que Jesus não tinha onde reclinar a sua cabeça, que foi sustentado por seus discípulos e que não pregou sobre riquezas na terra. Também passaram de largo pelo que Paulo disse que aprendeu a viver contente em toda e qualquer situação; que a felicidade do cristão não está vinculada ao ganho financeiro, embora todos devamos esforçar-nos, pelo estudo, trabalho, para ganhar o necessário ao nosso sustento. Quem está contente com o Senhor, não se apega ao dinheiro nem aos bens materiais (Mt 6.24-34).

4. Não há base bíblica para a mercantilização da fé.

Uma igreja precisa de recursos financeiros para seu sustento, projetos missionários e projetos sociais. Ela jamais poderá ser usada como um instrumento para enriquecimentos daqueles que estão na direção dela. O dono da Igreja é Jesus Cristo, Ele é o Cabeça, o Senhor da igreja. Os líderes são apenas servos dela, e nada mais que disso.

Os líderes trabalham para o Senhor e para o povo, não para si mesmos. É por isso que a liderança espiritual deve ficar à margem do manuseio do dinheiro na igreja. Sua tarefa deve ser de convidar à generosidade, à responsabilidade, e vigiar pela boa destinação dos recursos arrecadados.

A fé pode ser um bom negócio se as pessoas com más intenções se acercam da sua linguagem e dos seus meios para explorar, mesmo sem a ter, a fé nutrida pelos outros. Infelizmente, esse problema existe desde os tempos da Igreja Primitiva, onde os “mercenários da fé” se utilizavam da boa vontade dos irmãos para usurpar e enganar os outros.

Para os que assim procedem, usando o dinheiro de Deus como se fosse seu, está reservada uma dura recompensa punitiva. Pois quando muitos irmãos sentem-se enganados por esses mercenários, que manipulam e extorquem, tropeçam na fé; muitos perdem até a fé, saem da igreja e perdem o desejo de contribuir. O que é preciso fazer é termos cuidado com essas pessoas que distorcem o Evangelho, procurar saber quem realmente são, e buscar conhecer melhor as Escrituras e saber que mesmo diante e tudo isso, fomos chamados a sermos servos e contribuintes da obra de Deus, pois sabemos que o trabalho no Senhor não é vão (1Co 15.58).

II. Uma boa Teologia



Uma boa teologia acerca do dinheiro nos leva a ter uma atitude saudável com relação a ele; devemos nos esforçar para ganhar, guardar e saber como gastar nosso dinheiro. Ganhar dinheiro faz parte da nossa vida, pois precisamos nos manter nesse mundo. Sem ele não comemos, não bebemos ou vestimos. A Bíblia não é contra o dinheiro, mas nos alerta acerca da importância exagerada que fazemos e damos a dele.

Jesus estava preocupado com seus discípulos, pois entendia que eles poderiam fazer do dinheiro seu “deus”, como uma fonte de todo o bem (Mt 6.24-34). Jesus nos ensinou que não deveríamos colocar as preocupações diárias e primárias de nossa vida em primeiro lugar, pois tudo isso gerava frustração.

Que a busca desenfreada pelo ganho financeiro é um problema que nos afasta das verdadeiras prioridades – o “Reino de Deus e sua justiça”.

Paulo também nos revela sua preocupação quando diz que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males da humanidade” (1Tm 6.10).

1. O dinheiro é algo que Deus nos dá para o nosso bem-estar.

Deus cuida de nós e providencia tudo para que possamos sobreviver nessa terra. Ele é quem nos dá força e capacidade para podermos ganhar nosso sustento (Dt 8.17-18). O dinheiro não nos é dado para nele confiarmos, mas sua concessão deve aumentar nossa confiança em Deus.

O sábio no livro do Eclesiastes nos ensina que Deus nos dá, por meio do trabalho, riquezas e bens, assim como poder para fruir deles – “Todo homem a quem Deus concede riquezas e recursos que o tornam capaz de sustentar-se, de receber a sua porção e desfrutar das recompensas do seu trabalho, isso é presente de Deus” (Ec 5.19). O dinheiro é algo que vem por meio do trabalho. Numa sociedade injusta e corrupta com a qual vivemos, há muitas pessoas tentando ganhar dinheiro ilicitamente, pelo roubo, pela corrupção, pela enganação e por outros meios escusos. As tentações são muitas para ganhar dinheiro “fácil”, mas como cristãos, sabemos que isso não agrada ao Senhor e nos afasta da nossa identidade em Cristo. É possível sim ganhar dinheiro de forma honesta e segura, sem defraudar e nem explorar o nosso próximo. Pois sabemos que o Senhor tem sustentado todos aqueles que nele confiam.

2. Ganhardinheirosim;divinizá-lo jamais!

Precisamos ganhar dinheiro como forma de suprir nossas necessidades, e devemos definir quais são elas. O dinheiro nunca será um fim em si mesmo. O sucesso com o dinheiro conquistado depende do estabelecimento de prioridades, que Paulo relaciona como sendo a satisfação de nossas necessidades (1Tm 6.8), as quais variam de pessoa para pessoa, de família para família. Paulo pensava apenas no alimento e vestuário. Na vida complexa como a nossa, precisamos pensar em outras coisas tais como: saúde, educação, moradia, lazer. Mas que isso seja realizado duma forma que não seja nosso objetivo principal, pois se assim for, nos tornaremos escravos dessas coisas. A colocação do dinheiro no altar do coração, ensina o apóstolo Paulo, produz dores e sofrimentos (1Tm 6.10) e nos fazem cair em tentações e armadilhas (1Tm 6.9).

3. Devemos desfrutar do dinheiro com cuidado e humildade

O dinheiro não nos faz diferentes do que somos, já que nada levaremos desta vida, pois a morte iguala todos os seres humanos. Morre pobre, morre rico, enfim, todos morrem. Paulo nos faz lembrar que nossa prioridade deve ser a vida eterna (1Tm 6.7,11,12), porque a “piedade acompanhada de alegria espiritual é grande fonte de lucro” (1Tm 6.6). O contrário de humildade, em relação ao dinheiro, é cobiça. O contrário de cuidado, em relação ao dinheiro, é ingenuidade ou descuido. A cobiça produz o desejo de se ter cada vez mais dinheiro. O resultado é a exaltação do ego e do luxo material, que provoca o desvio da fé e a eclosão de muitas dores.

A ingenuidade leva à afirmação de que o dinheiro não traz felicidade. Se não trouxesse, ninguém se matava por ele, não se traía por ele, não se vendia a si mesmo por ele. Vamos todos ser honestos: é muito bom ter dinheiro, é muito bom não se preocupar com dívidas, pagar boletos, fazer orçamentos, muito bom comprar o que nós desejamos ou o que nossa família deseja. Mas também sabemos que, mesmo sendo bom ter dinheiro, é preciso não se deixar dominar por ele. Paulo nos recomenda a fugir das facilidades que o dinheiro nos traz, facilidades que nos levam à injustiça, à incredulidade, ao ódio, à inconstância e à ansiedade (1Tm 6.11).

4. Devemos estar contentes, satisfeitos; com ou sem dinheiro.

Nosso olhar para o dinheiro deve ser com a visão da eternidade. Pois só levaremos para lá o que estiver guardando em nossos corações.

Devemos olhar para o dinheiro na certeza de que Deus, que está conosco, providencia as nossas necessidades. Isso significa que devemos viver e ganhar dinheiro, não viver para ganhar dinheiro. O dinheiro não altera o que somos, embora possamos pensar o contrário. Ele é apenas um meio para satisfazer nossas necessidades essenciais. Por causa da nossa busca por satisfação e prazer pessoal, fruto da nossa natureza humana caída, nunca estaremos satisfeitos com o que temos. Porém, o apóstolo Paulo nos garante que o contentamento é a verdadeira riqueza, e isso não se encontra nos bens, na casa nova, no carro novo, pois a verdadeira felicidade está em viver na presença de Deus e sob dependência.

Esse contentamento vem de uma vida íntegra e equilibrada, vida esse que Deus se agrada. É uma vida íntegra na presença de Deus que gera o verdadeiro contentamento (Fp 4.11-13). Contentamento vem do conhecimento mais pleno de Deus. Ser contente é compreender que ter a Deus e ter satisfeitas nossas necessidades básicas, é tudo que precisamos.

A adesão ao “deus” dinheiro (ou amor ao dinheiro) possui dois estágios: tentação e queda. Quando caímos em tentação criamos ciladas para nós mesmos. O dinheiro muda nossos relacionamentos com os outros. É por isso que é a raiz de todos os males; injustiças, da guerra, da violência e da fome. Somos tentados a acreditar que precisamos das coisas, mesmo daquelas que não precisamos.

No segundo estágio, caímos na armadilha de amar o dinheiro, que é bom. Quando caímos em tentação, damos lugar à cobiça por mais coisas e criamos uma armadilha para nós mesmos. Nossas posses e bens começam a nos dominar. Passamos a amar mais as coisas do que as pessoas, isso é muito grave. Ao lermos a exortação de Paulo possamos introduzi-la em nossos corações para que sejamos vitoriosos nessa área: “Foge destas coisas. Segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão”. (1Tm 6.11).

Conclusão



Quais são os sinais do perigo do amor ao dinheiro? Primeiro: os que amam o dinheiro estão mais preocupados em ganhá-lo do que com a honestidade, ou na oferta como um esforço de qualidade. Os cristãos devem buscar a verdade e a excelência, por meio das quais o dinheiro pode ser a recompensa. Segundo: os que amam o dinheiro nunca têm o suficiente. Terceiro: os que amam o dinheiro tendem a ostentá-lo. Eles sentem um desejo desenfreado em comprar. Quarto: os que amam o dinheiro sentem-se ofendido em ofertá-lo. Eles querem usá-lo para sua própria satisfação egoística. Por último, os que amam o dinheiro frequentemente pecarão para obtê-lo.

Eles sonegarão em sua declaração de imposta de renda e praticarão fraudes em suas despesas, sonegarão impostos ou furtarão pequenas coisas do seu local de trabalho. Os que comprometem seus princípios demonstram que tem um coração que ama mais o dinheiro do que a Deus, a justiça e a verdade.



Aplicação

1. De que modo você é culpado de amar ao dinheiro? Como você pode superar essa tendência pecaminosa?

2. Como o dinheiro afeta o seu grau de contentamento com a vida e a sua relação com Deus?

Não Te Envergonhes!

10 f

(2TM 1.1-18)

Texto Básico:

“Por essa causa, também sofro, todavia não me envergonho, porquanto sei em quem tenho crido e estou plenamente convicto de que Ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele Dia”. (2Tm 1.12).

Leitura Semanal

Segunda:	Rm 1.16-32
Terça:	2Co 10.1-18
Quarta:	Salmos 89
Quinta:	Mt 25. 31-46
Sexta:	Rm 15.14-33
Sábado:	2Co 7.1-16
Domingo:	Jo 16. 1-33

Objetivo da lição:

Entender um pouco dos grandes desafios que podemos enfrentar no serviço da igreja local e nos encorajarmos na certeza de que o Senhor estará nos dando fé e graça para cumprir o nosso chamado.

Introdução

A mensagem de Paulo a Timóteo nesse segmento da carta pode ser resumida em apenas três palavras: fortaleça sua determinação. Essas palavras não foram escritas como um panfleto motivacional, pois isso não acontecerá por seu próprio esforço ou poder do tipo “posso fazer”. Ao contrário, é um chamado solene a deixar o Espírito de Deus operar por seu intermédio e realizar os propósitos de Deus, do modo de Deus, no tempo de Deus e para a sua glória. De uma perspectiva humana, os propósitos, os métodos e o tempo de Deus podem ser dolorosos e confusos. Não obstante, essa é a ordem do Senhor para todos os que a Ele servem.

I. Reacenda o Dom (1.1-7)

As palavras iniciais revelam claramente que Paulo tinha em vista com a apresentação de suas credenciais, não a Timóteo de maneira exclusiva, mas a outros além dele. O que o apóstolo está fazendo aqui é exibindo publicamente, diante de todos os homens a autoridade que lhe pertencia, na qual outorgada pelo Senhor, e ele o faz da forma mais criteriosa possível, porque, com a proximidade de sua morte, ele deseja obter a aprovação para todo o curso de seu ministério, bem como selar sua doutrina, a qual lhe foi penoso transmitir, para que fosse mantida em sua sacralidade pela posteridade, e encarregar Timóteo de sua genuína representação. Aqui ele enfoca o seu relacionamento com Timóteo e sua confiança na fé que ele demonstra ter.

“Em minhas súplicas noite e dia” (v.3).

Isso põe em evidência quão imensa era sua fidelidade na prática da oração; e, no entanto, o que afirma de si mesmo é apenas o que recomenda a todos os seus seguidores. Deveríamos ser movidos e inspirados a imitar tais exemplos, a fim de fazer disso uma prática essencial e mais comum entre nós. Se alguém entende isso como significando as orações diárias que Paulo tinha por hábito oferecer em determinadas horas, não existe absurdo algum em tal conceito, mas entendo sua intenção de uma forma mais simples, ou seja, que para ele não havia tempo em que não estivesse mergulhado em oração.

“Trazendo-me à memória a fé não fingida” (v.5).

Ele enaltece a fé tanto de Timóteo quanto de sua avó e sua mãe, mais para encorajá-lo do que para elogiá-lo, pois quando alguém sente que fez um bom e corajoso começo, seu progresso deve injetar-lhe ânimo para avançar mais, e os exemplos de seu próprio círculo familiar são o mais forte incentivo e impulsioná-lo para frente.

Por meio dessa piedosa educação, Timóteo é admoestado a não apostatar de seu passado e de seus antepassados.

II. Encorajamento à fidelidade (1.614)



Paulo se dirige ao corpo da carta. Ao encorajar Timóteo à unidade e fidelidade, Paulo discute o evangelho e seu próprio papel na proclamação do mesmo. Lembra-o também de ter sido separado. Aquele que serve a Igreja tem sua honra em suas mãos; aquele que o faz vê-se sustentado e fortalecido pela consciência da comunhão de todos os santos. Paulo também lembra a Timóteo das qualidades que devem caracterizar um mestre cristão. Estas qualidades, tal como via Paulo nesse momento são quatro:

(a) A coragem. O serviço cristão deve outorgar ao homem coragem e não medo covarde. É preciso coragem para ser cristão, e essa coragem provém da consciência contínua da presença de Cristo.

(b) O poder. O verdadeiro cristão tem o poder de fazer frente às coisas, de assumir as tarefas cansativas, de erguer-se frente a uma situação que é derrubada, de conservar a fé frente à tristeza que resseca a alma e a desilusão que fere. O cristão é caracteristicamente uma pessoa que pode confrontar o ponto limite, sem desmaiar.

(c) O amor. No caso de Timóteo trata-se do amor pelos irmãos, amor pela congregação do povo de Cristo sobre o qual foi posto. Precisamente é este amor o que dá ao pastor cristão suas outras qualidades. O pastor cristão deve amar tanto a seu povo que nunca encontre uma tarefa muito grande para fazer por eles. Deve amá-los tanto que nenhuma situação ameaçadora o desanime. Ninguém jamais teria que entrar no ministério da Igreja de Cristo a não ser que haja em seu coração amor pelo povo do Senhor.

(d) O domínio próprio. Somente Cristo nos pode dar esse domínio próprio, essa autodisciplina, esse autocontrole que nos preserva de ser arrastados ou de fugir. Nenhum homem poderá governar a outros a não ser que antes se dominou a si mesmo. É esse domínio próprio divinamente outorgado que faz com que uma pessoa seja uma grande autoridade sobre outros porque em primeiro lugar é um servo de Cristo e dono de si mesmo.

III. Um Evangelho pelo qual vale a pena sofrer (V.8-11)



É inevitável que a fidelidade ao evangelho traga problemas. Para Timóteo, a fidelidade ao evangelho e a Paulo significava fidelidade a um homem que era considerado um criminoso, porque Paulo ao escrever estava preso em Roma. Mas aqui Paulo mostra o evangelho em toda sua glória, como algo pelo qual vale à pena sofrer. Algumas vezes por inferência e outras por afirmação direta, Paulo obtém elementos para a glória do evangelho. Poucas passagens no Novo Testamento trazem este sentido da pura grandeza do evangelho de Jesus Cristo:

(1) É o evangelho de poder. Qualquer sofrimento que envolva o evangelho deve ser suportado no poder de Deus. Para o mundo antigo o evangelho era o poder que permitia viver. O evangelho era, e é, poder – poder de conquistar ao eu, de dominar as circunstâncias, de poder continuar vivendo quando a vida é impossível, de ser cristão. Ele diz a Timóteo como fazer o que lhe pede, ou seja, preparando-se para sofrer as aflições que estão relacionadas com o evangelho, pois esquivar-se da cruz ou tentar evitá-la significa sempre envergonhar-se do evangelho. E assim Paulo tem duas boas razões para encorajar a Timóteo a ser ousado em sua confissão, e ao falar sobre levar a cruz, que ele não o fizesse em vão.

(2) É o evangelho da salvação. Deus é o Deus que nos salva. O evangelho é resgate. Resgata-nos do pecado. Liberta o homem daquelas coisas que o têm em seu poder; dá-lhe o poder de romper com os hábitos inquebrantáveis; de conquistar os pecados que se entrelaça na própria fibra da vida. O evangelho é essencialmente esse poder que resgata e que pode tornar bons os maus.

Pela visão da grandeza da bênção, o apóstolo demonstra o quanto devemos a Deus, porque a salvação que ele nos outorgou facilmente absorve todos os males que suportamos neste mundo. O termo, “salvou”, ainda que seu significado seja de caráter geral, aqui, neste contexto, refere-se somente à salvação eterna. Seu significado consiste em que não haviam recebido através de Cristo nenhum livramento passageiro e transitório, e, sim, uma salvação eterna, e desse modo se revelariam extremamente ingratos, caso valorizassem sua vida passageira, ou sua reputação, em vez de reconhecê-lo como seu Redentor.

(3) O evangelho é o chamado à consagração: Não é simplesmente um resgate das consequências e penalidades dos pecados passados. É um chamado a partir pelo caminho da santidade. O poder transformador do evangelho está mais além de todo argumento. Ele faz de nossa vocação o selo infalível de nossa salvação. Pois como a salvação foi consumada na morte de Cristo, assim Deus nos faz partícipes dela através de Cristo. Para exaltar essa vocação ainda mais, ele a qualifica de santa. Tal fato deve ser cuidadosamente observado, pois assim como temos de buscar a salvação exclusivamente em Cristo, ele também tem morrido em vão e a troco de nada caso não nos chamasse para participarmos desta graça.

(4) “Em função da sua própria determinação e graça” (v.9) Ele agora chama a atenção para a fonte, quer de nossa vocação, quer de nossa salvação total. Não possuímos obras que sejam capazes de tomarmos iniciativa em lugar de Deus, de modo que a nossa salvação depende absolutamente de seu gracioso propósito e eleição. Partindo da ordem do tempo, ele conclui que a salvação nos foi outorgada pela graça soberana, já que nada fizemos de antemão para merecê-la. Pois se Deus nos escolheu antes da fundação do mundo, então ele não poderia ter levado em conta obra alguma de nossa parte, porquanto nenhuma ainda existia e nós mesmos ainda não existíamos. Paulo está tratando daquilo que Deus determinou consigo mesmo desde o princípio; portanto, o que ele deu às pessoas que nem ainda existiam é algo que fica completamente fora de qualquer consideração meritória, e o conservou em seus tesouros até chegar ao tempo em que pudesse trazê-lo a lume pelo resultado de que Deus nada determina em vão.

Aquela graça de Deus que estivera oculta desde a fundação do mundo e só podia ser discernida de forma obscura na antiga dispensação. Agora se revelou ou se manifestou com a chegada de Jesus Cristo assumindo a forma humana (v.10). Jesus é a graça de Deus manifesta aos homens, sendo Ele o Ungido. Em conexão com sua primeira vinda, ele derrotou completamente, pôs fora de ação, tornou ineficaz a morte. Como resultado da expiação de Cristo, para o crente já não existe a morte eterna. A morte eterna é vencida cada vez mais nesta vida e completamente vencida no momento que a alma se apartar de seu envoltório físico. Ele trouxe à luz vida e incorruptibilidade; exibindo-as em sua própria e gloriosa ressurreição; ainda mais: ele as trouxe à luz por meio de sua promessa; daí, por meio do evangelho. No sentido pleno, forma parte do novo céu e da nova terra. É uma herança reservada para nós.

Como arauto, pregador, Paulo deve anunciar e proclamar em alto e bom som esse evangelho. Como apóstolo, ele nada deve dizer nem fazer exceto aquilo que foi ordenado dizer e fazer. E, como mestre, ele tem de comunicar prudentemente a instrução acerca das coisas pertencentes à salvação e à glória de Deus, e deve admoestar para a fé e obediência. Para esse tríplice tarefa evangelística, Paulo foi divinamente comissionado ou designado (v.11).

IV. A confiança humana e divina (V.12-14)

Sabe-se sobejamente que o furor dos judeus, inflamado contra Paulo, era mais por esta causa do que por qualquer outra, ou seja, por ele ter dado aos gentios uma participação comum do evangelho. Por isso se refere a toda a passagem precedente, e não deve ser restringida só a última frase sobre os gentios. Paulo então apresenta dois argumentos a fim de impedir que sua prisão de alguma forma trouxesse prejuízo à sua autoridade. Primeiro, ele mostra que a causa de sua prisão, longe de ser uma desgraça, era-lhe, ao contrário, uma honra, visto que fora aprisionado não por algum mau procedimento, mas porque obedecera ao chamado divino.

Uma Dispensação é um período em que o homem é provado com respeito à sua obediência e alguma revelação específica da vontade divina. O homem foi colocado em um ambiente perfeito, sujeito a uma lei simples e advertido das consequências da desobediência. Deus para libertar o homem de seus pecados. Ele se manifestou com a tarefa específica de salvar o que se havia perdido.

V. Porque sei em quem tenho crido (v.12).



É nos um imenso conforto quando podemos receber os injustos juízos humanos com uma consciência íntegra. Segundo ele argumenta que não há nada de vexatório em sua prisão, já que sua esperança é que haveria um resultado feliz. O homem que se vê armado com tal defesa pode com certeza vencer as grandes provações, por mais graves que sejam. E ao dizer que não se envergonha do evangelho, ele usa seu próprio exemplo para encorajar outros a demonstrarem a mesma ousadia.

Esta passagem merece nossa detida atenção, pois ela explica de uma forma muitíssimo excelente o poder da fé, quando demonstra que, mesmo em casos extremos, devemos glorificar a Deus por não duvidarmos que Ele permanecerá verdadeiro e fiel, e por aceitarmos sua Palavra com a mesma certeza como se Deus mesmo surgisse do céu diante de nós. O homem carente de tal convicção nada entende. É precisa que tenhamos sempre em mente que Paulo não está a filosofar no escuro, senão que, com a própria realidade diante dos olhos, está solenemente declarando o grande valor daquela confiante certeza da vida eterna. A passagem como um todo, expressa assim sua certeza suprema de que, sejam quais forem os infortúnios que possam sobrevir aos Seus ministros, o próprio Deus conservará a fé a eles confiada, isenta de corrupção, de modo que os capacitará, por assim dizer, a devolver sua custódia a Ele intacta no juízo final.

VI. “Conserva Padrão” (v.13).



Da mesma forma que um artista segue um roteiro, Timóteo tinha um padrão a seguir. Esse padrão era constituído pelas palavras que ele tinha ouvido de Paulo. Ele deveria se submeter a essas palavras e usá-las como um exemplo constante, nunca se desviando delas. Isso era fundamental porque o ensinamento de Paulo era baseado em palavras saudáveis e verdadeiras.

VII. Guarda o bom depósito (v.14).



O "depósito precioso" refere-se, naturalmente, ao evangelho em seu sentido mais amplo. Ele consiste nas "sãs palavras" que Timóteo ouviu de Paulo.

É precioso e excelente porque pertence a Deus e resulta em Sua glória ao salvar aqueles que o recebem pela Sua graça soberana. Timóteo deve protegê-lo contra qualquer ataque e nunca permitir que seja alterado ou modificado de forma alguma. No entanto, considerando que o inimigo é poderoso e Timóteo é frágil, Paulo sabiamente acrescenta que essa ação de proteção só pode ser efetuada "mediante o Espírito Santo que habita em nós" (Rm 8.11). Portanto, Timóteo deve manter o evangelho puro e a doutrina saudável, da mesma forma que Paulo sempre fez.

VIII. Os Muitos Infiéis e o Único Fiel. (V.15-18)



Timóteo está sendo exortado a demonstrar perseverança e coragem, e assim, Paulo lhe aponta exemplos de advertência, casos de bons amigos cristãos que o abandonaram, assim como lhe aponta um exemplo mais consolador de lealdade destacada. Foi à preocupação de Paulo que levou a encorajar Timóteo a permanecer fiel mostrando exemplos específicos de infidelidade e fidelidade. Esta é uma passagem em que se combinam a dor e a alegria. No final, sucedeu com Paulo o mesmo que sucedeu com Jesus, seu Mestre. Seus amigos o traíram e fugiram. Quando Paulo caiu prisioneiro seus amigos o abandonaram. O mais provável é que o tenham deixado por medo. Os romanos nunca teriam procedido contra Paulo, baseando-se numa acusação puramente religiosa; os judeus deveriam ter convencido os romanos de que Paulo era um perigoso alvoroçador e perturbador da paz pública. Não havia dúvida de que finalmente Paulo seria aprisionado com uma acusação política. Era muito perigoso ser amigo de um homem semelhante; e na hora de necessidade os amigos de Ásia abandonaram a Paulo porque temiam por sua própria segurança. Mas apesar de que outros temessem e desertassem, um homem foi fiel até o fim. Seu nome era Onesíforo, nome que significa "proveitoso". Outros podiam envergonhar -se ou temer reconhecer que conheciam Paulo, mas Onesíforo não. Não há dúvida que, quando ele buscou Paulo e foi visitá-lo várias vezes, estava expondo sua vida. Era perigoso perguntar onde se podia encontrar determinado delinquente, e era ainda mais perigoso continuar visitando-o; Mas isso foi o que Onesíforo fez, aparecendo como um amigo que esteve mais próximo que um irmão. Assim o fez, reconhecendo Deus e o chamado na vida de Paulo.

Conclusão

Um ministério fiel a serviço Senhor é sempre agridoce. Ele causa sofrimento e alegria, desapontamento e gratidão. O dever pode provocar a mais profunda dor ou mais elevada alegria. O dever espiritual não cumprido traz uma insatisfação incalculável, arrependimento

angústia, não importa quão fácil possa ser a infidelidade. Por outro lado, o dever Seja Diligente! (2Tm 2.1-26) espiritual cumprido causa uma imensa satisfação e felicidade.

f

Aplicação

1. Qual são os seus dons espirituais? Busque Explorá-los na obra do Senhor.
2. Se você não souber, que passos você poderia dar para descobrir?
3. O que seria, na sua vida, “reavivar” seu dom? Como isso beneficiaria a

Seja Diligente

11

(2TN 2.1 – 26)

Texto Básico:

“Nenhum soldado em custo da fidelidade, e é por isso que serviço se permite envolver em negócios devemos cumprir para a glória de Deus. dá vida civil, porquanto seu objetivo é agradar aquele que o recrutou para a guerra” (2Tm 2.4).

Objetivo da lição:

Apresentar as dificuldades, questionamentos que todo pastor e ministro do evangelho possa a enfrentar, bem como encorajar a prosseguir firme na sua vocação.

Introdução

Ao enfrentar dificuldades óbvias, de qualquer natureza, Timóteo claramente estava desencorajado. A essência do conselho de Paulo era que Timóteo precisava apenas se apropriar de tudo o que Deus já o havia concedido. Ele necessitava de incentivo para ser esforçado, para usar seus dons e para resistir aos falsos mestres que haviam se infiltrado entre o rebanho.

I. As batalhas por amor a Cristo (2.1-13)

Timóteo deve demonstrar resolução e firmeza, mas a verdadeira força de seus esforços virá da graça que Cristo concede livremente a todos aqueles que Ele salva e envia. Uma maneira segura de fortalecer-se na graça é transmitir a outros as verdades profundas que estão enraizadas em seu coração e guardadas em sua memória. Nesse sentido, Timóteo deve agir como um mestre, e, o que é ainda mais crucial, deve capacitar outros a se tornarem mestres também.

Timóteo precisa dessa experiência, e o que é ainda mais importante, a igreja precisa de mestres. Paulo está se despedindo desta vida, tendo carregado a tocha do evangelho por muitos anos. Agora, ele a confia a Timóteo, que, por sua vez, deve passá-la adiante para outros. O depósito que foi confiado a Timóteo (como mencionado em 1Tm 6.20 e 2Tm 1.14) deve ser entregue a pessoas fiéis e dignas de confiança, que também sejam capazes de ensinar a outros (conforme 1Tm 3.2). Dessa forma, a verdade redentora de Deus será transmitida de geração em geração.

"Participa dos meus sofrimentos" (v.3). A vida de um evangelista cristão é repleta de desafios, como pode ser visto na difícil situação enfrentada por Paulo. No entanto, todos os líderes cristãos devem estar dispostos a renunciar a qualquer coisa, mesmo que seja algo bom em si mesmo, que possa desviá-los do serviço total a Jesus Cristo.

A imagem do cristão como um soldado e a vida como uma batalha era bem conhecida na cultura romana e grega. Paulo usou essa imagem para descrever todos os cristãos, especialmente os líderes destacados da igreja. Ele exorta Timóteo a lutar na boa batalha da fé (como mencionado em 1Tm 1.18).

Paulo se refere a Arquipo, em cuja casa ocorriam reuniões da igreja, como "nosso companheiro de milícia" (Fm 2). Além disso, ele chama Epafrodito, o mensageiro da igreja de Filipos, de "companheiro de milícia" (Fp 2.25). Paulo claramente via na vida do soldado uma imagem adequada da vida cristã e do compromisso daqueles que queriam servir a Cristo.

Paulo enfatiza que o atleta não recebe a coroa da vitória a menos que siga as regras da competição. Mais uma vez, ele destaca que a vida do cristão deve ser centrada no cristianismo, da mesma forma que a vida do atleta está focada no tipo de competição que escolheu. Um cristão que apenas vive sua fé nos momentos livres é uma contradição. A vida do crente deve ser um esforço constante para viver o cristianismo em todos os momentos e em todas as áreas da vida. Paulo ressalta a disciplina e a perseverança do atleta em cumprir as regras de sua competição, e destaca que a vida cristã requer uma dedicação semelhante.

“O lavrador que trabalha
deve ser o primeiro a
participar dos frutos” (v.6).



O pensamento de Paulo já começou a avançar das privações envolvidas no serviço cristão dedicado para o galardão que o coroará. Ele usa a ilustração do “lavrador que trabalha”. A lição de Paulo é que o lavrador que realmente se esforçou no campo deve ser o primeiro a participar dos frutos, isto é, tem prioridade sobre os que não produziram nada ou ficaram totalmente desocupados. Por alguma razão, considera apropriado lembrar a Timóteo acerca da bênção especial que Deus derramará sobre o ministério de um evangelista trabalhador e fiel. Mas também tem em mente, o sustento material que o líder apostólico tem de direito de esperar da parte da comunidade onde tem labutado (1Tm 5.17,18; 1Co 9.10,11).

Desde o começo desta carta, Paulo tratou em exortar e inspirar a Timóteo em sua tarefa. Lembrou-lhe sua própria fé nele; lembrou-lhe sua herança divina; mostrou-lhe a imagem do soldado, do atleta e do lavrador cristãos. E agora vem o maior dos chamados:

“Lembra-te de
Jesus Cristo”
(v.8).



Paulo agora menciona expressamente uma parte de seu ensino que desejava transmitir à posteridade de forma íntegra e isenta de adulteração. Paulo mantém o testemunho de sua fé pessoal sobre a ressurreição, tema central da teologia paulina.

Ele é a base para
a esperança expressa
nos (v.11,12).



Paulo assevera tanto a realidade da natureza humana de Jesus Cristo, mas também reivindica para ele a honra e o título de Messias, sua natureza divina. Alguns hereges negam que Cristo seja verdadeiramente humano, mas Paulo declara que, ao contrário, ele procedeu da descendência de Davi, e assim assevera sem dúvida alguma, que Ele era verdadeiramente homem, nascido de Maria. Paulo diz que Ele era Filho de Davi, revelando com isso a sua procedência messiânica.

Pode-se exilar um homem, mas não a verdade que ele carrega em seu coração. Pode-se encarcerar um pregador, mas não a palavra que prega. A mensagem sempre é maior que o homem. A verdade é sempre mais poderosa que aquele que a leva. Paulo estava seguro de que o governo romano podia encarcerá-lo, mas que nunca encontraria uma prisão cujas grades e cadeias pudessem conter e restringir a Palavra de Deus (v.9). Um dos fatos da história é o irresistível poder da Palavra de Deus. Se o esforço humano pudesse ter detido o cristianismo, este teria morrido faz muito tempo.

Os homens não podem matar o que é imortal, pois o fundamento do verdadeiro cristianismo é o Cristo ressurreto. Paulo estava seguro de que o que estava suportando finalmente ajudaria a outros. Seu sofrimento não era inútil e sem proveito. O fato de que ele sofresse ia fazer possível que outros cressem.

(Rm 6,4-10; 1Co 15,12-22).

Considerado um dos Pais da Igreja, foi autor de grandes obras em defesa do cristianismo.

“O sangue dos mártires foi sempre a semente dos cristãos” (Tertuliano); e a luz da pira sobre a qual se queimava os cristãos foi sempre o que acendeu e avivou um fogo que não se pode apagar jamais. Quando alguém tenha que sofrer por seu cristianismo, na verdade por Cristo, lembre-se que seu sofrimento aplaina o caminho para algum outro que virá depois. No sofrimento suportamos nossa pequena porção do peso da cruz de Cristo, e fazemos nossa pequena parte para levar a salvação de Deus aos homens.

Paulo mostra, à luz de seus resultados, que sua prisão, longe de ser motivo de reprovação, é na verdade proveitosa para os eleitos (v.10)

Ao dizer que Timóteo devia suportar todas as coisas por causa dos eleitos, ele se preocupava mais com a edificação da Igreja do que com seu próprio bem-estar. Pois ele estava pronto não só a morrer, mas ainda a ser tido no número dos criminosos, se porventura tal coisa promovesse o bem-estar da igreja. Eis o propósito da salvação que obtemos em Cristo. Pois o alvo de nossa salvação consiste em vivermos para Deus, e isso começa com nossa regeneração e se torna pleno com nossa total libertação das misérias desta vida mortal, quando Deus nos toma e nos reúne em seu Reino.

A esta salvação acrescenta-se a participação na glória celestial, glória está de caráter divinal; e assim, para engrandecer a graça de Cristo, ele chama nossa salvação de glória eterna (v.10).

Um contexto batismal certamente é sugerido por “sejam com ele, oremos com ele, também viveremos com ele (v.11.12). Este morrer com Cristo refere-se à morte ao pecado e ao próprio ego que todo o cristão deve sofrer no batismo. Paulo expõe sua doutrina mística em (Rm 6.223), onde desenvolve o pensamento de que ser reunido com Cristo na sua morte acarreta ser reunido com Ele na Sua ressurreição e participar da Sua vida glorificada (Cl 3.3). Mas a morte do cristão com Cristo no batismo é apenas uma primeira prestação. É sua vocação, estando misticamente unido com o Crucificado, abraçar uma vida de provações e adversidades. Mesmo assim, recebe sua recompensa, pois se perseverarmos com Ele, também com Ele reinaremos..

Paulo traz à lembrança a fidelidade de Deus (v.13).

Uma grande afirmação é que, por mais inconstantes os e infiéis que os homens sejam, o amor de Deus continua inalterável, e Ele permanece fiel às Suas promessas. Dessa forma, Paulo heresias repercutam e ganhem publicidade quando se presta maior atenção a elas. Paulo trata da heresia como uma enfermidade contagiosa que se não for extirpada poderá causar danos mortais. As contendas exaltam a natureza e o caráter divino, conforme a expressão de Paulo em Rm 3.3-4. A infidelidade dos homens serve apenas para destacar a fidelidade de Deus, afinal, Ele nos salvou. A explicação lógica é que de maneira nenhuma Deus pode negar-se a si mesmo, pois ser fiel no meio de tudo, a despeito do pior que os homens podem fazer, é a essência de sua natureza.

As doutrinas dos falsos mestres são incompatíveis com os ensinamentos do Evangelho, portanto, Timóteo deveria advertir a igreja contra os mesmos (v. 18). Em contraste com esses irmãos mais fracos, que estão deslocados como pedras mal colocadas na estrutura da igreja, o firme fundamento de Deus permanece. Mesmo que Paulo esteja deprimido pelos efeitos da campanha dos hereges, ele reconhece com gratidão.

II. Discussões sem propósitos (2.14-26):



Paulo passa a dar instruções específicas acerca de sua pregação, prestando atenção especial à ameaça crescente da heresia. Timóteo deveria esforçar-se de todas as formas possíveis para conduzir-se pessoalmente de modo a ser considerado satisfatório diante do tribunal divino, como alguém que passou por um exame completo e está preparado para servir a Deus de modo obediente e fiel. Dessa forma, ele deve evitar conversas inúteis (v.19).

**Paulo compara a igreja
a uma grande casa (v.20)
para tratar do problema.**



A lição é que diferentes tipos de utensílios, e, por analogia, diferentes tipos de cristãos, exercem funções inteiramente diferentes, e até opostas:

alguns para honra, outros para desonra. Esses versículos apresentam um exemplo da importância da santidade na vida diária, sendo separado para uma tarefa nobre (piedosa).

Finalmente, o texto ressalta que a construção principal é inabalável e enfatiza a conduta do líder cristão como mestre (2.22-26):

- a) Fugir das paixões malignas.
- b) Seguir a justiça, a fé, o amor e a paz ao lado daqueles que invocam o Senhor de um coração puro.
- c) Evitar as questões tolas e ignorantes, sabendo que geram contendas.
- d) Não se envolver em brigas, mas ser gentil para com todos, apto para ensinar, paciente na correção.
- e) Instruir com mansidão os que se opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, conduzindo-os ao pleno conhecimento da verdade.
- f) Evitar as armadilhas do diabo e não cair em ciladas.

A correção tem como
objetivo retornar ao
bom senso (v.26).



As palavras de Paulo vividamente delineiam a condição trágica em que os falsos mestres colocaram a si mesmos e os seus seguidores. "voltar à sobriedade" é o equivalente a estar bêbado e perplexo. Na realidade, é o resultado das maquinações de satanás, que os envolveu nos laços.

Conclusão



Ao invés de especulações, Paulo ensina regras básicas objetivas quase simplistas, de modo que qualquer um possa entendê-las. Isso faz parte das firmes fundações sobre as quais todo o cristão deve estar preparado para construir.

Diante do caos moral, que era problema no mundo de Paulo, como é também no nosso, podemos discernir nossas atitudes e mandamentos objetivos. Se falarmos em nome de Deus, e reivindicá-lo como nosso Senhor, por mais que isso possa doer, não temos escolha a não ser abandonar todo o tipo de maldade e injustiça. Não há necessidade do jogar com as palavras, trata-se apenas de um mandamento claro, de uma promessa clara e de um chamado claro para o povo de Deus manter-se firme.

A utilização de palavras enganosas é uma das características dos falsos mestres. O conselho para que Timóteo fuja das paixões da mocidade serve como um lembrete de que ele ainda é jovem, de acordo com os padrões antigos. O contexto sugere que o apóstolo não estava pensando tanto nas tentações sensuais, mas sim em certas falhas de caráter que os jovens teimosos tendem a demonstrar. Paulo deseja que Timóteo se liberte da intolerância, da imparcialidade, das explosões de gênio, da rigidez consigo mesmo e de comportamentos semelhantes, permitindo-lhe alcançar a maturidade moral.

Como líder eclesiástico, Timóteo deve evitar se envolver em discussões insensatas e absurdas. O termo "questões" pode ser interpretado como disputas ou controvérsias teológicas sem fundamento que só levam à ira e à discórdia. Paulo aconselha Timóteo a não se envolver nessas pseudo-questões, pois elas só resultam em conflitos.

Por outro lado, o servo do Senhor, ou seja, o pastor cristão, não deve viver em constante contenda. Em vez disso, ele deve disciplinar com mansidão (v.25). O termo "disciplinar" pode ser traduzido como "corrigir" ou "reeducar construtivamente" os irmãos cristãos que estão mal orientados. A mansidão, que inclui humildade e meiguice, é essencial nesse processo. O líder cristão trabalhará com amor, na esperança de que Deus conceda o arrependimento, permitindo que essas pessoas conheçam plenamente a verdade. Essa obra é de Deus, e o amor abre a porta para a graça, enquanto a violência a obstrui, exasperando aqueles que desesperadamente precisam dela.

f Aplicação

1. Em que áreas de sua vida espiritual que você sente que está negligenciando? Está imóvel e não consegue frutificar?

2. Como você pode exercitar mais empenho e disciplina em seu relacionamento com Deus?

Ideais do Líder Cristão

12 f

(2TN 2.1 – 26)

Texto Básico:

"Busca apresentar-te aprovado diante de Deus, como um obreiro que não tem do que se envergonhar, manejando corretamente a Palavra da verdade".

Leitura Semanal

Segunda:	2Tm 1.1-18
Terça:	Fp 2.1-25
Quarta:	1Tm 1.1-20
Quinta:	Mt 11.1-29
Sexta:	Gl 5.16-25
Sábado:	At 9.10-19
Domingo:	2Co 4.7-18

Objetivo da lição:

Apresentar a figura central do líder, explorando diversas metáforas para sua vida e ministério.

Introdução

Nesta lição, por meio de duas características iniciais, Paulo aborda as múltiplas dimensões da vida e ministério de um líder cristão.

Dependência da força divina (v.1).

Timóteo, apesar de sua imaturidade e insegurança, foi chamado e comissionado por Deus para liderar na igreja, e sua sustentação dependia da graça de Jesus. Consciente de sua dependência de Jesus, ele não podia se considerar autossuficiente em seu papel de líder.

Multiplicação de líderes (v.2).

Timóteo foi chamado para propagar o evangelho e multiplicar discípulos de Cristo, mesmo em face da crescente perseguição ao evangelho e da prisão do apóstolo Paulo, seu mentor (2Tm 1.6-18). O desafio era transmitir a seus discípulos o mesmo alimento espiritual que ele havia recebido do apóstolo, com o objetivo de que eles o imitassem, garantindo que a perseguição à igreja não prejudicasse a expansão do evangelho. O apóstolo Paulo apresenta seis figuras que descrevem o líder cristão, que desempenha um papel duplo: fortalecimento na graça de Cristo e formação de novos líderes.

I. Soldado abnegado (v.3,4)

Paulo tomou esta imagem e a aplicou a todos os cristãos, mas muito especialmente aos líderes e servos destacados da Igreja. Exorta a Timóteo a militar na boa milícia (1Tm 1.18). Chama Arquipo, em cuja casa havia reuniões da Igreja, nosso companheiro de milícia (Fm 2). Chama Epafrodito, o mensageiro da Igreja de Filipos, "companheiro de milícia" (Fp 2.25). Claramente Paulo via na vida do soldado uma imagem da vida do cristão e do homem que queria servir a Cristo. Quais eram, então, as qualidades do soldado que Paulo gostaria de verem repetidas na vida cristã?

(a) O serviço do soldado deve ser concentrado - O bom soldado de Cristo é assim chamado por ser um homem dedicado, que permanece em guarda e está disposto a sofrer pela causa de Cristo. Os soldados em serviço não contam com segurança e facilidade. Pelo contrário, dureza, riscos e sofrimento são aceitos sem contestação. Uma vez que uma pessoa se alistou na guerra não pode continuar enredando-se ou envolvendo-se nos negócios comuns e cotidianos da vida. Deve concentrar-se em seu serviço como soldado. Um soldado é um soldado e nada mais. Um cristão deve concentrar-se em seu cristianismo. Isso não significa que não deva ver-se envolto com tarefas ou negócios mundanos. Ainda deve viver neste mundo, e deve ganhar o pão; mas significa que deve usar qualquer tarefa em que esteja envolto para viver e demonstrar seu cristianismo. A expressão “se envolve em negócios dessa vida” tem uma aplicação direta ao pastor ou ministro cristão, que é dedicado ao ensino e cuidado do rebanho de Cristo. o que se proíbe ao soldado de Cristo não são as atividades seculares, mas envolver-se de tal maneira em negócios desta vida que, mesmo não se constituindo em pecado, o impeçam de lutar as batalhas de Cristo.

(b) O soldado está condicionado pela obediência - O primeiro treinamento que um soldado recebe está destinado a lhe fazer obedecer às ordens instintivamente e sem questionamentos. Pode chegar o momento em que esta obediência rápida e instintiva salve sua vida, e a de outros. Num sentido é certo que não é parte do dever de um soldado "conhecer as razões". Envolto no meio da batalha, não pode ver a totalidade da situação.

Deve deixar as decisões ao comandante que vê todo o campo de batalha. O primeiro dever de um cristão é obedecer à voz de Deus, e aceitá-la ainda que não possa compreendê-la. Quais são então as características de um atleta que Paulo tem em mente?

II. O atleta é um homem disciplinado e que nega a si mesmo



Deve manter seu plano de treinamento; não deve deixar que nada interfira com isso. Haverá dias em que querará deixar seu treinamento e relaxar na sua disciplina; não deve fazê-lo.

Quererá dar-se aos prazeres e gostos, mas deve rechaçá-los. Haverá momentos em que estará cansado e quererá abandonar; mas um grande atleta não renuncia ao seu ideal e está focado em ser uma pessoa vencedora. O atleta que quer se sobressair sabe que não deve deixar que nada interfira com o nível de aptidão física que obteve.

(a) Há momentos em que não desejamos orar - há outros momentos em que é muito atrativo o caminho fácil; há vezes que o correto é difícil; outras em que queríamos afrouxar nossas normas. Mas o cristão é um homem disciplinado. Deve treinar-se para não deixar de continuar no intento permanente de fazer sua alma pura e forte.

(b) O atleta é uma pessoa que observa as regras - Logo depois da disciplina e as regras da preparação, estão à competência e as regras do jogo. Um atleta não pode ganhar se não competir. O cristão muitas vezes vê-se em competição com seus semelhantes. Deve defender sua fé; deve buscar convencer e persuadir; terá que discutir e debater; terá que defender sua própria posição e atacar a posição de outros. Deve fazê-lo tendo em conta as regras cristãs. Um cristão não deve esquecer sua cortesia, não importa quão ardente seja a discussão. Não importa quão essencial seja ganhar: nunca deve deixar de ser honesto com relação a sua própria posição e justo com a de seu oponente. Mas o verdadeiro cristão sabe que a regra suprema da vida cristã é o amor, e levará esse amor em toda discussão e todo debate em que se veja comprometido.

III. O lavrador diligente (v.6)



Não se trata do lavrador ocioso, mas sim que trabalha, e que deve ser o primeiro a receber sua parte dos frutos da colheita. É seu trabalho que lhe dá o direito de colher e desfrutar-se.

Quais eram então as características do lavrador que Paulo queria ver na vida de um cristão?

(a) Muitas vezes o lavrador deve contentar-se, primeiro trabalhando e logo, aguardando. Mais que qualquer outro trabalhador, o lavrador deve aprender que não existem resultados rápidos.

O cristão também deve aprender a trabalhar e a esperar. Muitas vezes deve semear a boa semente da Palavra nos corações e mentes dos que o escutam e não ver resultados imediatos. Um mestre deve ensinar, e não encontrar diferenças naqueles a quem ensina. Um pai muitas vezes deve corrigir e guiar, e não ver diferença em seus filhos. O resultado vê-se ao passar dos anos; porque muitas vezes sucede anos mais tarde que essa mesma pessoa jovem, já adulta, ao ter que enfrentar uma tentação dominante, ou alguma decisão difícil, ou algum esforço intolerável, a palavra de Deus volta a sua mente e o ajuda a vencer essa luta contra o pecado. O lavrador aprendeu a esperar com paciência, e assim devem fazê-lo o mestre e o pai cristão.

(b)deve estar preparado para trabalhar a qualquer hora: Durante a colheita podemos ver lavradores trabalhando em seus campos enquanto fica um raio de luz. O camponês não conhece horário. Tampouco deve fazê-lo o cristão. Ninguém pode subtrair tempo a seu cristianismo. O cristão deve ter sempre presente sua tarefa de ser cristão do amanhecer até o entardecer.

Nestas três imagens há uma coisa em comum. O soldado vê-se sustentado pela crença na vitória final. O atleta pela visão da coroa. O lavrador pela esperança da colheita. Cada um deles submete-se à disciplina e ao trabalho pela glória que obterão. O mesmo acontece com o cristão. A luta cristã não é uma luta sem fim; não é um esforço sem meta. Sempre vai para alguma parte. E o cristão pode estar muito seguro de que depois do esforço da vida cristã, vem a alegria do céu; e quanto mais se lute maior será a alegria.

De modo que o homem que divide corretamente, que dirige corretamente, a palavra da verdade traça um caminho reto através da verdade e se nega a verse tentado por desvios prazerosos, mas irrelevantes; ara um sulco direito através da terra da verdade; toma cada seção da verdade e a localiza em sua posição correta, como o faz um pedreiro com uma pedra, impedindo que as partes usurpem um lugar que não lhes está destinado ou uma ênfase que não lhes corresponde, de modo que desequilibrem toda a estrutura da verdade.

A figura apresentada aqui é a de um trabalhador, um operário. O ponto central do seu trabalho é a “Palavra da verdade”. O verbo “procurar” significa: “apressar-se, esforçar-se, empenhar-se, ser diligente”.

A aprovação não acontece por acaso, o obreiro teme que buscar. Paulo exorta Timóteo a se apresentar a Deus para exame contínuo, algo que os charlatães evitam a todo custo. Eles se afastam das reflexões sobre eles mesmos, rejeitam a prestação de contas e não ousam ficar diante de Deus para ser inspecionados. Se um pastor, por outro lado, passa na inspeção do Senhor, vive acima de reprovação diante do rebanho. E isso é vital para encorajar o pastor a proclamar uma verdade particular da Palavra de Deus. Estejam certos, suas ovelhas observarão para ver se ele vive essa verdade que prega.

Quanto custa a sua liderança para você?

IV. Obreiro aprovado (v.14,15)



Paulo insiste com Timóteo a apresentar-se a si mesmo, entre os falsos mestres, como um verdadeiro mestre da verdade. A palavra que Paulo emprega para dizer apresentar-se é a palavra grega *parastesai*, que significa caracteristicamente apresentar-se para o serviço. A palavra grega para “aprovado” é *dokimos*- que descreve a tudo o que foi provado e purificado e que está preparado para o serviço. Por exemplo, descreve o ouro ou a prata que, foram purificados de toda liga no fogo. É a palavra que se usa para referir-se a uma pedra que foi cortada, provada e está pronta para ser localizada em seu lugar num edifício. Assim Timóteo devia ser purificado e provado para que pudesse ser um instrumento adequado para a tarefa de Cristo, portanto, um trabalhador que não tivesse do que envergonhar-se. Além disso, insiste-se com Timóteo, com uma frase famosa, a que maneje bem a palavra de verdade. A palavra grega que responde a esta tradução é muito interessante. É a palavra *orthotomein*, que literalmente significa “cortar bem”. João Calvino a relacionou com um pai que dividia os mantimentos durante a refeição, cortando-os de tal maneira que cada membro da família receba a porção correta, necessária e adaptada.

Os próprios gregos usavam a palavra, ou a frase, com três significados distintos. Usavam-na para referir-se a traçar um caminho reto no campo; a arar sulcos direitos na terra; para referir-se à tarefa de um pedreiro ao cortar e dar forma a uma pedra de modo que encaixe em seu lugar correto na estrutura de um edifício.

V. Vaso de honra (v.20-23)



Essa metáfora explica a importância de purificar-se das falsas doutrinas. Ele escreve sobre a casa e seus utensílios variados. É necessário que o crente se purifique a fim de que possa ser usado nas boas obras. Podemos entender a “grande casa” como a casa de Deus, a igreja invisível. Os utensílios podem simbolizar os membros da igreja, como também seus líderes (At 9.15; 2Co 4.7). Assim como um utensílio para se tornar útil e valioso passa por um processo de limpeza, o líder tem o privilégio de ser um vaso de honra na casa de Deus quando passa pela santificação. A única condição para se tornar um vaso de honra é se purificar de tudo que é desonroso. Isso coloca a responsabilidade pela purificação no indivíduo. que todos nos tornemos vasos de honra, vasos que servem aos outros com a elegância da compaixão, entendimento, amor, discernimento, verdade, justiça, perdão e graça do Senhor.

VI. Servo amável (v.24-26)



Paulo escolheu usar uma palavra diferente para amável – mansidão. Na cultura grega, os líderes respeitados tratavam seus súditos com generosidade, porém sem sacrificar a força. Jesus usou esse termo para si mesmo (Mt 11.29), e Paulo declarou que o termo é um aspecto do fruto do Espírito (Gl 5.23). Os líderes espirituais têm que exibir essa força gentilmente quando confrontam aqueles em oposição à verdade divina.

O servo do Senhor deve ser brando, manso. Aplicando-se a orientação de Paulo à liderança, entende-se que é sua responsabilidade ensinar e também corrigir possíveis erros ou desvios da sã doutrina. As características desse servo são: não briguento; hábil no ensino; paciente com todos; corrigir com mansidão aos que se opõem, com propósitos de vê-los restaurados.

Figura de linguagem em que há uma transferência do significado de uma palavra para outra, por meio de uma comparação não explícita.

Conclusão

O estudo das características ideais do líder cristão o ajuda a servir com humildade e a edificar com diligência e responsabilidade amorosa o povo de Deus. Ao mesmo tempo, essas figuras empregadas por Paulo devem contribuir para que a igreja tenha discernimento espiritual e bíblico na escolha de seus líderes.

Em dias de grande crise na sociedade, a igreja não pode renunciar a líderes que sejam:

- Soldados prontos a sacrificar;
- Atletas treinados para os grandes desafios;
- Lavadores incansáveis na realização de suas tarefas;
- Obreiros ocupados com a pregação da Palavra de Deus;
- Vasos purificados para serem úteis na Igreja e no mundo;
- Servos amáveis e mansos para corrigir seus liderados.

f

Aplicação

1.Há alguns desses aspectos que você identificou está faltando em seu ministério? Busque orar a Deus e alinhe sua vida ao que esteja faltando.

2.Você tem buscado exercitar esses ideais na vida da sua comunidade? Se houver negligência com relação a isso peça perdão ao Senhor e comece a mudar essa situação.

Capacitado para as Boas Obras

13 f

(2TM 3.1-17)

Texto Básico:

"Tu, porém, tens seguido atentamente minha teologia, acerca da convicção cristã primitiva de procedimento, propósitos, fé, paciência, amor e perseverança" (2Tm 3.10). Paulo relembra a Timóteo que o período que antecede a volta de Cristo seria uma crise agonizante, envolvendo um colapso nos padrões morais. Ele está usando material profético comum na igreja, destacando a importância de seguir fielmente a teologia cristã primitiva e manter uma conduta baseada em fé, paciência, amor e perseverança.

Leitura Semanal

Quarta:	Lc 24.13-35
Quinta:	2Pe 1.16-21
Sexta:	Tt 3.1-11
Sábado:	2Pe 2.1-22
Domingo:	Pv 1.1-33

Objetivo da lição:

Compreender a importância e a centralidade das Escrituras Sagradas para a saúde espiritual da igreja e a preservação da sã doutrina. Além disso, enfatizar a postura do líder em permanecer firme diante dos ataques dos falsos mestres.

Introdução

Paulo continua abordando o tema do ensino falso e volta-se para o ataque dos próprios falsos mestres. Ele observa o impacto deles na Igreja de Éfeso, mas conclui afirmando que, no final, eles serão derrotados. Paulo dá uma ordem enfática para evitar, expor e combater os impostores espirituais e a heresia na igreja. Ele insta Timóteo a ser um defensor da sólida fé cristã.

I. Inimigos da Verdade (3.1-9)

“Naturalmente”, a passagem inicialmente faz uso do tempo futuro, mas logo fica evidente que a atenção se concentra no presente, quando essas previsões estão se cumprindo de maneira notável. A lição que se destaca é que Timóteo não deve ficar desanimado, mas sim permanecer alerta e, de certa forma, até mesmo motivado pelas evidências ao seu redor de má conduta e fé religiosa insatisfatória. O apóstolo as classifica juntas, pois todas fazem parte do padrão dos eventos que foram profetizados.

Paulo começa com uma declaração geral de que os seres humanos se tornarão vis de várias maneiras. Ele não está pensando principalmente em grupos específicos, mas está expressando os presságios apocalípticos de um declínio geral na observância da lei, da decência e da afeição natural (v.2). Paulo está direcionando sua atenção para a conduta e atitude dos mestres do erro em Éfeso. Sua acusação vai além da mera hipocrisia, uma vez que eles fazem uma grande demonstração de cristianismo e estão ativos na pregação e prática daquilo que, segundo eles, é a verdadeira fé. No entanto, a qualidade desregrada de suas vidas demonstra que, na prática, eles a rejeitaram.

Assim como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, o representante de Deus, esses líderes corruptos se opõem à verdade de Deus, conforme revelada em Sua Palavra e proclamada por Paulo, Timóteo e outros (v.8).

II. Continue nas Escrituras (3.10-17)



Paulo descreve esses homens como tendo "mentes corrompidas". Em relação a eles, o órgão humano projetado para receber e refletir sobre as verdades espirituais está irremediavelmente corrompido. No que diz respeito à fé, esses homens receberam uma forte reprovação, sendo considerados reprovados, condenados como indignos, inúteis e totalmente rejeitados.

Paulo encerra esta seção com um apelo a Timóteo para que permaneça fiel a todo o ensino que recebeu, e novamente apela para sua própria vida como um exemplo para Timóteo. Paulo, perto de sua morte, olha retrospectivamente para toda a sua vida de serviço a Cristo, especialmente a parte dela que começou com sua primeira viagem missionária e continuou até o dia em que ele se encontrava na prisão romana. Ele faz uma declaração explícita de que "todos que desejam viver devotamente em Cristo Jesus serão perseguidos". A experiência de Paulo não é única; as cicatrizes são o preço que cada crente paga por sua lealdade a Cristo. Além disso, essas cicatrizes são as credenciais diante de Deus. Jesus havia ensinado a seus seguidores que deveriam esperar carregar a cruz, e a experiência de Paulo o convenceu de que isso faz parte inerente da vocação cristã. A comunhão com Cristo no sofrimento é uma parte essencial da união mística do cristão com Ele.

Paulo continua sua denúncia aos falsos mestres, declarando que o fim deles será trágico, uma vez que, ao tentarem enganar os outros, "eles mesmos estão sendo enganados". A arma que usam para enganar é o próprio engano, e acabam sendo vítimas de suas próprias falsidades. Eles acreditam erroneamente que suas mentiras levarão à felicidade e à vitória final, mas acabam completamente frustrados. Ao interpretar corretamente o Antigo Testamento, Paulo lembra Timóteo da instrução que ele recebeu de sua mãe e avó a partir das "Sagradas Letras", ou seja, do Antigo Testamento. Na época, o Novo Testamento ainda não existia como uma coleção unificada, e alguns de seus livros e cartas provavelmente

ainda não haviam sido escritos. Interpretar corretamente o Antigo Testamento ajuda as pessoas a compreenderem o papel central de Jesus Cristo no plano de Deus para a criação. Paulo enfatiza que "toda a Escritura é inspirada por Deus", destacando a doutrina da inspiração divina das Escrituras. Embora tenha sido escrita por seres humanos, a Escritura carrega a plena autoridade de Deus. A Bíblia foi soprada pelo Espírito Santo de Deus. Deus é a fonte e o autor final da Escritura, e, apesar de ter sido escrita por seres humanos, a Escritura mantém a plenitude da autoridade divina. Paulo, então, destaca a utilidade das Escrituras:

(a) Outorga sabedoria para a salvação - Várias vezes as Escrituras têm aberto a homens e mulheres o caminho a Deus. Falando com justiça, nenhuma pessoa que está buscando a verdade tem o direito de deixar de ler a Bíblia. Um livro com a história da Bíblia não pode ser desprezado. Até um não crente está agindo injustamente se não buscar lê-la. As coisas mais surpreendentes podem acontecer, porque nela há uma sabedoria salvadora que não existe em nenhum outro livro;

(b) Úteis para ensinar - É bem certo que só no Novo Testamento temos uma descrição de Jesus, um relato de sua vida, e um registro de seus ensinamentos. Por essa mesma razão é indubitável que, diga-se o que se diga sobre o resto da Bíblia, é impossível que a Igreja exista sem os Evangelhos. O cristianismo não está baseado num livro impresso, mas em uma Pessoa que vive, mas também é certo que o único lugar em todo mundo em que obtemos um conhecimento direto dessa Pessoa e de seus ensinamentos é no Novo Testamento. Essa é a razão pela qual uma Igreja que não tem Escola Bíblica é uma Igreja em cuja tarefa falta um elemento essencial e insubstituível. A escola bíblica é o melhor lugar para poder aprender a conhecer e compartilhar sobre a Pessoa de Cristo e sua obra; um espaço de conhecimento, aprendizado, edificação e comunhão. Uma igreja que não preza pelo ensino bíblico, é uma igreja fadada ao fracasso espiritual;

(c) São valiosas para repreender - para fazer o homem ver o errado de seu caminho, e para assinalar o caminho reto. Está mais além de toda dúvida e de todo argumento, que as Escrituras podem tirar o homem de seu erro e convencê-lo do poder de Cristo;

O verdadeiro significado disto é que todas as teorias, todas as teologias, todo o ensino ético devem ser comprovadas, comparando-as com os ensinamentos da Bíblia. Se as contradisserem, então devem ser rejeitadas. É um dever obrigatório utilizar nossas mentes; é nossa responsabilidade fazê-las conhecer; a especulação e o pensamento são uma necessidade cristã. Mas esta prova deve estar sempre de acordo com o ensino de Jesus Cristo como nos apresentam as Escrituras. Mas Paulo apresenta um argumento final revelando que o estudo das Escrituras instrui o homem em justiça até que está preparado para toda boa obra. Esta é a conclusão essencial, pois o estudo das Escrituras não deve ser nunca egoísta. Deve estudar as Escrituras para fazer-se útil a Deus e útil a seus semelhantes. Deve estudar, não apenas e somente para salvar sua própria alma, mas também para converter-se numa pessoa que Deus possa utilizar para salvar as almas e confortar as vidas de outros. "Ninguém é salvo a não ser que esteja inflamado pelo desejo de salvar a seus semelhantes" (William Barclay).

III. Pregue o Evangelho com Integridade (4.1-5)

Ao chegar ao final de sua Carta, Paulo deseja preparar e desafiar a Timóteo para sua tarefa. Para fazê-lo, lembra-o de três coisas que concernem a Jesus: (1) Jesus é o juiz de vivos e mortos (v.1). Algum dia se comprovará a tarefa de Timóteo; esta comprovação será levada a cabo por ninguém mais que pelo próprio Jesus Cristo. A tarefa de um cristão deve ser suficientemente boa, não para satisfazer aos homens, senão para satisfazer a Jesus. Deve realizar cada tarefa em forma tal que possa tomá-la e oferecê-la a Cristo. Não lhe interessam nem a crítica nem o veredicto dos homens. A única coisa que deseja é o "Muito bem!" de Jesus Cristo.

(1) Jesus é o conquistador que retorna. "Conjuro-te... pela sua manifestação", diz Paulo. Faça seu trabalho de tal forma que tudo esteja preparado a qualquer momento que Jesus possa chegar. O cristão ordena de tal maneira sua vida que em qualquer momento está preparado para a vinda de Cristo.

(2) Jesus é Rei. Paulo insiste com Timóteo à ação ao lembrá-lo do Reino de Jesus Cristo. Chegará o dia em que os reinos do mundo serão o Reino do Senhor. Em todo reino o cidadão que obedece às leis e honra o seu rei, é honrado ele mesmo. Assim que Paulo diz a Timóteo: "Viva e trabalhe de tal maneira que tenha um lugar de privilégio na lista dos cidadãos do Reino quando este chegar." Este é nosso motivo cristão para trabalhar e servir. Nossa tarefa deve ser tal que possa suportar a avaliação de Cristo. Nossas vidas devem ser tais que possam dar as boas-vindas à aparição do Rei. Nosso serviço deve ser tal que demonstre a realidade de nossa cidadania no Reino de Deus.

(3) "Prega a Palavra, insiste a tempo e fora de tempo, aconselha, repreende e encoraja com toda paciência e sã doutrina" (v.2). Há poucas passagens no Novo Testamento nas quais os deveres dos líderes – pastores, mestres, pregadores e evangelistas cristãos estão mais claros que aqui:

A mensagem do Evangelho deve ser:

1. Anunciada com urgência. A mensagem que ele tem nas mãos é literalmente questão de vida ou morte. O mestre e o pregador que realmente levam sua mensagem às pessoas são aqueles que têm um tom fervente em suas vozes, ou seja, creem piamente no que pregam.

2. Anunciada com persistência. Tem que apresentar a mensagem de Cristo "quer seja oportuno, quer não". O pregador fiel deve proclamar a Palavra quando ele é popular e/ou conveniente, e quando ela não é; quando ela parece ser adequada e quando não. Os preceitos da cultura popular, da tradição, da reputação, da aceitação ou estima da comunidade (ou na igreja) nunca devem alterar o compromisso do verdadeiro pregador em proclamar a Palavra de Deus.

3. Anunciada como Correção. Em nossas relações pessoais uma palavra de advertência e de repreensão salvaria muitas vezes um irmão de um pecado e de muitas quedas. Mas, como alguém disse, essa palavra deve ser tal como "irmão corrigindo a outro irmão". Deve ser pronunciada com consciência de nosso pecado comum. Não está em nós levantar-nos como juizes morais de ninguém; não obstante, é nosso dever dizer a palavra de advertência quando é necessário.

4. Anunciada como exortação

Este é o outro lado positivo da pregação – a “sã doutrina”; a “instrução”. Nenhuma reprimenda, nenhuma sentença condenatória deveria ser tal que levasse o homem ao desespero e lhe tirasse o ânimo e a esperança. Não se deve somente repreender os homens, deve exortá-los também, pois é um dever do cristão. Ainda mais, o dever cristão da sentença condenatória, da reprimenda, da exortação deve ser levado a cabo com uma paciência infatigável. A palavra grega é makrothumia (palavra que também significa longanimidade) e descreve o espírito que nunca se irrita, nunca se aborrece, nunca se cansa, nunca desespera; descreve o espírito que nunca perde sua fé na natureza humana, e nunca considera a ninguém perdido e sem possibilidade de salvação. O cristão crê pacientemente nos homens porque crê poderosamente no poder de Cristo que tudo transforma.

Logo, Paulo continua descrevendo os ouvintes insensatos. Adverte a Timóteo que chegará o dia em que os homens decidirão não ouvir os ensinamentos verdadeiros e buscarão mestres que causem prazer a seus ouvidos com seus ensinamentos agradáveis, lisonjeiros e novos, e que lhes dirão precisamente as coisas fáceis e confortáveis que desejam ouvir (v.4). Em contraste, Timóteo deve ser responsável por certos deveres:

(a) Deve ser sóbrio/equilibrado em tudo. Significa que deve ser moderado e ter domínio próprio, como um atleta que tem suas paixões, seus apetites e seus nervos sob controle. A estabilidade é o distintivo do cristão num mundo desequilibrado e muitas vezes insano. O pastor tem de reconhecer e ensinar a revelação divina com foco voltado para um propósito único e obedecer a essa revelação.

(b) Deve suportar as aflições. O cristianismo tem seu preço, e o cristão deve pagá-lo sem protestar e sem lhe lamentar. Todos os pastores, como Paulo que continuou no sofrimento de Cristo por causa do evangelho, podem esperar percorrer esse mesmo caminho de sofrimento. Ele receberá crítica injusta, será mal compreendido, mas por amor a verdade do evangelho e a Aquele que o chamou, permanece fiel a sã doutrina.

(c) Deve fazer o trabalho de um evangelista. Apesar das sentenças condenatórias, da reprimenda, da advertência, o cristão é essencialmente

um portador das boas novas. Se o cristão insistir na disciplina e na negação de si mesmo, é porque é possível obter uma felicidade muito maior que a que jamais poderão outorgar os prazeres baratos do mundo. Deve cumprir seu ministério. O cristão tem só uma ambição: ser de utilidade para a Igreja da qual faz parte, e para a sociedade em que vive. A oportunidade que não deve perder não é o do lucro fácil; e sim a oportunidade de servir a Deus, a sua Igreja e aos seus semelhantes.

(d) Deve ser sóbrio/equilibrado em tudo. Significa que deve ser moderado e ter domínio próprio, como um atleta que tem suas paixões, seus apetites e seus nervos sob controle. A estabilidade é o distintivo do cristão num mundo desequilibrado e muitas vezes insano. O pastor tem de reconhecer e ensinar a revelação divina com foco voltado para um propósito único e obedecer a essa revelação.

(e) Deve suportar as aflições. O cristianismo tem seu preço, e o cristão deve pagá-lo sem protestar e sem lhe lamentar. Todos os pastores, como Paulo que continuou no sofrimento de Cristo por causa do evangelho, podem esperar percorrer esse mesmo caminho de sofrimento. Ele receberá crítica injusta, será mal compreendido, mas por amor a verdade do evangelho e a Aquele que o chamou, permanece fiel a sua doutrina.

(f) Deve fazer o trabalho de um evangelista. Apesar das sentenças condenatórias, da reprimenda, da advertência, o cristão é essencialmente

Conclusão



Atualmente, a Igreja tem enfrentado um período de dificuldades e perigos sem paralelo. Como as oportunidades extraordinárias de divulgar o evangelho aumentam rapidamente, os ataques contra a igreja também crescem com grande velocidade. A heresia, a apostasia e a decadência moral que os acompanham estão assolando a igreja evangélica. A heresia, a apostasia e a decadência moral que os acompanham estão assolando a igreja evangélica.

Os falsos ensinamentos, em sua grande maioria, estão envoltos num manto de falsa piedade, espiritualidade e assim, confundindo a fé dos cristãos. Devemos estar sóbrios e vigilantes para podermos discernir tanto a mensagem que se prega como o seu mensageiro. Mais do que a nunca, a igreja precisa estar “vacinada” e atenta ao estudo e aprendizado da verdade da Palavra para não ser confundida por essas heresias danosas e seus falsos profetas que as promovem. Aplicação 1. O que precisa mudar em seu conceito e abordagem para estudar e melhor conhecer a Bíblia? 2. Peça a Deus para mostrar-lhe como se tornar mais bem equipado para servi-lo e para renovar seu amor pela Palavra dele.



Aplicação

1. Em que áreas de sua vida espiritual você sente que está negligenciando? Está imóvel e não consegue frutificar?

2. Como você pode exercitar mais empenho e disciplina em seu relacionamento com Deus?

Pregue a Palavra!

14 J

(2TM 3.1-17)

Texto Básico:

"Prega a Palavra, insiste a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta com toda a paciência e doutrina" (2Tm 4.2).

Leitura Semanal

Segunda:	Tt 2.1-15
Terça:	1Tm 1.8-20
Quarta:	1Tm 6.1-21
Quinta:	Tg 1.2-15
Sexta:	Lc 4.31- 44
Sábado:	Ap 1.1-20
Domingo:	Jr 7.1-34

Objetivo da lição:

Destacar a importância de viver, pregar e ensinar a Palavra de Deus, independentemente das circunstâncias. Revelar a urgência e o compromisso do líder com as Escrituras Sagradas.

Introdução

Quando Paulo aborda a utilidade das Escrituras, ele não apenas conclui que todos devem lê-las, mas também que os mestres têm a responsabilidade de administrá-las. Isso se deve ao fato de que toda a sabedoria está contida nas Escrituras, e nem nós nem os mestres devemos procurá-la em outra fonte. Paulo acrescenta uma solene exortação, colocando diante de Timóteo Deus como vingador e Cristo como juiz, caso ele negligencie seu papel de mestre. Como Deus ofereceu uma prova de quanto Ele se preocupa com a salvação de Sua Igreja ao não poupar Seu Filho unigênito, assim Ele não permitirá que a negligência dos pastores fique impune, deixando as almas que Ele redimiou com tão alto preço perecerem ou se tornarem presas de Satanás.

I. Pregando com integridade (v.1-5)

Ao chegar ao final de sua carta, Paulo deseja preparar e desafiar Timóteo para sua tarefa. Para isso, ele lembra três pontos essenciais sobre Jesus:

(a) Jesus é o juiz dos vivos e dos mortos.

Um dia, a tarefa de Timóteo será avaliada; essa avaliação será realizada por ninguém menos que Jesus Cristo. A tarefa de um cristão deve ser boa o suficiente não para agradar aos seres humanos, mas para agradar a Jesus. Cada tarefa deve ser realizada de tal forma que possa ser oferecida a Cristo. Críticas e veredictos humanos não devem ser a preocupação principal. A única coisa que importa é o "Bem-feito!" de Jesus Cristo. Se todos na igreja e no mundo realizassem suas tarefas com esse espírito, a diferença na vida seria incalculável. Isso nos pouparia de ser suscetíveis a críticas, do desejo de autoafirmação, da busca de reconhecimento pessoal e da sensibilidade à ingratidão. O foco do cristão está em Cristo.

b) Jesus é o conquistador que retorna.

"Conjuro-te...pela sua manifestação". A palavra grega que Paulo utiliza para "manifestação" é epifaneia; esse termo é utilizado de duas maneiras especiais.

Refere-se à intervenção manifesta de algum deus.

E é usada em especial com relação ao imperador romano. Sua ascensão ao trono do Império era sua epifania; e em particular - e este é o pano de fundo do pensamento de Paulo aqui — foi utilizada para referir-se à visita do imperador a qualquer província ou cidade. A aparição do imperador em qualquer lugar era sua epifania. Obviamente quando o imperador devia visitar qualquer lugar, todo ficava em perfeita ordem. Varriam-se e se adornavam as ruas; punha-se todo o trabalho em dia.

Branqueava-se e se decorava a cidade para que estivesse preparada para a epifania do imperador. Assim, pois, Paulo diz a Timóteo: "Sabe o que acontece quando qualquer cidade está esperando a epifania do imperador; você está esperando a epifania de Jesus Cristo; faça seu trabalho de tal forma que tudo esteja preparado para que a qualquer momento Ele possa chegar." O cristão ordena de tal maneira sua vida que em qualquer momento está preparado para a vinda de Cristo.

c) Jesus é Rei.

Paulo insiste com Timóteo à ação ao lembrá-lo do Reino de Jesus Cristo. Chegará o dia em que os reinos do mundo serão o Reino do Senhor. Em todo reino o cidadão que obedece às leis e honra o rei é honrado ele mesmo. Assim que Paulo diz a Timóteo: "Viva e trabalhe de tal maneira que tenha um lugar de privilégio na lista dos cidadãos do Reino quando este chegar." Este é nosso motivo cristão para trabalhar e servir. Nossa tarefa deve ser tal que possa suportar o escrutínio de Cristo. Nossas vidas devem ser tais que possam dar as boas-vindas à aparição do Rei. Nosso serviço deve ser tal que demonstre a realidade de nossa cidadania no Reino de Deus.

II. O dever do líder cristão



Existem poucas passagens no Novo Testamento em que os deveres do mestre, pregador e evangelista cristão estejam mais claros do que aqui.

O mestre cristão deve agir com urgência (v.2).

A palavra "Insta" ou "insiste" sugere a ideia de urgência, preparação e prontidão. Era usada para descrever um soldado pronto para a batalha ou uma sentinela constantemente alerta contra ataques surpresa - atitudes imperativas para um pregador fiel.

A mensagem que ele traz é literalmente uma questão de vida ou morte. O mestre cristão deve ser persistente e apresentar a mensagem de Cristo "quer seja oportuno, quer não". Em todas as circunstâncias, ele deve considerar cada momento como uma oportunidade para falar de Cristo e fazer com que o pecador se conscientize de seu pecado. De alguma forma, o pecador deve ser confrontado consigo mesmo e com seu pecado.

O mestre cristão deve pregar a Palavra, seja em momentos oportunos ou inoportunos (v.2).

O pregador fiel proclama a Palavra de Deus quando ela é popular e conveniente, mas também quando não o é, seja apropriado ou não. Os preceitos da cultura popular, tradição, reputação, aceitação ou estima na comunidade ou na igreja nunca devem afetar o compromisso do verdadeiro pregador em proclamar a Palavra de Deus.

O mestre cristão deve corrigir, aconselhar, repreender e encorajar.

A palavra grega traduzida como "corrigir" implica retificar comportamentos ou doutrinas falsas usando argumentação bíblica cuidadosa para ajudar a pessoa a compreender o erro de suas ações. O termo grego para "repreender" refere-se a corrigir os motivos de uma pessoa, convencê-la de seu pecado e levá-la ao arrependimento.

III. Ouvintes Insensatos



Paulo adverte a Timóteo que chegará o dia em que os homens decidirão não ouvir os ensinamentos verdadeiros e buscarão mestres que causem prazer a seus ouvidos com seus ensinamentos agradáveis, lisonjeiros e novos, e que lhes dirão precisamente as coisas fáceis e confortáveis que desejam ouvir. Muitas pessoas não tolerarão a pregação do evangelho, a pregação de confronto e exigente da Palavra de Deus. Paulo fala a Timóteo numa época em que era tragicamente fácil encontrar tais mestres; eles eram chamados sofistas⁵⁴. Eles iam de cidade em cidade, oferecendo ensinar qualquer coisa em troca de pagamento.

Os homens nos dias de Timóteo estavam rodeados de falsos mestres que apregoavam seus inúteis conhecimentos. Sua política deliberada era a de encontrar argumentos e ensinamentos por meio dos quais o homem pudesse justificar-se por fazer o que desejava. Até hoje qualquer mestre cujo ensino busque a fazer com que os homens não considerem seus pecados, é uma ameaça para o cristianismo e para a humanidade.

Em contraste, Timóteo deve ser responsável por certos deveres. Deve ser sóbrio em tudo. A palavra “nefein” significa que deve ser moderado e ter domínio próprio, como um atleta que tem suas paixões, seus apetites e seus nervos sob controle. O cristão não é vítima de loucuras. A estabilidade é o distintivo do cristão num mundo desequilibrado e muitas vezes insano.

Deve suportar as aflições. O cristianismo tem seu preço, e o cristão deve pagá-lo sem protestar e sem lhe lamentar; deve fazer o trabalho de um evangelista. Apesar das sentenças condenatórias, da reprimenda, da advertência, o cristão é essencialmente um portador das boas novas. Se o cristão insistir na disciplina e na negação de si mesmo, é porque é possível obter uma felicidade muito maior que a que jamais poderão outorgar os prazeres baratos do mundo. Deve cumprir seu ministério. O cristão tem só uma ambição: ser de utilidade para a Igreja da qual forma parte, e para a sociedade em que vive. A oportunidade que não deve perder não é o do lucro fácil; é a oportunidade de servir a Deus, a sua Igreja e aos seus semelhantes. Os cristãos confessos ou os crentes nominais na igreja seguem seus próprios desejos e juntam-se aos pregadores da falsa prosperidade que lhes oferecem as bênçãos de Deus à parte de seu perdão, bem como a salvação divina independente do arrependimento deles. Eles possuem um forte desejo de se entreter com os ensinamentos que produzem sensações agradáveis e os deixam se sentindo bem consigo mesmos. A meta deles é que aqueles homens preguem “segundo suas próprias cobiças”. Nessas condições, as pessoas ditarão o que os homens devem pregar, em vez de Deus ditar o que deve ser pregado sobre sua Palavra.

A palavra sofista vem do grego, sophistes, e deriva da palavra sophia, que significa sabedoria. Os sofistas eram um grupo de filósofos, sábios e eruditos que viajavam de cidade a cidade para divulgar os conhecimentos, em troca de dinheiro

IV. Esperando a coroa (v.6 - 8)



Paulo continua falando ainda com essas descrições vívidas que dominava tão bem: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.” É provável que Paulo aqui não esteja utilizando três exemplos diferentes de três esferas da vida, mas sim uma mesma descrição de uma esfera da vida: dos jogos.

Em primeiro lugar, Paulo diz: "Combati o bom combate". Ele usa a palavra "agon," que se refere a uma competição na arena do circo romano. Quando um atleta pode afirmar que deu o seu melhor, que deu tudo de si na competição, que foi uma luta justa, então, ganhe ou perca, ele pode sentir satisfação no coração. Paulo chegou ao fim de sua vida e está seguro de que deu o seu melhor.

Em segundo lugar, Paulo diz: "Completei a carreira." A vida é como uma corrida, e é fácil começar, mas difícil terminar. Requer resistência, e muitas pessoas desistem no meio do caminho. No entanto, Paulo declara que completou a corrida. Alcançar a linha de chegada traz uma profunda satisfação. Isso nos lembra a famosa Maratona, que teve origem na Batalha de Maratona, uma batalha crucial em que os gregos enfrentaram os persas. Um soldado correu durante todo um dia e uma noite para levar a notícia da vitória a Atenas. Ele chegou aos magistrados de Atenas e, ofegante, anunciou: "Alegrem-se! Conquistamos!" e, enquanto transmitia a mensagem, caiu morto. Ele havia completado sua jornada e cumprido sua missão, uma maneira nobre de morrer.

Em terceiro lugar, Paulo diz: "Guardei a fé" ou "perseverei na fé". Essa expressão pode ter mais de um significado. Se considerarmos o contexto dos jogos, isso pode se referir a manter a fé como algo precioso e valioso, assim como um atleta protege sua posição na competição. Independentemente do contexto, a ideia é que Paulo manteve sua fé firme até o fim de sua vida.

Os grandes jogos da Grécia eram as Olimpíadas; a estes jogos chegavam os maiores atletas do mundo; um dia antes dos jogos se reuniam todos os competidores e prestavam um juramento solene perante os deuses de que não tinham tido menos de dez meses de treinamento, e que não recorriam a nenhuma armadilha para ganhar.

Prometiam guardar as normas da honra nas competências. De modo que Paulo poderia ter estado dizendo: "Guardei as normas; participei dos jogos com honra." Seria grandioso morrer sabendo que nunca em nossas vidas transgredimos as normas da honra e da honestidade na carreira da vida.

Outro significado para esta frase e que ela era usada comumente no mundo dos negócios. Era a frase comum que os gregos usavam para dizer: "Mantive as condições do contrato; fui leal ao meu compromisso." Se Paulo a utilizou desta maneira, quis dizer que se comprometeu a servir a Cristo, e que manteve seu compromisso, e que nunca falhou com seu Mestre.

Ou ainda, poderia significar: "Mantive minha fé: não perdi nunca minha confiança, nem minha esperança." Se Paulo a utilizou desta maneira, quis dizer que fizesse bom ou mau tempo, em liberdade ou no cárcere, em todos os perigos em terra e mar, e agora perante a própria morte, nunca tinha perdido sua perfeita confiança e fé em Jesus Cristo. Dentro de seu coração havia uma esperança que nunca vacilava, que flamejou durante toda sua vida e com a qual, finalmente, enfrentou a morte. Paulo continua dizendo que Ihe está guardada uma coroa (v.8). Nos jogos da Grécia o prêmio maior era a coroa de louro. O ganhador era coroado com ela; levá-la posta era a maior honra para um atleta. Lutava por uma coroa que em poucos dias estaria murcha e enrugada. Mas Paulo sabia que Ihe esperava uma coroa que nunca iria murchar. Neste momento Paulo vai do veredicto dos homens ao de Deus. Sabia que em pouco tempo estaria perante o estrado do juízo romano, e que seu juízo só podia ter um fim. Sabia qual ia ser o veredicto de Nero, mas também conhecia o veredicto de Deus. O homem cuja vida está dedicada a Jesus Cristo é indiferente ao veredicto dos homens. Não Ihe interessa se o homem o condena; interessava-Ihe a escutar seu Mestre dizendo: "Muito bem!" E logo Paulo faz soar ainda outra nota. Esta coroa não espera somente a ele; espera a todos aqueles que esperam e amam a vinda do Rei. É como se Paulo dissesse ao jovem Timóteo: "Timóteo, meu fim está próximo; e sei que vou rumo à minha recompensa. Se você seguir meus passos, sentirá a mesma confiança e a mesma alegria quando chegar o fim."

A alegria de Paulo está ao alcance de toda pessoa que combate na mesma batalha, que também finaliza a corrida e que também persevera na fé.

Conclusão

O ministro cristão sempre procura conservar-se em estado de prontidão para pregar em cada ocasião oportuna. Procura sempre corrigir, apelando para a razão; repreender apelando à consciência de cada cristão com relação sua vida espiritual e atitudes para com seus semelhantes; exortar, no sentido de apelar para a vontade.



Aplicação

1. Você tem estado preparado para dar razão da sua fé aos procuram questionar o cristianismo?
2. Sua mensagem para aqueles que estão ao seu redor provocam tentativas e transformação na das pessoas?
3. Sua vida ministerial possui as marcas de: um bom soldado corajoso; um atleta perseverante na jornada; e a hospitalidade de um bom mordomo?

Um Líder Digno de ser Seguido

15 f

(TT 1.1-9)

Texto Básico:

"Apegue-se firmemente à fiel Palavra, da forma como foi ministrada, a fim de que seja capaz de encorajar os crentes na sã doutrina quanto de convencer os que se opõem a ela" (Tt 1.9)

Leitura Semanal

Segunda:	Js 1.1-18
Terça:	Am 3.1-15
Quarta:	Jr 7.1-34
Quinta:	Cl 1.1-29
Sexta:	Jo 3.16-30
Sábado:	Sl 19-45

Objetivo da lição:

Destacar a importância de líderes que se apegam à Palavra de forma fiel e que são capazes de encorajar os crentes na sã doutrina e de convencer os que se opõem a ela.

Nesta lição, exploraremos as características de um líder digno de ser seguido, com base nas instruções de Paulo a Tito. Paulo começa enfatizando a importância de se apegar firmemente à Palavra fiel, a fim de cumprir o papel de encorajar os crentes na sã doutrina e de convencer aqueles que se opõem a ela.

1.O apostolado de Paulo estava inserido em uma longa tradição. Ele se via como um servo de Deus, conectando-se à linhagem de profetas e líderes do passado, como Moisés e Josué. Isso enfatizava que a Igreja não era uma instituição recente, mas tinha uma história rica que abrangia séculos. Quando alguém se envolvia com a Igreja, estava se unindo a essa longa sucessão de servos de Deus.

2.O apostolado de Paulo lhe conferia grande autoridade. Ele se considerava o enviado de Cristo e não derivava sua autoridade de sua própria sabedoria ou bondade moral. Paulo falava com a autoridade de Cristo, uma autoridade delegada. Aqueles que pregam o evangelho de Cristo ou ensinam Sua verdade devem fazê-lo com dedicação, transmitindo a mensagem de Cristo e a Palavra de Deus.

3.A mensagem do apóstolo Paulo tinha como base a esperança da vida eterna. A oferta cristã é a certeza de uma nova vida em Cristo, uma vida abundante. A expressão "vida eterna" é frequente no Novo Testamento e significa compartilhar a vida de Deus. O evangelho cristão não se limita a credos intelectuais ou códigos morais; ele oferece a vida de Deus, trazendo poder, serenidade, verdade, bondade e alegria para a vida das pessoas. Meditar na vida celestial é fundamental para uma fé genuína e um desejo sincero de piedade. O objetivo de um bom mestre é sempre direcionar as pessoas do mundo para olharem em direção ao céu.

I. O Propósito de Deus

O papel do apóstolo é habilitar as pessoas a entrar na vida eterna.

O dever do apóstolo é inspirar a fé nas pessoas, e, para Paulo, a fé significa uma confiança total e absoluta em Deus. Na vida cristã, o primeiro passo é reconhecer que somos incapazes de realizar qualquer coisa por nós mesmos; precisamos apenas receber. Em todas as áreas da vida, independentemente de quão grande seja o presente, ele permanece inativo até que seja recebido. Assim, o primeiro dever de um cristão é convencer os outros a aceitarem o presente de Deus. Em última instância, não podemos convencer alguém a se tornar cristão por meio de argumentos; tudo o que podemos fazer é dizer: "Experimente e veja!"

O dever de um apóstolo é equipar os outros com conhecimento.

A evangelização e a educação cristã devem andar de mãos dadas na vida cristã e na igreja. Um pregador e mestre cristão deve ser uma única pessoa. A fé começa como uma resposta do coração, mas deve se desenvolver até se tornar um entendimento completo. Ninguém pode viver perpetuamente baseado em emoções. A vida cristã deve ser um modo de amar mais e compreender melhor a Cristo no cotidiano. Quando se fala em "verdade", está se enfatizando a necessidade de uma fé fundamentada em certezas, não em probabilidades, especialmente em relação à revelação divina. A verdade refere-se ao conhecimento puro e perfeito de Deus que nos protege do erro e da falsidade.

O resultado da fé e conhecimento deve ser uma vida verdadeiramente religiosa.

A fé deve ser vivificante, e o conhecimento cristão não se limita ao intelecto; ele se estende à capacidade de viver de acordo com os princípios cristãos. Uma vida verdadeiramente religiosa é aquela em que a pessoa mantém uma relação correta com Deus, consigo mesma e com os outros. É uma vida que enfrenta tanto os momentos importantes quanto as tarefas cotidianas. O dever de um cristão é compartilhar com os outros a mesma vida que vem de Deus, inspirando fé nos corações e aprofundando o conhecimento na mente, capacitando as pessoas a refletirem o caráter de Cristo.

O propósito de Deus para a humanidade sempre foi a salvação.

Sua promessa de vida eterna existia antes da criação do mundo. É importante observar que nesta passagem, Paulo usa a palavra "Salvador" tanto para se referir a Cristo quanto a Deus. Às vezes, ouvimos o evangelho apresentado de forma que parece haver uma diferença entre o amoroso e amável Jesus e o Deus sério e rigoroso. Pode parecer que Jesus fez algo para mudar a atitude de Deus em relação aos seres humanos, persuadindo-O a abandonar Sua ira e não os punir. No entanto, essa distinção não encontra respaldo no Novo Testamento. Por trás de todo o processo de salvação está o amor eterno e imutável de Deus, e Jesus compartilhou esse amor com os seres humanos. Deus é, por natureza, um Deus Salvador, cujo desejo primordial é salvar, não condenar. Ele é como um Pai que deseja que Seus filhos retornem para casa, não para destruí-los ou puni-los, mas para abraçá-los com Seu amor paternal.

Deus enviou Sua mensagem no momento certo. Isso significa que toda a história estava se preparando para a vinda de Jesus. Houve revelações da Palavra de Deus quando Ele falou através dos profetas no passado. No entanto, a vinda de Cristo representou a manifestação pública do que os profetas haviam previsto de maneira parcial. Paulo afirma que o que antes era revelado de forma limitada agora foi revelado completamente. Ninguém pode aprender algo até que esteja preparado para recebê-lo. Todos devem começar desde o básico em seu processo de aprendizado. Da mesma forma, o mundo precisava estar preparado para a chegada de Jesus. Toda a história do Antigo Testamento, bem como as explorações filosóficas dos gregos, eram etapas na preparação para a chegada de Jesus. O Espírito de Deus estava agindo entre judeus e outras nações para que estivessem prontos para receber o Filho de Deus quando Ele chegasse. O ensino dos profetas e a busca intelectual da verdade, realizada por pessoas de todas as nações, faziam parte de um processo divinamente inspirado para culminar na vinda de Jesus com a plenitude da verdade de Deus para a humanidade. Toda a história pode ser vista como a educação da humanidade por parte de Deus. A expressão "no devido tempo" tem o mesmo significado de "na plenitude dos tempos" (Gálatas 4.4). Isso nos lembra que o tempo escolhido por Deus para realizar isso foi o momento mais apropriado. Paulo menciona isso para acalmar a curiosidade daqueles que questionam por que isso não aconteceu mais

cedo ou por que não ocorre imediatamente. Ele enfatiza que os tempos estão nas mãos de Deus, e tudo acontece na ordem e no momento determinados por Ele.

Algo foi confiado a ele para o cumprimento eficaz de seu ministério.

Nem todos os indivíduos estão preparados para assumir essa grande responsabilidade, e ninguém deve se precipitar nessa função. O apóstolo enfatiza mais uma vez sua vocação, como é seu costume fazer. Aqui, a lição que podemos tirar, como já mencionado anteriormente, é que não se deve atribuir a honra do ministério a qualquer pessoa, a menos que seja claramente confirmado que Deus a ordenou. Muitos indivíduos, inclusive ministros que não servem a Deus, podem afirmar com falsidade que foram chamados por Deus. No entanto, quando Paulo menciona sua vocação, ela é reconhecida e bem documentada. Além disso, podemos aprender com este trecho que os homens são nomeados apóstolos com o propósito de proclamar o evangelho, como Paulo afirma em outro lugar: "Ai de mim se eu não pregar o evangelho, pois esta responsabilidade me foi confiada" (1 Coríntios 9.16). Portanto, aqueles que buscam a posição apostólica apenas para viver ociosamente e de forma indulgente não têm escrúpulos ao reivindicar a sucessão apostólica para si próprios.

O ser sempre precede o fazer. Isso significa que nossas ações são diretamente influenciadas pela nossa identidade, e quem somos determina as escolhas que fazemos. Portanto, aqueles que experimentaram a transformação pela graça de Deus devem refletir o caráter de Cristo em seu comportamento.

Nesta seção, o foco do apóstolo é a verdade das Escrituras. Se os líderes da igreja são indivíduos fiéis cujos corações foram transformados pela graça de Deus, a mensagem e o ministério da congregação devem refletir essa mesma graça no mundo. No entanto, essa tarefa não é fácil para o povo de Deus.

Conclusão

Aprendemos nesta passagem porque os homens são ordenados apóstolos a fim de publicarem o evangelho. como Paulo diz em outra parte: “Ai de mim se não pregar o evangelho; esta responsabilidade me foi confiada” (1Co 9.16). Por conseguinte, aqueles que se aportam como “fantoques” em meio à ociosidade e à luxúria, são pessoas sem nenhum pudor ao reivindicarem para si a sucessão apostólica.



Aplicação

1.Você tem orado para que o Senhor confirme seu ministério com autoridade?

2.Em sua caminhada cristã, você tem influenciado pessoas? Tem promovido a formação de discípulos? Então começa já!

3.Os métodos que você tem utilizado para cumprir o seu chamado estão alinhados às Escrituras? Repense nisso sempre e tenha cuidado.

Aprendizagem Pela Graça

16

(TITO 2.11-15)

Texto Básico:

"Porquanto, a graça de Deus se manifestou salvadora para todas as pessoas" (2 Timóteo 2.11).

Leitura Semanal

Segunda:	Rm 8.28-39
Terça:	Fp 3.1-21
Quarta:	Cl 1.24-29
Quinta:	Ef 4.1-16
Sexta:	Cl 3.1-17
Sábado:	Ef 2.1-22
Domingo:	2Co 4.1-6

Objetivo da lição:

Entender que a graça de Deus é considerada como a razão pela qual todo o membro da família cristã pode e deve viver uma vida cristã autêntica.

Objetivo da lição:

A Graça pela Salvação (v.11) De acordo com a teologia de Paulo, a mensagem da igreja começa com uma verdade fundamental: a manifestação da graça salvadora. A humanidade não recebeu essa graça salvadora através de esforços próprios, méritos ou busca ativa por parte dos indivíduos.

Pelo contrário, a graça divina se manifestou de forma espontânea e voluntária, impulsionada pelo amor, bondade e misericórdia de Deus. Nós, como seres humanos, nunca seríamos merecedores dessa graça.

Deus enviou seu único Filho ao mundo para salvar a humanidade perdida e condenada pelo pecado, movido por seu amor generoso e misericordioso. Vale ressaltar que essa oferta de graça é estendida a todos os seres humanos, embora nem todos a aceitem. Para Paulo, os eventos da vida, morte e ressurreição de Jesus foram o momento e meio nos quais o amor generoso e poderoso de Deus, que ele entende como graça, foi revelado em benefício de toda a raça humana. Com esses eventos, o futuro foi revelado e tudo mudou drasticamente.

. Em especial, agora que nós temos um vislumbre em Jesus de como as coisas serão – um novo mundo criado e nutrido pelo Deus generoso, auto doador de amor e graça, podemos ver como devemos viver no presente.

I. A Graça pela Santificação (v.12)

O termo “santificação” refere-se à nova condição atual do cristão, àquele que “nasceu de novo”, e que agora está separado para Deus. Essa condição atual, como salvação, é Deus agindo em nosso favor, e não algo que fazemos por nós mesmos (Rm 8.28-39). Embora sejamos ordenados a moldar nosso comportamento para que correspondam à nossa identidade como instrumentos especialmente separados por Deus, o Senhor não nos deixa desempenhar essa tarefa sobrenatural por nossa conta.

Essa graça que recebemos não só nos salva da condenação eterna do pecado, mas também nos “ensina”, orienta. Com Deus, aprendemos como viver muito antes de estar preparados para o aprendizado por meio de livros. Observe que somos ensinados sobre o que não fazer e sobre o que devemos fazer. Da perspectiva negativa, aprendemos a rejeitar a impiedade, palavra que denota um estilo de vida irreverente, o que inevitavelmente produz desprezo por Deus.

A graça, além de rejeitar o comportamento que despreza Deus, ensina-nos a rejeitar as paixões mundanas. Paulo não usa essa expressão para condenar o prazer oriundo da riqueza, alimento, tecnologia ou outros deleites físicos.

Para ele, o mundo representa tudo que não está em Cristo ou é de Cristo. Por conseguinte, as paixões mundanas referem-se ao que o inimigo cobiça – as coisas que são pecaminosas por definição – ou ao tipo de anseio desesperado, idólatra, que leva ao pecado. O mundo deseja a riqueza como meio de poder, autogratificação ou validação. A graça instrui o cristão a desfrutar a riqueza como uma dádiva de Deus. A graça nos treina para evitarmos o que o mundo deseja e evitar ansiar por algo com motivos iguais ao do mundo. Em um sentido positivo, a graça ensina aos cristãos como deixar o comportamento fútil e destrutivo e buscar o que é sóbrio (de mente sã), justo (aquilo que é considerado bom na corte celestial) e piedoso (aquilo que respeita ou reverencia a Deus).

O mundo está cheio de formas destrutivas de vida, nas quais as pessoas viram às costas para Deus e agem de acordo com qualquer paixão que as esteja envolvendo. Isso não é uma maneira de se preparar para o futuro cheio da graça de Deus. Ao contrário, aqueles que esperam ansiosamente pela aparição de Jesus (v.13), o Jesus que é não somente Rei e Salvador, mas também a encarnação viva do próprio Deus, precisam ter vidas que possam ser resumidas em três palavras (v.12)

Primeira, para consigo mesmo:

“sóbrio”; “sensato” – É ter domínio próprio; ou seja, fazer uso adequado dos desejos e impulsos que em si mesmos não são pecaminosos, e vencer os que são pecaminosos;

Segunda, para com o próximo:

“justo”; “justiça” – tem a ver com honradez, integridade no relacionamento com os demais. O cristão que entende o que significa graça de Deus – o poderoso amor que vai colocar o mundo em ordem, e que começa a fazê-lo em Jesus – não será capaz de ficar de braços cruzados enquanto vê a justiça operando. A palavra é profundamente positiva e designa uma vida que tanto tem sido transformada como se dedica a

(1Co 6.2; 2Co 4.3,4; 5.18-20; Gl 6.14; Ef 2.17,12,13; Cl 2.8).

Terceira, para com Deus:

“devoto”; “devoção”; “piedade” - verdadeiro fervor e reverência para com o único que é digno de nossa verdadeira adoração. Aquele que, de maneira sadia busca viver uma vida cristã é alguém que está bem consigo mesmo e, é capaz de deixar outros assim também.

A expressão final “nesta presente era”, salienta a tensão vivenciada pelos cristãos à medida que seu padrão de conduta vai contra a corrente do padrão do mundo. Jesus Cristo nos capacita a viver com a sobriedade que tem tudo sob um perfeito controle, e que não permite que nenhuma paixão ou desejo ocupe mais do lugar que lhe corresponde; com a justiça que nos permite dar tanto a Deus como aos homens o que lhes corresponde; com a reverência que nos faz viver atentos perante o fato de que todos que foram transformados pela graça em Cristo, são, templo e morada de Deus. Mas há ainda uma interpretação mais simples do significado desta frase: desejos mundanos; são coisas que não poderemos mostrar a Deus. A tarefa de Cristo é a de nos limpar dos desejos que nos sentimos envergonhados de mostrar a Deus. Cristo pode fazer com que não só nossa vida exterior seja digna de ser vista por Deus, mas também nosso coração também.

II. A Graça na Glorificação (v.13)



A salvação reflete no passado; a santificação considera o presente; a glorificação aponta e espera pelo futuro.

A palavra esperança sugere um pensamento anelante, uma ardente expectativa. Essa esperança não é apenas um entendimento intelectual do tipo, por exemplo, “tenho esperança de que talvez amanhã, será um dia de sol”, pois esse desejo está carregado pela incerteza que isso possa acontecer – ou seja – “talvez sim; talvez não”. Paulo usa esse termo de um modo muito específico para descrever o dia em que Jesus voltará para governar o mundo e fazer nova todas às coisas. A esperança qual o apóstolo se refere, nada mais é a plena convicção que o Senhor Jesus cumprirá cabalmente a sua Palavra. A glória refere-se ao estado de coisas como Deus planeja e as deseja e assim o fará. Jesus falou de sua própria glorificação como um momento em que o caráter justo de Deus foi revelado por intermédio da ressurreição de seu Filho.

No fim, os todos os verdadeiros cristãos compartilharão a glória de Cristo quando receberem um corpo ressurreto como o dEle (Fp 3.21).

Nosso corpo refletirá a plena imagem de Deus, a qual foi distorcida pela queda no Éden.

A dinâmica desta nova vida é a expectativa da vinda de Jesus Cristo. Quando se espera uma visita real, limpasse tudo, decora e acerta para que o olho do rei o veja. O cristão é uma pessoa que deve estar sempre preparada para receber o “Rei dos reis”; e sabemos que um dia Ele voltará.

A Graça como Redenção (v.14)



Paulo conclui seu breve discurso sobre a graça com as doutrinas da “Substituição” e da “Redenção”. Jesus tomou o nosso lugar e sofreu pagando a pena que os nossos pecados mereciam; de modo que ficamos livres tanto da escravidão do pecado como também da condenação eterna. Éramos escravos do mal, compelidos a cumprir suas ordens, porém, Cristo nos libertou da escravidão para que não mais fossemos escravos do pecado e do medo. Fomos comprados por um alto preço para sairmos da escravidão da maldade; agora somos propriedade exclusiva de um novo Senhor. Jesus nos redimiu do poder da iniquidade.

Resgatou-nos do poder que nos faz pecar. Jesus pode nos purificar até que estejamos preparados para ser o povo exclusivamente de Deus. A palavra que se traduziu por exclusivamente (periousios) é muito interessante, pois significa “afastado”, “reservado para”; e era utilizada especialmente para essa parte dos despojos de uma batalha ou de uma campanha realizada por um rei que este separava prioritariamente para si mesmo. Através da obra de Jesus Cristo, o cristão é capacitado para ser a possessão própria de Deus, pois Cristo venceu a batalha do pecado, da morte e do diabo, e nos tomou como posse sua dessa grande vitória.

Graça que proclama a Verdade (v.15)



Paulo encarrega Tito da responsabilidade de proclamar a verdade da graça para as igrejas e por intermédio delas; ele está encarregado de uma tríplice tarefa como pregador, um mestre e um líder cristão. Os imperativos dos verbos revelam a urgência e a autoridade de quem as delegou: “proclamação”.

Deve-se proclamar uma mensagem, mas não é uma mensagem qualquer, é a Palavra de Deus, que transforma e dá vida ao pecador morto em seus delitos e pecados. Há coisas sobre as quais não se pode argumentar, e sobre as quais toda discussão seria irrelevante. Com as Escrituras na mente e no coração, todo o arauto do Senhor, em determinados momentos devem dizer:

"Assim diz o Senhor". Com a mensagem do Evangelho nas mãos e no coração todo o pregador é um "profeta" para essa geração corrupta.

(a) "Encoraja" - é uma tarefa de exortação. Qualquer pregador que reduza a sua audiência a um frio desespero fracassou em sua tarefa. Os pecados devem ser condenados, não para que as pessoas sintam que seu caso é desesperador, mas para que possam ser guiadas

(b) "Prega"-Éumatarefada graça que está acima de todos os pecados. Assim, todos os que proclamam a Palavra devem denunciar o pecado, o estado espiritual das pessoas que estão perdidas sem Cristo, e também mostrarem a solução, o caminho para voltar-se para Deus - Jesus Cristo. A Igreja está encarregada com uma tremenda responsabilidade de ser a proclamada da verdade de Deus, sendo um agente de transformação em sua comunidade local.

(c) "Corrige" - é uma tarefa de "repreender". Os olhos do pecador devem ser abertos ao pecado. A mente do errado deve ser guiada para que veja seu equívoco. O coração do negligente deve ser tocado para que desperte. A mensagem cristã não é uma droga que faz dormir as pessoas; não é a segurança cômoda de que tudo está bem. É em realidade uma luz deslumbrante que mostra aos homens mesmos o que são, e a Deus tal como Ele é. Pregar a graça é um negócio sério e muito perigoso. Alguns tentarão abusar da graça, encontrando na liberdade espiritual licença para cometer pecado sem medo da disciplina divina (Rm 6.1,15). Mas a graça não pode ser restringida por leis nem deixar de ser graça (Gl 2.21). Corrigir o erro dos homens em amor é uma das virtudes da pregação do Evangelho. Pois a repreensão traz arrependimento e restauração do pecador.

Conclusão

A missão da igreja é tornar-se um exemplo visível da graça de Deus para a humanidade. Como cristãos, precisamos trazer essa “substância” sobrenatural chamado graça para a terra, de modo que ela seja contemplada, ouvida e vivenciada por todas as pessoas. Deus chama certos homens para deixarem suas vidas comuns a fim de se tornarem, pastores, líderes, pessoas encarregadas do privilégio impressionante do aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para edificação do corpo de Cristo(Ef4.12).Para esse fim, Paulo resumiu o trabalho de um pastor, explicando o que ele deve ensinar e também como deve ensinar.



Aplicação

1. Qual é a declaração de maior condenação de Tito 2 para você? E qual é a verdade mais consoladora?processo de preparo e condução para o cumprimento desse propósito.

Conduta no Mundo o Desafio Social dos Cristãos

17 f

(TITO 3.1-15)

Texto Básico:

"Esta, pois, é uma palavra totalmente digna de crédito, e quero que a proclameis categoricamente, a fim de que aqueles que crêem em Deus se empenhem na prática de boas obras, porque a vida sobrenatural do Espírito Santo outorgada pelo batismo ache expressão em semelhante atitude." Nesta lição, o apóstolo Paulo ensina aos cristãos como devem se comportar no ambiente social em geral. Ele exorta os crentes a serem modelos de boa cidadania e a expressarem a vida sobrenatural do Espírito Santo por meio de boas obras. Paulo muda o foco da discussão, deixando de lado a vida na igreja e passando a abordar como os crentes devem viver no mundo pagão em geral. Ele enfatiza a importância de proclamar a mensagem com confiança para encorajar aqueles que creem em Deus a se dedicarem à prática de boas ações.

Leitura Semanal

Segunda:	Ef 5.1-21
Terça:	Ez 36.16-38
Quarta:	Jo 3.1-21
Quinta:	Rm 8.1-17
Sexta:	Gl 4.1-7
Sábado:	At 2.37-47
Domingo:	1Co 12.1-31

Objetivo da lição:

Entender o papel importante da igreja como agência transformadora de vidas, atuando diretamente na vida da sociedade que está inserida. Revelar o papel importante do pastor nesse processo de preparo e condução para o cumprimento desse propósito.

Introdução

Até este ponto, Paulo tem se ocupado com a ordem interna das igrejas de Creta, e com os deveres dos seus membros, uns para com os outros. Agora faz um breve comentário sobre seu relacionamento com o poder civil e seu meio ambiente pagão em geral. Ele ensina os cristãos a serem devem ser modelos de boa cidadania, precisamente porque a vida sobrenatural do Espírito Santo outorgada pelo batismo acha expressão em semelhante atitude. Paulo muda o tema, deixando de falar sobre como os crentes devem viver na igreja, para analisar como eles devem viver em sociedade. Ao longo de sua carta, Paulo deixou claro que Tito tinha um papel maior a desempenhar do que simplesmente manter a igreja que existia em Creta. O propósito de Paulo era evangelístico, pois ele queria que o trabalho de Tito levasse mais pessoas para fé em Cristo. Para que isso ocorresse, as orientações de Paulo destinavam-se a preparar as igrejas de Creta para um evangelismo efetivo.

I. Qualidades de um bom cidadão (Tito 3.1,2):

Paulo oferece orientações sobre como os cristãos devem viver em sociedade, e é importante compreender que sua missão em Creta era principalmente evangelística, visando levar mais pessoas a crer em Cristo. As diretrizes de Paulo tinham o propósito de preparar as igrejas de Creta para um evangelismo eficaz. As seis qualidades do "bom cidadão" definidas pelo apóstolo são:

Obediência à lei (v.1): O bom cidadão reconhece a importância da obediência às leis para manter a ordem na sociedade. Respeita as autoridades e cumpre as ordens que recebe

Abrandamento (v.2): O cristianismo não anula a individualidade, mas enfatiza que cada indivíduo faz parte de uma comunidade maior. É no serviço e convivência com outros que a personalidade se expressa de maneira mais completa.

Evitar contendas (v.2): Os bons cidadãos evitam discussões e brigas desnecessárias, promovendo a paz e a harmonia em sua comunidade.

Ser amável (v.2): A amabilidade e o respeito pelo próximo são qualidades valorizadas. Os cristãos devem tratar os outros com gentileza e cortesia.**Mostrar mansidão (v.2):** A mansidão envolve a capacidade de lidar com os outros com paciência e compreensão, mesmo em situações desafiadoras.

Demonstrar humildade (v.2): A humildade é uma característica essencial. Os bons cidadãos não se consideram superiores aos outros, mas reconhecem a igualdade e dignidade de todos.

Paulo enfatiza que essas qualidades são essenciais para os cristãos que desejam desempenhar um papel positivo na sociedade e cumprir sua missão evangelística.

1) O bom cidadão é ativo no serviço (v.1). Está preparado para toda obra, sempre que seja correta. A enfermidade moderna característica é o aborrecimento, e o aborrecimento é o resultado direto do egoísmo. Enquanto viva com o princípio de "Por que eu tenho que fazê-lo? Que o faça outro", o homem está condenado a aborrecer-se. O interesse da vida está no serviço, ou seja, "estejam sempre prontos a fazer tudo o que é bom" (v.1).

2) O bom cidadão não difama (v.2). Não deve caluniar a ninguém. Ninguém deveria dizer a respeito de outros, o que não gostaria que dissessem a respeito de si mesmo. O bom cidadão cuidará tanto as palavras que diga como as coisas que faça. Difamar é a tradução da palavra grega que se origina a palavra blasfêmia. Ela significa amaldiçoar, caluniar, ou tratar alguém com desprezo. A blasfêmia é qualquer modo de falar que desconsidera ou desrespeita a posição do outro. Mesmo o menos importante da humanidade merece respeito por nenhum outro motivo além do fato que ele carrega a imagem de Deus, e este o valoriza tanto que enviou seu Filho para redimi-lo.

3) O bom cidadão não é agressivo, briguento (v.2). A palavra grega é

amachos, “que se abstém de lutar”. Isto não significa que o bom cidadão não defenderá os princípios que crê como corretos, mas que nunca será tão obstinado como para não crer que existem outras propostas corretas além das suas. Permitirá que outros tenham o mesmo direito a sustentar suas convicções como ele as suas. Uma pessoa assim se afasta das brigas; ele simplesmente decide não brigar, mesmo que conseguisse alguma vantagem com isso.

4) O bom cidadão é amável (v.2). A palavra no grego é *epieikes*, que descreve pessoa que não se atém somente à lei.

Aristóteles disse que esta palavra denota "a consideração indulgente para com as fraquezas humanas", ou seja, a habilidade de "considerar não só o que diz a lei, mas também a mente e a intenção do legislador". O homem *epieikes* está sempre preparado a moderar a justiça com a misericórdia, e a evitar a injustiça que muitas vezes descansa no fato de ser estritamente justo. Essa declaração não sugere que temos de ser capacho do mundo. A amabilidade honra o espírito da lei, em vez de se ater rigidamente à letra da lei. Diz-se que um rei é gentil quando ele usa seu poder na medida apropriada para preservar o bem comum de seus súditos.


5) O bom cidadão é manso (v.2). A palavra no grego é *praus*, que descreve a pessoa cujo temperamento está sempre sob controle; sabe quando tem que zangar-se e quando não deve fazê-lo. Ao homem que pacientemente suporta os males que lhe têm feito e, sempre estará educadamente preparado para ajudar outros, mesmo quando estes lhes têm feito mal ou prejudicado. Demonstrar verdadeira mansidão para com todas as pessoas descreve de forma maravilhosa o espírito da graça. Nosso comportamento geral em relação aos outros tem de ser a cortesia humilde, demonstrada pelas respostas amáveis. Além disso, os cristãos têm de oferecer essa dignidade a “todos”, a expressão idiomática grega para “com todos” – independentemente de raça, gênero, cor de pele, religião ou falta de religião, inclinações políticas, posição econômica, salário, ocupação, educação ou condição social – “Todas as pessoas de todos os lugares”. Qualidades como estas são só possíveis para o cristão, porque só são possíveis para a pessoa em cujo coração Cristo reina supremo. O bem-estar de qualquer comunidade depende dos cristãos que estão nela inseridos, e aceitem o dever de demonstrar a todo mundo a nobreza da cidadania cristã.

II. A dinâmica da vida cristã (v.3-7).




A dinâmica da vida cristã tem um caráter duplo: Em primeiro lugar, ter a consciência de que estes convertidos ao cristianismo não eram melhores que seus semelhantes pagãos. A retidão cristã não faz com que a pessoa se orgulhe; ela o faz sumamente agradecido. Ao olhar a outros, que levam uma vida pagã e herege, não os considera com desprezo nem com arrogante acusação. Em segundo lugar, ser conscientes do que Deus tem feito pelos homens em Jesus Cristo. Talvez não haja outra passagem no Novo Testamento que nos descreva de maneira mais resumida, e apesar disto mais completa, a tarefa de Cristo pelos homens. Podemos destacar sete fatores principais a respeito da obra redentora de Cristo.

O que Jesus fez por nós
foi nos pôr numa nova
relação com Deus (v.3).



Até vir Jesus, Deus era um Rei, perante o qual os homens se apresentavam com temor, um Juiz perante o qual os homens retrocediam com terror, o majestoso Potentado, ao que só podiam considerar com medo. Jesus veio para falar com os homens a respeito de um Pai cujo coração estava aberto e cujas mãos se estendiam com amor. Veio para falar com os homens, não da justiça que os perseguiria para sempre até que os alcançasse, mas sim de um amor que nunca os abandonaria. A graça de Deus se manifestou (Tt 2.11,12). A bondade e o amor de Cristo apareceram. Deus veio nos procurar, mesmo quando continuávamos nossas buscas rebeldes e egoístas.

Este amor e graça de Deus
são dons que nenhum homem
pode ganhar e nem nunca o conquistar (v.4).



Essa descrição detalhada da bondade e do amor de Deus anula qualquer sugestão de que os cristãos merecem algum crédito por seu lugar em Cristo ou por seu caráter aperfeiçoado.

Deus, motivado apenas pela sua bondade e amor, nos salvou porque Ele é bom, e não porque somos bons; por causa de sua misericórdia, e não da nossa justiça. Deus oferece seu amor aos homens, não pelas ações corretas que realizaram, mas sim simplesmente pela grande misericórdia de seu coração. O cristão nunca pensa no que ganhou; só pensa no que Deus lhe outorgou. A característica da vida cristã deve ser sempre a gratidão maravilhosa e humilde, e nunca a satisfação própria orgulhosa.

Todo o processo de salvação se deve a duas grandes qualidades de Deus:



Sua bondade (crestotes): Refere-se a um espírito benevolente que está sempre disposto a dar tudo o que for necessário. Essa bondade se manifesta na prontidão para perdoar e abençoar quando necessário. É a bondade que abrange tudo, gerando sentimentos calorosos e ações generosas em todos os momentos.

O amor de Deus pelos homens (filantropia):



Essa palavra grega descreve o amor do homem para com seus semelhantes, a graça do bom rei para com seus súditos e a piedade ativa do homem generoso para com aqueles que estão em necessidade ou angústia. É especialmente associada à compaixão que leva alguém a redimir seu semelhante quando este cai em cativeiro. Por trás de tudo isso, não há mérito humano; está a misericórdia benigna e o amor universal pela humanidade que existem no coração de Deus.

Sobre a regeneração da vida cristã:



A regeneração na vida cristã é um processo contínuo. Começa com Deus garantindo ao cristão uma nova natureza, como um novo nascimento.

Esta renovação não ocorre em um único momento, mas se repete diariamente na vida do cristão. É um processo de recriação que começa com Deus e transforma a vida do crente antes da era por vir.

Este amor e esta graça de Deus são mediadas aos homens através da Igreja. Se a regeneração é o dom de uma nova natureza, chegam ao homem através da natureza, então a renovação, pelo Espírito (v.5).



O sacramento do batismo não exclui a possibilidade de receber a graça de Deus de outras maneiras. Deus não se limita aos sacramentos, mas a Igreja serve como um canal constante para a graça divina. O Espírito Santo desempenha um papel fundamental no crescimento contínuo dos crentes nessa nova natureza espiritual. A regeneração ocorre uma vez, enquanto a santificação se desenvolve progressivamente ao longo do tempo.

O batismo é um ato deliberado de abandonar um modo de vida e adotar uma nova trajetória. Representa a transição de uma forma de vida para outra, marcando o início de uma nova natureza espiritual. No batismo, os indivíduos recebem o poder purificador do Espírito Santo (v.6), que é essencial para essa transformação.

Por trás de todo esse processo está o poder do Espírito Santo, que desempenha um papel crucial em capacitar e guiar os crentes em sua jornada de renovação espiritual. A graça e o amor de Deus são mediados aos homens dentro da Igreja, abrindo caminho para uma nova vida espiritual.

A graça e o amor de Deus são mediados uma forma de vida para entrar em outra, aos homens dentro da Igreja, mas o num novo caminho. (v.6).



Toda a tarefa da Igreja, todas as suas palavras, todos os seus sacramentos são fracos e inoperantes a não ser que esteja neles o poder do Espírito Santo. Não importa quão altamente organizada esteja a Igreja, nem quão esplêndidas sejam suas cerimônias, nem quão formosos seus edifícios, nem quão elaborado seu ritual, já que tudo será ineficaz sem o poder do Espírito.

Quanto mais lemos a respeito do Novo Testamento, mais chegamos à conclusão de que para os cristãos da Igreja Primitiva, o Espírito e o Cristo ressuscitado eram um e o mesmo (Deus). A lição é clara. O reavivamento da Igreja não provém de uma crescente eficácia em sua organização; vem de esperar tão somente em Deus. Não é que a eficiência não seja necessária; é necessária. Mas ela não poderá dar vida a um corpo que tenha sido abandonado pelo Espírito. E o mesmo Espírito que ressuscitou a Jesus no terceiro dia, é o mesmo Espírito que nos deu vida e salvação quando estávamos mortos em nossos delitos e pecados.

Traz perdão para os pecados Cristo, porque a vida por vir será ainda passado. Em sua misericórdia Deus não mais grandiosa.



O cristão é a pessoa que utiliza nossos pecados contra nós. Podemos ser pecadores, mas somos pecadores perdoados. Não é que a pessoa não deva, através de toda sua vida, mostrar tristeza e arrependimento por seus pecados; mas a própria lembrança deles o leva a maravilhar-se diante da misericórdia de Deus que perdoa. Somos perdoados por Deus por meio do Sacrifício do seu Filho Jesus. Não há mais morte e nem condenação eterna, conhece a maravilha do perdão do pecado passado, a emoção da vida presente vivida com Cristo e a esperança de uma vida por vir ainda mais grandiosa. Por isso aguarda com muita expectativa o retorno do seu Redentor, pois com Ele iremos morar na eternidade chamada céu.

virão. Oferece ao homem aqui e agora uma vida de uma qualidade queprático e o relativismo moral dominam a sociedade de então. Para a maior parte dessas pessoas, os poucos vestígios de

O cristianismo não afirma ser cristãs. Porém, o ateísmo cristianismo que ainda existem em nossa sociedade são fracos e comprometedores. Nosso compromisso em sermos testemunhas de Jesus, pregando o evangelho e vivendo a nova vida que Cristo comprou para nós na cruz, será uma resposta a esse tipo de cristianismo frio, descompromissado, que não traz conversão verdadeira e nem glorifica a Deus. Nós também devemos vivenciar nossa fé, fazendo boas obras que glorificarão nosso Pai celestial e encaminharão pessoas para Ele; assim, exercitaremos nosso chamado, fazendo a vontade de Deus.

Conclusão

Esta seção oferece uma instrução essencial para todos os que vivem nos dias de hoje. Muitas pessoas afirmam acreditar em Deus; contudo, milhões delas limitam sua devoção apenas às bênçãos que recebem, sem compreender plenamente o compromisso e a responsabilidade que acompanham essa fé.



Aplicação

1. De que modo você pode depender mais do Espírito Santo para se renovar e se estimular a fazer boas obras?
2. Reserve um tempo para louvar a Deus por sua misericórdia e graça, e peça -lHe para fortalecê-lo a vivenciar sua fé no mundo.

CONCLUSÃO DAS CARTAS PASTORAIS



À medida que chegamos ao fim deste livro, somos lembrados da importância e da relevância duradoura das Cartas Pastorais na vida da igreja e dos indivíduos que compõem o corpo de Cristo. As lições extraídas dos capítulos sobre 2 Timóteo nos incentivam a ser diligentes e fiéis no serviço cristão, enquanto exploramos os ideais do líder cristão e nos esforçamos para seguir os passos daqueles que nos precederam na fé.

É inegável o impacto que as Cartas Pastorais têm na orientação pastoral, na formação espiritual, na ética cristã, na liderança e no combate às heresias dentro da comunidade de fé. Por meio desses escritos inspirados, somos desafiados a crescer em santidade, a defender a verdade do Evangelho e a liderar com integridade e amor.

Que as lições aprendidas ao longo deste livro não se limitem apenas ao conhecimento intelectual, mas sejam vividas e manifestadas em nossas vidas diárias, transformando-nos em discípulos dedicados e líderes comprometidos com o Reino de Deus. Que a sabedoria contida nessas páginas nos capacite a ser exemplos vivos da graça e do amor de Cristo em um mundo que tanto precisa dessas virtudes.

Que, ao fecharmos este livro, sejamos impulsionados a continuar a jornada da fé com diligência, fidelidade e compromisso, seguindo os preceitos e exemplos deixados por Paulo e por todos aqueles que nos precederam na nobre missão de servir ao nosso Senhor Jesus Cristo.

Que as Cartas Pastorais continuem a ser uma fonte de inspiração e orientação para a igreja de hoje e das gerações futuras, moldando-nos à imagem de Cristo e capacitando-nos a cumprir o chamado divino que repousa sobre cada um de nós. Que assim seja, para a glória de Deus e o avanço do Seu Reino eterno. Amém.

Referências



SWINDOLL, Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll: 1& 2 Timóteo e Tito.** São Paulo: Hagnos, 2018.

KELLY, J. N. D. **I e II Timóteo e Tito. Introdução e Comentário.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João. **Série Comentários Bíblicos: Pastorais.** São Paulo: Fiel, 2009.

GETZ, Gene A. **A Estatura de um Cristão: Estudos em Tito.** São Paulo: Vida, 1995.

FEE, Gordon D. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: 1 & 2 Timóteo. Tito.** São Paulo: Vida, 1994.

MACARTHUR, John. **1 e 2 Tessalonicenses e Tito: a vida fiel em face da volta de Cristo.** São Paulo: Cultura cristã, 2011.

MACARTHUR, **1 e 2 Timóteo: Estímulos para os Líderes da Igreja.** São Paulo: Cultura cristã, 2011.

LIMA, Elinaldo Renovato de. **As Ordenanças de Cristo nas Cartas Pastorais.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito.** São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

WRIGHT, N.T. Paulo para Todos. **1, 2 Timóteo e Tito.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.



EDITORIA
FMB

